

INTRODUÇÃO

O futebol participou da conformação dos Estados pós-coloniais (GUTTMANN, 1994; MANDELL, 1984) no final do século XIX como produto da expansão capitalista e dos projetos de modernização, nem sempre consensuais ou planejados (LOVISOLO; SOARES, 1998). O crescimento do esporte no Brasil e na América Latina estava associado aos seguintes aspectos: ao surgimento das metrópoles com suas novas redes de sociabilidade; à construção e à expansão de extensas redes de comunicação e transportes; às constantes experimentações de novas tecnologias e modas; aos novos sistemas de produção industrial; ao incentivo dos governos que vislumbravam nos valores ascéticos do esporte um caminho de educação para a saúde e para a formação do caráter (ARCHETTI, 2003; JESÚS, 1998, 1999; MANGAN, 2002; PEREIRA, 2000; SEVCENKO, 1992).

O futebol no Brasil começa sua história aristocrático, branco, elegante, rico e falando inglês, mas rapidamente, torna-se popular, moreno, mulato ou mestiço e dos pobres nas décadas de 1910, 1920 e 1930. A apropriação pelo povo não respeitou os manuais ingleses, mas sim uma interpretação do que viam nas arquibancadas ou do lado de fora, experimentando e executando sua própria maneira de lidar com a bola.

A vontade de parte da população em participar de novas formas de lazer na cidade teve como consequência a prática popular do esporte bretão, com um feitiço diferente baseado na alegria, na improvisação, na criatividade e nas firulas. O estilo incorporou elementos simbólicos ao jogo, como a ginga e a malandragem. Este era o pensamento dominante, embora o estilo tenha sofrido

críticas no final da década de 20 por ser egoísta, exibicionista e não respeitar a disciplina coletiva preconizada pelo jogo inglês (LOVISOLO; SOARES, 2003).

O futebol corroborou com o processo de coesão social na década de 30, fugindo dos particularismos regionais, e como forma de ampliar a popularidade de governantes desde a década de 30, principalmente durante o Estado Novo. O governo transformou o futebol em instrumento de democracia racial para diminuir as tensões e os conflitos étnicos e sociais no país (SALVADOR, 2005).

A participação do Brasil na copa do mundo de 1938, na França, foi dinamizadora, pois com o interesse da imprensa escrita e radiofônica da época, o futebol e a seleção chegaram a todo o país (PEREIRA, 2000). Freyre testemunhou no diário de Pernambuco daquele ano o sucesso brasileiro na copa da França: “um estilo que amolece em danças e curvas as áridas técnicas do futebol europeu”. E na comparação com o futebol que até então era jogado, com a percepção da autenticidade e da diferença, começa a surgir o futebol como identidade nacional. Freyre (1938) afirma o estilo como fruto da miscigenação racial, da influência cultural do negro, do samba e da capoeira, consagrando o que vinha sendo dito de forma esparsa por agentes de menor alcance na cultura nacional.

Neste contexto, o Brasil criou e difundiu o que se denominou chamar o “estilo brasileiro de jogar futebol”. A construção do estilo nacional acompanha o desenvolvimento do futebol no país. As interpretações das narrativas sobre o assunto caminham entre duas hipóteses: produção cultural de acadêmicos e jornalistas ou apropriação do movimento corporal do brasileiro (LOVISOLO; SOARES, 2003).

Apesar do reconhecimento, o futebol nacional tinha uma organização fragmentada e local nos anos 1930, 1940 e 1950, uma vez que os principais campeonatos aconteciam isoladamente nas grandes cidades brasileiras. A falta de uma rede viária articulada e a pouca difusão no interior do país impedia a ampliação do mercado futebolístico. O agenciamento oficial do governo para clubes, federações, campeonatos e a construção de estádios, interferiu neste processo durante as décadas de 1960 e 1970¹.

A década de 1980 foi marcada pelo inchaço de clubes no deficitário Campeonato Nacional, pela saída dos craques brasileiros para mercados estrangeiros e pela fundação do Clube dos Treze, em 1987, que reunia os principais clubes brasileiros descontentes com os rumos do futebol, chegando a organizar um campeonato paralelo ao da CBF².

A partir da década de 90, com o fim das transmissões gratuitas de TV, ocorre a entrada de patrocinadores que impõe visibilidade e novos mercados, o que valoriza as competições nacionais e internacionais, incrementada pelo futebol espetáculo e pela indústria do entretenimento. A globalização³ participa, neste contexto, homogeneizando a forma de jogar e gerando reações locais de preservação da tradição do estilo nacional (LOVISOLO; SOARES, 2003).

A 'massificação do esporte' fez a seleção brasileira ser a expressão máxima do estilo nacional em sua forma de jogar (LOVISOLO; SOARES, 2003). A participação em todas as copas do mundo marca o discurso identitário, o qual vitórias ou derrotas são interpretadas como afirmação,

¹ Cf. Mascarenhas, G. Tensões e Mudanças Recentes na Cultura e na Gestão do Futebol Brasileiro: entre a Tradicional Base Local e as Forças do Mercado. In: Garganta; Oliveira; Murad, 2004, p. 93.

² Ibid, p. 94

³ A globalização, evento da pós-modernidade, que através do desenvolvimento científico, tecnológico e consequente aperfeiçoamento dos meios de comunicação e de transportes, diminuíram o espaço/tempo e proporcionaram o aumento dos fluxos fronteiriços e de culturas transnacionais (HALL, 2001).

resgate ou afastamento das características do futebol brasileiro e preservado na memória social (SALVADOR, 2005).

O futebol transformou-se em uma instituição cultural, que através da mídia, da literatura, do cinema, do lazer e de atividades acadêmicas socializam valores, gostos e sentimentos que permitem à coletividade uma identificação (GIULIANOTTI, 2002). Da mesma forma, Helal e Gordon Jr. (2001) afirmam que o estilo nacional de jogar futebol tornou-se a expressão de um povo, de nossa cultura, do ser brasileiro, de um povo aglutinando em torno de si, de uma comunidade simbólica capaz de gerar um sentimento de pertencimento.

Por outro lado, o “estilo nacional” teve sua estética associada ao “futebol arte”⁴ praticado no Rio de Janeiro. Porém a dimensão continental do país e a comparação com características regionais permitiram a percepção de novas identidades.

Ao buscar a autenticidade brasileira, Freyre cita a molecagem baiana, a capoeira pernambucana e a malandragem carioca, excluindo os demais tipos regionais e homogeneizando o chamado futebol arte, dionisíaco, em oposição ao europeu. Porém, como ficaria a nossa identidade futebolística se considerássemos a contribuição de paulistas, mineiros e gaúchos, por exemplo, talvez Freyre tivesse que admitir o viés apolíneo do futebol brasileiro. (DAMO, 1999)

Assim, há uma tensão que pode ser representada pelo embate entre o “futebol arte” do Rio de Janeiro e o “futebol força”⁵ do Rio Grande do Sul (DAMO, 1999). Porém, dentro das identidades regionais, como Ronaldinho Gaúcho⁶ poderia incorporar a essência do futebol arte ao invés da força?

⁴Segundo Damatta (1982), o futebol arte seria a essência do estilo brasileiro de jogar futebol, fundamentado no drible, na ginga, na individualidade e na malandragem.

⁵ Futebol de intenso vigor físico, marcado pelo incremento da preparação física, forte marcação e aplicação tática.

⁶ Reconhecido pela FIFA como melhor jogador do mundo por duas temporadas.

O discurso romântico afirma que o futebol brasileiro cresceu na várzea ou nas peladas com influência afrodescendente, onde não havia ordem nem disciplina, mas eram espontâneos, com liberdade de criação (LOVISOLO; SOARES, 2003). Os talentos eram descobertos por olheiros e levados para os clubes. Hoje a seleção acontece nas peneiras, indicações de empresários ou nas competições de base (TOLEDO, 2002).

O esporte no Brasil se fortaleceu pelos resultados obtidos dentro de campo, bem como pela proliferação de craques, ostentando sucesso e riqueza⁷. Esta situação sustenta o futebol como representação da identidade nacional e a consequência disto é que uma grande massa de jovens se aventura todos os dias em busca do sonho de fazer parte deste universo, proporcionalmente pequeno para a demanda⁸.

Por outro lado, os grandes centros urbanos sofreram com o inchaço populacional, perdendo para a expansão imobiliária áreas livres que eram utilizadas como campos de jogo e passando a utilizar espaços alternativos para sua prática. O romantismo da várzea ganha o contexto das quadras⁹, dos campos de futebol society¹⁰ e até da areia da praia. Nestes espaços surgem as

⁷ A popularização do futebol no Brasil acabou gerando uma ocupação remunerada para as camadas populares ainda na fase do amadorismo (SALLES, 2004; SALLES; SOARES, 2002; SOARES, 1999). Fato que DaMatta (1982) reconhece como cidadania deslocada, pois independentemente de classe, raça ou origem há democracia e mobilidade social.

⁸ Segundo Damo (2005) existem aproximadamente 500 clubes filiados a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e em torno de 10 a 15 mil postos de trabalho. Apenas 20 clubes agregam 90% da preferência dos torcedores e atrás destes potenciais consumidores segue a indústria do espetáculo. Como consequência, há uma concentração de investimentos em poucos clubes e escassez para outros, gerando má remuneração para a maioria dos jogadores profissionais.

⁹ Clubes, praças públicas e áreas de lazer de prédios ou condomínios residenciais.

¹⁰ A expressão surgiu por obra do comentarista Ruy Porto, que elogiou uma partida com altas personalidades da sociedade carioca e se referiu ao evento como um clássico de Futebol Society. O esporte vem da década de 50, quando no Rio de Janeiro, praticava-se o futebol de amigos nos quintais dos casarões da Tijuca, bairro da zona norte da cidade do Rio de Janeiro. As regras são adaptadas do futebol: não há impedimento e cada lado tem somente uma área e suas medidas eram de 25x50 metros, dentro dos padrões da época.

Os primeiros campos, com o objetivo de locação para a prática extra-oficial do público em geral, foram construídos de areia e surgiram no bairro do Itaim (São Paulo) por volta de 1988. A chegada da grama

escolas de futsal¹¹ e futebol, que se multiplicaram desde a década de 80 devido à privatização das políticas públicas de lazer, à ocupação do tempo livre de jovens e ao mercado de trabalho para profissionais do esporte.

A prática do futebol nestes ambientes superou longamente aquela realizada em campos tradicionais, interferindo nos processos de aprendizagem do futebol e na construção do estilo brasileiro. O principal objeto da investigação será descrever como se está ensinando o futebol nestas instituições. Metodologicamente, realizaremos uma comparação sistemática entre os modos de ensinar e os elementos característicos do estilo brasileiro de jogar futebol. Assim sendo, a segunda questão diz respeito à coerência entre o discurso sobre o estilo e o ensino deste.

O foco do estudo será sobre as escolas de futebol da cidade do Rio de Janeiro e seus atores (professores e alunos), pois a estética do estilo, o “futebol arte”, foi construído e reconhecido na cidade e no país como essência da forma nacional de jogar, nas palavras de jornalistas e acadêmicos,¹² sendo mantido pela mídia. Logo, a busca pelas escolas de futebol, que se organizaram para ensinar o esporte na cidade, pode mostrar ou não se os processos de transmissão das técnicas corporais¹³ representam a identidade futebolística brasileira.

O mercado de escolas de futebol localizadas na cidade se diversificou ao longo do tempo, para atender ao público de acordo com suas necessidades

sintética alcançou em pouco mais de dois anos, um número superior a mil campos no Brasil (<http://www.7society.com.br> - site oficial da Confederação Brasileira de Futebol Sete Society. Acesso em 20/06/2006).

¹¹ Na década de 90, a FIFA unifica o esporte ao cindir o futebol de salão sul americano e o futebol de cinco praticado na Europa. É o futebol jogado em uma quadra. (<http://www.cbfs.com.br/novo/origem.asp>. Site oficial da Confederação Brasileira de Futsal – acesso em 20/06/06)

¹² Cf. Pereira, 2000 e Lovisolo; Soares, 2003.

¹³ Cf. Mauss, 1971.

e possibilidades. Após a apuração do tipo de escolas que atendem ao esporte, elas foram agrupadas sob os seguintes critérios:

1. Há custos?;
2. Iniciativa pública ou privada?;
3. Referência da escola: clube, professor, projeto social, escola de ensino regular e outros.

A partir destes critérios chegamos a três grupos:

1. **Escolas de bairro:** há custos – iniciativa privada - campos de grama sintética e atividades extra curriculares de escolas do ensino regular;
2. **Escolas do clube e núcleos:** há custos - iniciativa privada – escolas dentro do espaço físico do clube e licenciamento da marca da instituição para escolas de terceiros;
3. **Projetos sociais:** não há custos – iniciativa pública ou privada - Organizações não governamentais (ONGs), esferas governamentais, empresas, ação comunitária ou individual.

O estudo é exploratório, apesar da perspectiva etnográfica. Foram utilizados instrumentos para coleta de dados como observação de campo e entrevistas semi-estruturadas, porém não contemplou em profundidade o método etnográfico, uma vez que o objeto de pesquisa, o estilo nacional, perpassa pela interpretação de grupos diferentes.

A observação direta de campo desvelará como as escolas administram seu tempo de aula, bem como as características do ensino. Os preceitos do estilo brasileiro serão confrontados com os métodos empregados. Será

observado se a ginga e a malandragem do “futebol arte” aparecem nas aulas. Campenhoudt e Quivy (1995) afirmam que a observação direta é o método de investigação que capta o fato independente dos relatos dos atores:

[...], os métodos de observação direta constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho. Nos outros métodos, pelo contrário, os acontecimentos, as situações ou os fenômenos estudados são reconstituídos a partir das declarações dos atores (inquérito por questionário e entrevista) ou dos vestígios deixados por aqueles que os testemunharam direta ou indiretamente (análise de documentos).

Após a análise e interpretação das entrevistas semi estruturadas com os professores, haverá a comparação entre os discursos teóricos sobre o “estilo brasileiro” e a metodologia de ensino observada nas aulas, descrevendo traços de correspondência ou de ausência.

Por sua vez, os alunos também serão entrevistados para verificar a construção do estilo e as tentativas de apropriação, em função da sua percepção das características do futebol brasileiro e do que eles vivenciam nas aulas.

Ambos serão questionados a respeito da influência do craque para os atores e para a aula. Outro ponto será a representação deles para a excelência técnica, se é fruto do talento ou do aprendizado no treinamento.

As entrevistas semi estruturadas são adequadas a este estudo pela não diretividade, evitando conduzir a respostas diferentes da realidade dos atores, conforme sugerem Campenhoudt e Quivy (1995):

A análise do sentido que os atores dão as suas próprias práticas e aos acontecimentos com os quais se vêem confrontados: os seus sistemas de valores, as suas referências normativas, as suas interpretações de situações

conflituosas ou não, as leituras que fazem das próprias experiências, etc.

O jogador formado nas escolas seria fruto do trabalho técnico e disciplinado. O 'jogo bonito'¹⁴ não seria mais visto como talento, identidade malandra, mas produzido pelo treinamento. Porém esta hipótese será verificada na análise do conteúdo de professores, alunos e das aulas,

A partir dos argumentos, das hipóteses e da metodologia, o trabalho foi dividido em três capítulos. O primeiro trata do desenvolvimento do futebol no Brasil, do despertar da relação identitária e das narrativas do “estilo”. Em um segundo momento, a massificação do esporte admitida pela participação da seleção brasileira em Copas do Mundo. E finalmente, a valorização do estio pela estética essencializada no “futebol arte”.

O segundo capítulo trata especificamente das escolas de futebol, colocando inicialmente as circunstâncias que permitiram o surgimento e o crescimento destas instituições, e depois a investigação sobre a diversificação das escolas na cidade do Rio de Janeiro.

O terceiro capítulo faz a análise de todos os dados coletados na observação de campo e das informações obtidas nas entrevistas com professores e alunos. Simultaneamente acontecerá a confrontação com o discurso do “estilo nacional”.

¹⁴ O “futebol arte” na linguagem nativa.

CAPÍTULO I – A CONSTRUÇÃO DO ESTILO BRASILEIRO DE JOGAR

FUTEBOL

1.1. Interpretação Cultural ou Apropriação ao Movimento Corporal do Brasileiro

A construção do estilo brasileiro aconteceu dentro de um contexto identitário no qual o futebol foi utilizado como elemento simbólico de autenticidade, diferença e pertencimento. Este discurso foi ratificado por jornalistas e acadêmicos que expressam como o esporte nos destaca no mundo. Por outro lado, o desconhecimento, por grande parte da população no início do século passado, da regra e da forma inglesa de jogar, originou um processo de interpretação social das técnicas corporais do jogo, que muitos analistas relacionam as práticas culturais do negro.

O início do estilo brasileiro estaria associado ao desenvolvimento do futebol nacional, da sua chegada elitista e excludente, passando por um processo de apropriação popular e posterior massificação do esporte.

O futebol chegou ao Brasil como lazer de classes privilegiadas, de imigrantes ingleses e como atividade física de colégios católicos elegantes. Entretanto, apesar da resistência dos clubes da elite, excluindo a participação de negros e brancos pobres, há uma rápida apropriação popular que busca espaços no subúrbio e nas periferias para praticá-lo. Os dados indicados por Pereira (2000) ¹⁵ demandam o grande interesse da população em participar de novas atividades de caráter recreativo nos centros urbanos.

¹⁵ A partir de 1905, o esporte ganha a adesão da juventude carioca que se reunia em associações esportivas, as quais se transformariam em mais de 200 clubes em todo o Brasil nos dez anos seguintes (PEREIRA, 2000).

Os primeiros clubes de *foot-ball* eram formados por jovens brasileiros da elite, os *sportmen*¹⁶, e estrangeiros residentes no país. A forma de jogar, o uniforme e o vocabulário (*hands, penalty, off side e kick off*) eram de acordo com os manuais ingleses. O esporte significava modismo e sofisticação para poucos.

Os conceitos higienistas¹⁷ da época ajudaram a legitimar o esporte, valorizando sua prática para formação de uma geração forte e sadia, tanto a nível físico quanto moral. O futebol deveria proporcionar a tonificação dos músculos, a racionalização, o autocontrole, a disciplina e o sentido de equipe¹⁸.

Desde 1918, o romancista Coelho Neto tornara-se um dos maiores defensores do esporte através de suas atividades no Fluminense Football Club e da publicação do periódico 'Athlética'. Ele justificava o futebol através dos ideais da época (eugenia, patriotismo, coletividade e disciplina) e defendia a consolidação da raça brasileira através do esporte (PEREIRA, 2000).

Afrânio Peixoto ratificou os mesmos sentimentos em suas crônicas, considerando o futebol como um ótimo remédio para a regeneração da raça mestiça, pois possibilitaria a melhora da saúde e da moral. Acreditava ser o esporte uma escola de disciplina e controle que deveria ser levada a todas as classes para intervenção física e mental (PEREIRA, 2000).

Gilberto Freyre, e depois Mario Filho em sua obra "O Negro no Futebol Brasileiro", sustentaram a hipótese de que a exclusão de negros, mulatos e brancos pobres dos clubes, e a forma inglesa de jogar no início do século passado, fizeram com que o esporte fosse construído na intuição, na imitação,

¹⁶ Termo utilizado para os jovens praticantes de esportes socialmente reconhecidos na época e que identificavam na cultura européia, civilidade e modernidade.

¹⁷ Cf. Pereira (2000), p. 51.

¹⁸ Cf. Lovisolo e Soares, 2003.

na adaptação do que eles viam do lado de fora dos *matches* para a realidade dos campos de várzea ou terrenos baldios.

Em 1919, Lima Barreto criticava a violência dos jogos e a baderna das torcidas, assim como a exclusão social e, principalmente, racial promovida pelos grandes clubes de futebol, que davam continuidade a um passado de diferenciação e segregação do período escravocrata. Estas adversidades o municiava de argumentos contra o esporte (PEREIRA, 2000).

Muitos mecanismos foram utilizados nos estatutos da liga metropolitana¹⁹ e de clubes participantes para evitar a popularização do esporte naquela época. Pode-se citar as elevadas contribuições dos sócios, a proibição da participação de negros, trabalhadores braçais, analfabetos e desempregados. Os operários da tecelagem Cia. Progresso Industrial eram exceção, pois compunham a equipe do Bangu²⁰.

A popularização aconteceu com a transformação do esporte na principal opção de lazer dos cariocas, independentemente da classe social, assistindo aos jogos nas arquibancadas, jogando em campos do subúrbio e principalmente participando das ligas paralelas²¹.

Mascarenhas (1999) sugere que a adoção do modismo inglês aconteceu como ruptura ao passado imperialista e ao fardo que representavam negros, índios e mestiços ao progresso. São Paulo e Rio de Janeiro foram cidades que tiveram um grande crescimento populacional em virtude da rápida expansão industrial de capital estrangeiro. Esta ampliação do “mercado industrial”

¹⁹ Foi criada em 1905 para manter o controle e ordenação do esporte por parte das elites.

²⁰ Os clubes formados nas fábricas tinham a influência dos patrões, que compensavam salário e condições de trabalho ruim com recreação esportiva. Tentavam, também, desviar a atenção de temas políticos e greves. Os operários deviam completar o time, pois o número de estrangeiros não era suficiente.

²¹ Ligas que surgiram para viabilizar a participação de outros clubes da periferia que não tinham acesso à Liga Metropolitana.

significou a oportunidade de novos empregos. A população migrante das zonas rurais decadentes, principalmente das zonas cafeicultoras, no caso do Rio de Janeiro, necessitava de novas formas de lazer na cidade. A prática de atividades esportivas e de lazer foi facilitada pela dessacralização dos espaços públicos e da vida social urbana, situação esta provocada pelo hedonismo da Belle Époque²² e pelo positivismo republicano contra o domínio comportamental pregado pela Igreja.

O dia inteiro no campinho da várzea, sem emprego, ocioso, o futebol é o melhor passatempo. De que modo surgiria a “bicicleta”, o “drible da vaca”, o “meio de perna”, o “balãozinho”? Estas formas de ludibriar o adversário, que não são ensinadas em escola alguma, sem ser na “escola do mundo”. O brasileiro levará para o match oficial a forma de jogar aprendido no mundo da vida, dando um tempero especial ao jogo ensinado nos manuais. (SOUZA, 2001)

Muitos escritores e jornalistas da época escreveram sobre o futebol, tentando explicar a absorção de uma cultura estrangeira e o seu impacto na sociedade brasileira. Havia uma tensão entre os que defendiam nosso individualismo e os que criticavam a apropriação popular da forma inglesa de jogar.

Carlos Sussekind de Mendonça foi radicalmente contra os defensores do esporte em seu livro “O Sport está deseducando a mocidade brasileira”. Para ele havia desunião e individualismo no jogo, bem como desenvolvimento

²² A Belle Époque foi um período na história da França que começou no fim do século XIX e durou até a Primeira Guerra Mundial. Foi considerada uma era de ouro da beleza, inovação e marcou um período de paz entre a França e seus vizinhos europeus. Novas invenções tornavam a vida mais fácil em todos os níveis sociais, e a cena cultural estava em efervescência: cabarés, o cancan, o cinema haviam nascido, e a arte tomava novas formas com o Impressionismo e a Art Nouveau (<http://pt.wikipedia.org> – acesso em 15/06/2006)

físico em detrimento do mental, impossibilitando a regeneração da raça (PEREIRA, 2000).

O jornalista Antonio Figueiredo (apud LOVISOLO; SOARES, 2003) questionava a forma brasileira de se jogar, baseada em dribles e piruetas, que contrariava o estilo inglês. Desprezávamos o coletivo pelo individual e valorizávamos o cômico e o estético, demonstrando, segundo ele, ignorância e infantilidade, na medida em que os jogadores colocavam em segundo plano os passes e a disciplina tática.

Por outro lado, Américo Netto (apud LOVISOLO; SOARES, 2003), diretor e redator da seção esportiva do jornal O Estado de São Paulo, comentando a participação brasileira no título sul americano de 1919, destacava nosso jeito diferente de jogar nas vitórias sobre Uruguai, Argentina e Chile. Associava o nosso individualismo, tão criticado por outros, à índole e à formação esportiva.

O jornalista Leopoldo Sant'Anna, em 1918 (apud LOVISOLO; SOARES, 2003), denunciava o egoísmo daqueles que jogavam para a arquibancada e usava o exemplo do jogador Friedenreich para mostrar que a técnica individual²³ deveria estar a serviço do coletivo.

Para aqueles que jogavam, o estilo estético e a necessidade de agradar ao público que freqüentava as arquibancadas, talvez tenha sido consequência da popularidade que o futebol havia alcançado e o que poderia render de prestígio junto à torcida e aos clubes. A partir de 1917, o reconhecimento passa a significar vantagens econômicas, emprego ou auxílio financeiro em pequenas associações. O título carioca do Vasco, em 1923, com jogadores negros,

²³ A técnica individual seria os fundamentos do jogo ou que se pode fazer individualmente de posse de bola na dinâmica do jogo. A saber: condução, drible, passe, domínio e chute.

mulatos e brancos pobres, registrados na liga²⁴ como trabalhadores, mas que se dedicavam integralmente ao esporte, alertaria outros clubes para um processo que se intensificaria: o profissionalismo. Os jogadores passaram a ser valorizados pelo que podiam produzir e os clubes perceberam que as vitórias atraíam público e boas arrecadações.

Em 1933 é fundada a Liga Carioca de Foot-ball, implantando o profissionalismo, que abriria definitivamente as portas de clubes tradicionais para novos jogadores, independentemente de cor ou classe. A Liga tinha o objetivo de acabar com o falso amadorismo e também evitar a saída de jogadores para o exterior.

Em 1932, José Lins do Rego comentava a participação brasileira na Copa Rio Branco:

Os rapazes que venceram, em Montevideú, eram um retrato da nossa democracia social, onde Paulinho, filho de família importante, se uniu ao negro Leônidas, ao mulato Oscarino, ao branco Martim. Tudo feito à boa moda brasileira. (MARIO FILHO, 1947).

O Flamengo começa a tornar-se um time popular a partir de 1936, quando contrata os três principais jogadores negros e ídolos da época: Leônidas, Fausto e Domingos.

Mario Filho, enquanto dono do Jornal dos Sports, destacava a participação brasileira na copa da França de 1938 como a mais representativa do país, pois agregava “os negros” em seu selecionado. Começou a criar elementos simbólicos que personificariam o **“estilo brasileiro de jogar futebol”**²⁵ (grifo nosso).

²⁴ A liga metropolitana impunha a seus afiliados o amadorismo.

²⁵ Segundo Toledo (2002), seria uma categoria nativa que determina o modo de conceber e vivenciar o futebol praticado no Brasil.

Pereira (2000: p. 331, 332) coloca que, como ele, outros cronistas percebiam o surgimento de uma técnica, caracteristicamente brasileira, de rapidez extrema no lance e de improvisação fulminante nos momentos mais apertados, bem diferentes da disciplina européia. Esta nova técnica passara a fator de diferenciação do futebol brasileiro e identificação de um estilo nacional.

Leônidas, o homem elástico, unia elasticidade, malandragem, bossa e agilidade que o aproximava do movimento da capoeira, onde a 'bicicleta' o credenciava como mestre dos acrobatas brasileiros e maior ídolo daquele selecionado. (PEREIRA, 2000)

Gilberto Freyre ratifica a presença do negro no futebol, principalmente em seu livro Casa-grande e Senzala (1933), que demonstrava as vantagens da miscigenação racial, ao atribuir positividade a uma herança cultural e étnica que antes era um constrangimento. Em entrevista ao Diário de Pernambuco em 1938, Freyre valorizou a associação do nosso futebol com práticas culturais negras (capoeira e samba), reinventado no país e mostrando superioridade do nosso estilo sobre outros. Transforma nosso futebol em expressão legítima da nacionalidade e coloca a singularidade de nossa formação cultural. Expunha também pensamentos políticos de uma democracia social, que permite o individualismo, a espontaneidade e o respeito às tradições.

O mestiço brasileiro, o baiano, o carioca, o mulato sacudido do litoral, joga um futebol que não é mais o jogo apolíneo dos britânicos, mas uma quase dança dionisíaca. (...) No futebol como na política o mulatismo brasileiro se fez marcar por um gosto de flexão, de surpresas, de floreios, que lembra passos de dança e de capoeiragem. Mas, sobretudo de dança. (MÁRIO FILHO, 1947 - p. 217)

Getúlio Vargas²⁶, percebendo o potencial de coesão social e de patriotismo que causava o futebol, o usa como parte do seu projeto político-ideológico para a construção de um Brasil novo e toma para si a tarefa de organizar e proteger o futebol brasileiro. O apoio, inclusive financeiro, à seleção brasileira para a copa de 1938, o identificava com as vitórias e aumentava o nacionalismo do recém instalado Estado Novo.

Alguns fatores foram decisivos para o fortalecimento do esporte bretão em nosso país. Desde 1919, época da conquista do primeiro título da seleção, um campeonato sul americano, os resultados em campo despertaram um sentimento nacionalista de superioridade perante outras nações. Outros seriam a 'radiodifusão'²⁷ e a 'imprensa esportiva escrita', que multiplicaram o alcance do desporto a nível nacional, valorizando nossos craques e equipes.

Oliveira Viana (apud LOVISOLO; SOARES, 2003) considerava o povo brasileiro na década de 20, desorganizado e egoísta, o que dificultava um sentimento e uma postura coletivos. Apesar da incredulidade de alguns, discursos ufanistas de escritores como Mário Filho, Gilberto Freyre e José Lins do Rego resgataram nossa etnia miscigenada e afirmaram o futebol como espaço de identificação e afirmação de nossa cultura no país e no mundo. Por outro lado, não explicam o estilo, preferindo associar e valorizar as práticas corporais do negro, agora brasileiro, aos movimentos do futebol.

²⁶ Cf. Pereira, 2000 – p. 335, 336 e 337.

²⁷ Cf. Di Blasi, 2005. A copa de 1938 foi transmitida ao vivo pela Rádio Clube Brasil.

1.2 – OS DISCURSOS IDENTITÁRIOS DO ESTILO NACIONAL NA PARTICIPAÇÃO DA SELEÇÃO BRASILEIRA EM COPAS DO MUNDO

A participação da seleção brasileira em Copas do Mundo, como elemento simbólico de uma coletividade, ajudou a massificar o esporte e a pontuar discursos em função dos resultados em campo e da forma como a equipe atuou durante as competições. Guedes (1998) ressalta que a intermediação entre o povo e a seleção brasileira, pela imprensa, segue dois caminhos: a vitória caracteriza a capacidade do povo brasileiro e a derrota, sua indignação.

Aquele que desconhece a história do futebol nacional pode não acreditar que o país pentacampeão mundial algum dia tenha se sentido inferior a outros países como nas Copas de 1930, 1934 e 1950; ou que uma derrota em final de Copa do Mundo pudesse transformar-se em reconhecimento similar a uma conquista (1982); ou ainda, que um título mundial ficasse ofuscado pela não identificação com a forma de jogar apresentada pela seleção (1994). As vitórias em 1958, 1962 e 1970 representaram a “consagração do estilo”. As duas últimas conquistas em 1994 e 2002 representaram os opostos, afastamento e resgate, respectivamente.

Quatro insucessos são sempre acionados para despertar drama ou orgulho. A participação em 1938 reconheceu o futebol nacional como identidade para dentro e para fora do país. Em 1950, a derrota na final para o Uruguai marcaria a história do futebol brasileiro como a “tragédia do Maracanã”. O fracasso em 1966²⁸, após o bicampeonato de 1958 e 1962,

²⁸Sobre as consequências da Copa da Inglaterra em 1966, Gil (1994: p. 104) colocaria que o Brasil precisaria enfatizar a preparação física dos jogadores, a fim de nivelá-los aos ingleses. Surgem, então, as

iniciou o debate de um “futebol mais competitivo e moderno”, a tensão do “futebol arte” ²⁹ versus “futebol força”. E em 1982, quando a seleção perde na semifinal para a Itália, mas é reconhecida e valorizada pela atuação na competição, e pelo resgate da tradição. Toda esta narrativa foi descrita por jornalistas e acadêmicos³⁰:

No caso do futebol, as narrativas jornalísticas apresentam sua memória resgatando fatos, imagens, ídolos, êxitos e fracassos anteriores, no sentido de construir uma tradição, como um elo entre as gerações dos aficionados pelo esporte. Durante a Copa do Mundo de 1970, por exemplo, o noticiário impresso lembrava a derrota na final da Copa de 1950, o fracasso na Copa de 1966 e as conquistas de 1958 e 1962, criando um “drama” no presente que aguçava os sentimentos de presságio, pelos fracassos, e de esperança, pelos êxitos. De fato, a tradição é construída pelas demandas do presente de afirmação de identidades, seja coletiva ou individual. (SALVADOR, 2005)

As Copas do Mundo de 1930 (Uruguai) e 1934³¹ (Itália) revelaram forte tensão entre cariocas e paulistas, centros futebolísticos mais representativos da época, pois os segundos alegavam que a seleção era composta pelos primeiros e resolveram boicotá-la. Os sentimentos nacionalistas desenvolvidos em torno da seleção nas conquistas dos campeonatos sul-americanos de 1919 e 1922, ficaram prejudicados pela rivalidade regional. O Brasil não passou da primeira fase naquelas duas edições.

comissões técnicas de preparadores físicos, a maioria de formação universitária e alguns até mesmo saídos de escolas militares.

²⁹Cf. Salvador, 2005. Caracterização do “estilo brasileiro”, o qual os jogadores atuam com elegância e improviso, são comparados a artistas e suas jogadas a obras de arte.

³⁰Cf. Freyre (1938), Damatta (1982), Soares (1990), Pereira (2000), Toledo (2002), Lovisolato; Soares (2003), Salvador (2005), Di Blasi (2005) e Damo (2005).

³¹A Copa da Itália em 1934 foi influenciada pelo contexto político pré Segunda Guerra Mundial. Mussolini contratou vários jogadores de outras nacionalidades para reforçar a seleção italiana, pois queria a vitória para divulgar o fascismo.



Equipe de estréia da Copa do Mundo do Uruguai em 1930. Em pé: Píndaro de Carvalho (técnico), Brilhante, Fausto, Hermógenes, Itália, Joel e Fernando. Agachados: Poly, Nilo, Araken, Preguinho e Teófilo.



A seleção brasileira treinando no convés do navio Conte Bicomano a caminho da Copa do Mundo da Itália em 1934.

(www.cbfnews.uol.com.br – acesso em 10/06/2006)

A participação brasileira na Copa da França (1938) culminou com o reconhecimento, a nível local e internacional, da singularidade e da diferença

do futebol brasileiro. Apesar do terceiro lugar, Leônidas foi o artilheiro da competição, celebrizou a 'bicicleta' e junto com Domingos da Guia foram idolatrados pelos brasileiros, que acompanharam os jogos pelo rádio. Naquela época, saíram fortalecidos os pensamentos de democracia racial de Gilberto Freyre e Mário Filho, o nacionalismo de Graciliano Ramos e Gilberto Amado e o civismo patriótico de Coelho Neto³².



(www.cbfnews.uol.com.br – acesso em 10/06/2006)

A primeira Copa do Mundo após a Segunda Guerra Mundial foi a de 1950 no Brasil³³. Havia um sentimento de afirmação em relação à comunidade internacional para este evento. Estava em jogo a superação de nossa etnia miscigenada, o fortalecimento de uma cultura e a pujança de um país que queria mostrar-se desenvolvido.

O Brasil, após as vitórias expressivas sobre Suécia (7x1) e Espanha (6x1), fora credenciado pela imprensa e pelo povo a favorito para o título.

³² Cf. Pereira, 2000.

³³ As edições de 1942 e 1946 não aconteceram por causa da segunda Guerra Mundial.

Segundo Souto (2002), a derrota na final para o Uruguai em pleno Maracanã³⁴ transformaria o “mito do *frango* do goleiro Barbosa” na personificação do mal, o bode expiatório, a quem todos poderiam justificar a derrota e exortar suas decepções. Este jogo é eventualmente lembrado e dramatizado nos confrontos com a ‘celeste olímpica’³⁵.



Ghiggia marca o gol da vitória Uruguaia na final da Copa do mundo de 1950 com o Brasil.

(www.cbfnews.uol.com.br – acesso em 10/06/2006)

O escritor Nélson Rodrigues escreveria sobre a derrota brasileira e afirmaria que o brasileiro sofria de um “complexo de vira-latas”. A raça brasileira miscigenada não teria controle emocional nos momentos mais importantes, reacendendo um racismo até então velado.

³⁴ Estádio Mário Filho construído em tempo recorde para a Copa com capacidade para 200 mil pessoas.

³⁵ A seleção uruguaia recebeu o apelido de “Celeste Olímpica” após conquistar o bicampeonato de futebol nas Olimpíadas de Paris, em 1924, e de Amsterdã, em 1928.

Di Blasi (2005) sintetiza o que Mário Filho expôs em seu livro, 'O Negro no Futebol Brasileiro': "a prática do futebol constituiu uma espécie de ethos nacional advindo de conquistas e afirmações da classe marginalizada em campo esportivo". Esta hipótese foi relativizada por Soares (1998) e Negreiros (1998) ³⁶ em função do contexto histórico de racismo, valorização e ascensão do negro pelo esporte, necessidades da época para justificar um discurso de democracia racial e de coesão nacional.

Em 1954 o clima político conturbado do país que levou Getúlio Vargas ao suicídio, e principalmente as memórias da copa passada, repercutiram na atuação da equipe durante a Copa da Suíça. A necessidade de adotar um comportamento patriótico e de superação, transformaram o jogo com a Hungria em uma guerra, a 'Batalha de Berna'. O Brasil foi goleado e eliminado pela equipe favorita da competição, mas que perderia a final para a Alemanha.



Seleção brasileira na Copa do Mundo de 1954 na Suíça

³⁶ Cf. Di Blasi, 2005: 72.

(wwwcbfnews.uol.com.br – acesso em 10/06/2006)

A Copa de 1958, na Suécia, tem como pano de fundo a “Guerra Fria”,³⁷ que dividia o mundo em dois grandes blocos, o socialista e o capitalista. O esporte, e mais especificamente o futebol, foram usados como instrumento de divulgação para ideologias políticas. As utilizações de novas tecnologias e as vitórias esportivas significariam superioridade dos regimes. A primeira conquista brasileira em Copas do Mundo representou a afirmação do “futebol arte” e do “estilo brasileiro” perante o mundo.



Brasil campeão mundial em 1958 na Suécia

(wwwcbfnews.uol.com.br – acesso em 10/06/2006)

A seleção tinha representantes de raças consideradas por muitos de “capacidade duvidosa”: Garrincha, descendente de índios, e Pelé, um jovem negro de apenas dezessete anos como destaques. O próprio Néelson Rodrigues

³⁷ Conflito político-ideológico entre os Estados Unidos (EUA), defensor do capitalismo, e da antiga União Soviética (URSS), defensora do socialismo, compreendendo o período entre o final da Segunda Guerra Mundial e a extinção da União Soviética. Foi chamada assim por não ter acontecido combate físico, embora o mundo todo temesse a vinda de um novo conflito mundial por se tratarem de duas potências com grande arsenal de armas nucleares.

passa de crítico a admirador do talento individual do jogador brasileiro. Mario Filho escreveria sobre os craques naquela copa:

A crônica européia saudava Garrincha e já chamava Pelé de rei. O primeiro fazia a multidão rir, pois vencida seus adversários com seus dribles manjados como a inocência das crianças. O segundo não fazia rir, mas fazia coisas de não se acreditar, gostava de fazer tabelinhas com as pernas do adversário, e como em um templo do futebol, não cansavam de aplaudi-lo. Pelé era o destino. O Deus é brasileiro do dito popular. (MARIO FILHO, 1964: 327)

No Chile (1962), na conquista do bicampeonato, o Brasil confirma sua condição de campeão mundial apostando na mesma estrutura da copa anterior. Para os analistas foi a consagração de um estilo que há muito tempo vinha se desenhando com formas de diferenciação e identificação. Um futebol baseado na arte, no improviso, na individualidade, na ginga, na malandragem construtiva e na alegria, contrastando com o previsível modelo coletivo europeu.



Garrincha, destaque da seleção bicampeã no Chile
(www.cbfnews.uol.com.br – acesso em 10/06/2006)

Após uma preparação conturbada, a seleção chega à copa da Inglaterra, em 1966, insistindo na fórmula que proporcionou o bicampeonato. Manteve a

maioria dos jogadores campeões, porém com idade avançada, e insistiu em um sistema de jogo que privilegiava as jogadas individuais. Por outro lado, as equipes européias se prepararam com esquemas táticos e condição física capazes de neutralizar a ação ofensiva do Brasil. A derrota para a Inglaterra e a eliminação na primeira fase inaugurou uma nova tensão para os adeptos do futebol nacional: deveríamos insistir na tradição do “futebol arte” ou adotar o modernismo do “futebol força”? Instalava-se aí, uma ‘crise de identidade’ (SOARES, 1990), cuja dicotomia é demonstrada no quadro abaixo:

FUTEBOL ARTE	FUTEBOL FORÇA
Natural	Artificial
Tradição	Movimento inovador
Somatório de talentos	Técnico estrategista e sistema tático pré-estabelecido
Inteligência divergente	Inteligência convergente
Sucesso do grupo de forma anárquica	Sucesso do grupo pela pré- determinação dos papéis
Indivíduo criativo	Convergência de ações em função do resultado

Adaptado de Soares, 1994.

A crítica jornalística decretava a derrota da arte pela força, como sugere

Armando Nogueira (apud DI BLASI, 2005: 76):

Assisto hoje ao enterro do 4-2-4, essa pilhéria que Nascimento-Feola impingiram à organização de jogo de nossa equipe (...) foram três meses de advertências. Foram três meses de absurdos, um erro em cima do outro, jogadores mal

convocados, jogadores mal cortados, treinos mal dirigidos, amistosos feitos muito mais para render dinheiro a CBD do que para preparar a seleção. E haja troca de jogadores. E tome conversa fiada: precisamos casar beques, médios, atacantes, precisamos formar os pares. E os dois, Feola e Nascimento, cada vez mais desunidos. Feola sempre mais franco que o outro, mas igualmente ultrapassado pelo futebol moderno, futebol de 4-3-3, futebol de velocidade, futebol de força física, futebol de simplicidade. Onze jogadores em campo, os melhores, fazendo arte e ciência.

O discurso de que a “força” predominara sobre a “arte” em 1966, pode ser interpretado como uma defasagem do futebol nacional às novas exigências do treinamento físico e tático. Esta dinâmica mobilizou especialistas e instituições no sentido de reestruturar o treinamento da seleção nacional na época.

A copa de 1970 foi a feliz união dos opostos, isto é, a arte com a força. O Brasil foi tricampeão no México com uma equipe considerada pelos críticos como uma das melhores de todos os tempos, aliando uma excelente condição física à qualidade técnica. É quando aparece a figura do especialista em treinamento desportivo. O Brasil jogou na “altitude,” e sem o planejamento de adaptações progressivas, desenvolvidas pelo professor Lamartine Pereira da Costa, provavelmente a seleção não teria chegado fisicamente tão bem preparada para a competição.

Saldanha e depois Zagallo, enquanto técnicos da seleção, acreditavam no talento individual, mas permitiram que teóricos como Cláudio Coutinho e Carlos Alberto Parreira, aplicassem métodos de treinamento baseados na fisiologia do esforço.

Os discursos jornalísticos nas copas subseqüentes elegeram a equipe de 70 como referência do estilo brasileiro de jogar futebol, marca da tradição, do futebol arte e da identidade brasileira. Evidenciaram a estética apresentada

pelos jogadores e ignoraram todo o processo de planejamento e treinamento físico realizado, em um processo de memória seletiva. Os silêncios e os esquecimentos são fundamentais para resgatar e continuar a tradição, mas colocam em segundo plano este importante momento da educação física brasileira. Armando Nogueira (apud SALVADOR, 2005: 38) expôs os fatos:

Daqui a pouco, haverá no Brasil uma corrente de opinião, creditando o sucesso do Mundial de 70 ao talento puro do jogador. E ninguém vai mais se preocupar com o preparo tático e muito menos com o preparo físico, achando que a arte do craque vencerá sozinha a Copa de Munique, em 74.



Pelé, destaque da seleção brasileira tricampeã no México em 1970.

(www.images.google.com.br – acesso em 10/06/2007)

Cabe ressaltar o quanto o tricampeonato foi importante para fortalecer a ideologia do governo militar, pois transparecia a imagem do Brasil potência, um país de prosperidade, desenvolvimento e união, afora o agenciamento do Estado em campanhas de mobilização esportiva (Mexa-se e EPT), a construção de estádios e ginásios.

Zagallo inicia um longo período sem campeonatos mundiais da seleção, onde o discurso do estilo vai variar entre o afastamento e o resgate. Prestigiado pelo título na copa anterior, ele chega à Alemanha em 1974 com uma equipe

mais velha e uma preparação conturbada, onde jogaria com um esquema defensivo, fugindo de nossas características futebolísticas, e nada conseguiria.



Seleção brasileira na Copa de 1974 na Alemanha

(www.cbfnews.uol.com.br – acesso em 10/06/2006)

Cláudio Coutinho, oficial das forças armadas e professor de Educação Física, assume o comando a seleção e disputa a copa de 1978 na Argentina. Sob o foco da modernidade e sob a influência do regime militarista que pregava o tecnicismo da ciência e do treinamento, a seleção fracassaria novamente e fortaleceria aqueles que clamavam pela volta às origens, isto é, ao futebol arte.



Seleção brasileira na Copa do Mundo de 1978 na Argentina

(www.cbfnews.uol.com.br – acesso em 10/06/2006)

O resgate do “estilo” acontece na copa seguinte, na Espanha (1982). O talento do jogador brasileiro volta a sobressair nos pés de Zico, Sócrates, Falcão e sob o comando do técnico Telê Santana, incentivador do futebol arte. A seleção não se sagrou campeã de fato, mas foi aclamada ‘campeã moral’ pelo povo e pela imprensa nacional, atribuindo a derrota para Itália a “uma das grandes injustiças do futebol”, que ficaria conhecida como a “a tragédia do Sarriá”. Em 1986, no México, o mesmo treinador repetiria o insucesso, retornando aos discursos da necessidade de um futebol mais competitivo e de resultado.



Seleção brasileira de 1982 na Espanha

(wwwcbfnews.uol.com.br – acesso em 10/06/2006)

Sebastião Larazoni assume a seleção para disputar a copa da Itália (1990) com modificações táticas importadas da Europa, o sistema 3x5x2³⁸. As funções de ala³⁹ e líbero⁴⁰ se destacam por se tratar de uma novidade para os jogadores brasileiros, acostumados aos sistemas mais tradicionais. A disciplina tática e a valorização da ciência do treinamento afastam provisoriamente o futebol arte e o espetáculo do ‘futebol força’, que seria representado pela era “Dunga”⁴¹, tendo sido o Brasil eliminado pelo adversário de maior rivalidade, a Argentina.

Sobre esta copa, Nei Reis escreveria no Jornal do Brasil de 10/06/90 (apud Soares, 1990) sobre o ‘confisco da criatividade’ em nosso futebol:

³⁸ Sistema tático que possui três zagueiros, cinco jogadores de meio campo e dois atacantes.

³⁹ Jogador de defesa que atua na sobra dos outros dois zagueiros de marcação, mas que possui liberdade de sair jogando com a bola dominada.

⁴⁰ Jogador de meio campo que atua pelas laterais.

⁴¹ Jogador gaúcho do clube Internacional de Porto Alegre e da seleção brasileira. Suas principais características eram o vigor físico e a grande capacidade de marcação. Tinha muita personalidade e logo se tornou capitão e símbolo de uma geração.

Agora é a vez de Sebastião Lazaroni, a eminência parda de nossa ciência de chuteiras, mais um dos arautos da modernidade – esse canto da sereia que faz os marinheiros de primeira viagem confundirem qualidade com novidade, que acaba de decretar a “era Dunga” no país de Pelé, Garrincha e Leônidas. O raciocínio é simples: o futebol ficou mais competitivo e não há mais lugar para o virtuosismo. Será mesmo? [...] Chega a ser irônico que justamente agora [...] que o todo poderoso Lazaroni decreta que Dunga é o paradigma do “novo jogador” brasileiro, uma espécie de plano que confisca a realidade.



Seleção brasileira de 1990 na Itália

(www.cbfnews.uol.com.br – acesso em 10/06/2006)

Carlos Alberto Parreira, de volta à seleção, disputa a copa de 1994 na Alemanha ratificando a tendência de um futebol competitivo e de resultado, porém considerado pela imprensa feio e sem espetáculo. O quarto título mundial pouco lembrou a tradição do ‘estilo’, despertando críticas da ala saudosista. Conseguiu vitórias apertadas graças a um sistema defensivo eficiente. A final contra a Itália foi decidida nos pênaltis. A exceção foi Romário, figura do craque, que em função de sua atuação destacada, foi eleito o melhor jogador da competição pela FIFA. Sua atitude transgressora na vida pessoal, mas competente dentro de campo, estimularia o imaginário popular do malandro e jogador mais próximo das características do futebol arte.



Romário, destaque da seleção tetra campeã em 1994 nos EUA

(www.cbfnews.uol.com.br – acesso em 10/06/2006)

Zagallo retorna ao comando do selecionado nacional para a copa de 1998, na França. O Brasil chega à final com uma boa campanha nas fases anteriores, mas perde a final para os anfitriões. A partida foi marcada pelo mal explicado acontecimento envolvendo o atacante Ronaldo, que passou mal na véspera do jogo, prejudicando o ambiente da seleção.



Seleção brasileira na Copa do Mundo de 1998 na França

(www.cbfnews.uol.com.br – acesso em 10/06/2006)

Luis Felipe Scolari assume a seleção para a disputa da copa de 2002 no Japão e na Coréia do Sul. O treinador de origem gaúcha carregava em seu currículo vários títulos regionais e nacionais conquistados com a tradição do 'futebol força' de sua terra natal. Entretanto, conquistou o quinto título mundial ao mesclar o futebol competitivo ao futebol espetáculo, cujos protagonistas foram Ronaldo, Rivaldo e Ronaldinho Gaúcho. Este último seria eleito duas vezes pela FIFA o melhor jogador do mundo, em 2004 e 2005, não pela sua capacidade de marcação, mas por sua qualidade técnica.



Seleção pentacampeã em 2002 na Coréia e Japão

(www.cbfnews.uol.com.br – acesso em 10/06/2006)

Carlos Alberto Parreira retorna ao comando da seleção para a copa de 2006 e não consegue repetir a campanha do pentacampeonato, apesar de contar com a mesma base de jogadores do título anterior. O favoritismo proclamado pela imprensa nacional e internacional antes do torneio, em função do retrospecto da equipe e do nível de jogadores que compunham a seleção (Ronaldo, Ronaldinho Gaúcho, Robinho e Kaká), bem como a expectativa da seleção jogar ao estilo, não se confirmou. O Brasil ficou nas quartas de final ao

perder para a França. Nesta copa reeditamos o papel do “bode expiatório” ⁴² representado por Roberto Carlos, que teria se omitido da marcação no gol da vitória francesa. A mídia e o povo concentraram toda a frustração da derrota no jogador.



Seleção brasileira na Copa do Mundo em 2006 na Alemanha

(www.cbfnews.uol.com.br – acesso em 10/06/2006)

A identificação do povo brasileiro com o futebol, entre várias explicações, está diretamente relacionada com o capital simbólico conquistado pela seleção e os cinco títulos, o que nos coloca em destaque no cenário mundial (COSTA apud Souza, 2001).

Num país onde os destaques na maioria das vezes são negativos (menor salário mínimo, um dos maiores índices de analfabetismo, maior concentração de renda etc...), que colocam o povo sempre numa situação de inferioridade, talvez ser um dos primeiros no cenário futebolístico, já passa a ser um motivo de orgulho pessoal e nacional, (...) tão ruim a realidade que um simples jogo vira esperança nacional.

O brasileiro se expressa ou se representa no campo de futebol como gostaria de ser. O drible no campo pode ser um drible na vida; o imprevisto de

⁴² Lembrar o caso do goleiro Barbosa na Copa de 1950 no Brasil.

uma jogada pode ser o improviso necessário para sobreviver, ou ter sobrevivido nesta sociedade de condições tão adversas. Ele deve sair-se bem por suas próprias qualidades. Ele resolve os problemas dentro, fora ou acima da lei. Aqui não temos a afirmação do indivíduo, aqui temos a pessoa. Nos termos de DaMatta, o sair-se bem está acima do interesse coletivo.

1.3. A Estética do Estilo Brasileiro

1.3.1. Futebol Arte – A Essência do Estilo

Helal (2003) lembra DaMatta para definir o futebol brasileiro como fonte de beleza, exibição, improvisação e criatividade estética gratuita, assim como a arte. A individualidade dos jogadores brasileiros viria de qualidades naturais intrínsecas, como o talento individual e o gênio natural, expressos pela sua habilidade, sua malícia e espontaneidade. Segundo Gil (apud HELAL, 2003), "o jogador brasileiro já nasceria com um "dom": o de possuir uma técnica inigualável para esse esporte, sendo preciso apenas soltá-lo em campo".

Toledo (apud LOVISOLO; SOARES, 2003) tenta explicar o estilo em função da má interpretação das regras e dos manejos culturais. Ao evitar o 'jogo de ombro', permitido na regra 12, o brasileiro se 'esquivava' através do drible e de passes curtos, segundo ele, movimento facilitado pelas técnicas corporais do samba e da capoeira, o que reafirma a tradição.

Lovisolo e Soares (2005a) colocam na conclusão de seu artigo, "Darwin e o futebol", que a virtude do futebol brasileiro seria fruto de egoísmo e infantilidade, favorecido e valorizado por um nicho ecológico apropriado. Isto é, parte da população que no início do século passado desconhecia as regras e a forma inglesa de jogar, porém o reconstruiu segundo sua interpretação.

O estilo brasileiro teria como essência desta relação simbólica o “futebol arte”. Mas qual seria sua definição? Segundo a lógica tecnicista, o bom jogador, o craque, é aquele que domina todos os fundamentos do jogo (condução, passe, domínio, drible e chute). Entretanto, o discurso hegemônico considera o “drible” como a técnica mais admirada pela sua imprevisibilidade, beleza e capacidade de diferenciar o bom jogador. O drible é associado ao imprevisto, às carências ambientais e econômicas, pelas quais as classes populares se apropriaram do esporte. Assim, o drible se torna a marca do estilo brasileiro (LOVISOLO; SOARES, 2003).

Porém, é necessário relativizar esta hipótese, pois as técnicas corporais são universais para a prática do jogo. Como ratificar o drible como ‘característica maior do estilo’? Deveríamos abordá-lo dentro de uma perspectiva quantitativa e controlar sua frequência de execução nas partidas? Ou qualitativa, observando uma forma nova de fazê-lo? (LOVISOLO; SOARES, 2003)

Dentro de um perfil estético, o drible fica marcado como a ‘jogada diferenciada’, que pelo seu grau de dificuldade não pode ser repetida com frequência, destacando para o público aquele que a executa. Neste raciocínio poderíamos lembrar do ‘elástico’⁴³ de Rivelino, a ‘pedalada’⁴⁴ de Robinho, a ‘carretilha’⁴⁵ de Falcão do futsal e outros.

Apesar do valor simbólico agregado pelo drible no estilo nacional e na memória social do brasileiro, as entrevistas com professores e a observação de aulas nas escolas de futebol deste estudo mostram que o fundamento não é a

⁴³O drible era executado com o deslocamento da bola a frente do adversário para um lado, desequilibrando-o, e sem perder o contato com ela, voltar e sair no contra pé do oponente.

⁴⁴Passagem dos pés sobre a bola sequencialmente com o objetivo de desequilibrar o adversário para um lado e sair rapidamente com a posse da bola para o outro.

⁴⁵A elevação da bola acontece por trás do corpo do driblador e depois alçada por sobre o adversário.

prioridade no ensino. Os alunos ficam divididos entre o que gostariam de fazer, o drible, e a orientação dos professores que insistem no jogo coletivo através dos passes.

A visão romântica afirma que a aprendizagem do jogo é natural, surgida nos campos de várzea ou terrenos baldios do início do século passado e atualmente fruto do futebol bricolado⁴⁶ ou das brincadeiras infantis⁴⁷, não precisando de nenhuma interferência para reduzi-lo a uma prática pré-determinada e sem criatividade.

Por outro lado, o professor e treinador José Luis Fernandes (apud TOLEDO, 2002) afirma:

No mundo inteiro o jogador possui a bola em média de dois minutos a dois minutos e dez segundos. Portanto, ele fica oitenta e oito minutos sem a bola. Em função desses estudos os treinamentos mudaram, talvez hoje se jogue mais sem a bola. A concorrência hoje mostra uma necessidade diferente de trabalho e a evolução só ocorre com a concorrência [...]. O treinador não é aquele que vai ao campo fazer um monte de exercícios [...]. O jogador brasileiro tecnicamente é um dos mais deficientes do mundo, porém é habilidoso. Esta deficiência não acontece com jogadores de basquete ou vôlei. Para nós que estamos atrasados em aspectos de treinamento, a habilidade ainda resolve alguma coisa, e quando não funcionar mais?

O texto sugere uma dissonância entre técnica e habilidade, o que não corresponde à interpretação popular, que entende como similar a idéia do jogador técnico ser habilidoso. José Luis Fernandes considera o treinamento no Brasil defasado por não observar o jogo sem bola e, apesar de sugerir deficiência técnica, acha que provisoriamente os jogadores brasileiros ainda conseguem ser competitivos. Fica clara a importância que dá aos treinamentos

⁴⁶ Cf. Damo, 2005: 37. O futebol bricolado é caracterizado pela adaptação as regras do football association e aos recursos materiais do momento, “joga-se com o que se tem”. Os nativos chamam de “pelada”.

⁴⁷ Cf. Freire, 2003. Segundo o autor, o futebol é aprendido nas brincadeiras de rua.

e à racionalização da técnica, que contrasta com o saber natural do “estilo brasileiro”.

Esta tensão, iniciada após a copa da Inglaterra (1966), coloca em lados opostos a “arte”, representando a tradição do futebol brasileiro, e a “força”, traduzindo a modernidade pela entrada da ciência. A seleção brasileira foi surpreendida pelos novos fatores que influiriam nos resultados: a disciplina tática e a preparação física. Segundo Soares (1990), uma ‘crise de identidade’ que debate a necessidade do futebol brasileiro se tornar mais disciplinado e competitivo, distanciando da identidade cultural, da tradição e da memória social manifestada no futebol arte.

FUTEBOL ARTE	FUTEBOL FORÇA
Velho	Novo
Liberal	Autoritário
Pertencimento	Profissionalismo
Amor ao clube	Ética profissional
Natureza	Instrumentalização
Torcedor	Telespectador
Espetáculo	Competição
Estética	Violência
Improvisação	Planejamento
Códigos culturais	Códigos técnicos
Desprendimento	Utilidade
Comunitário	Estrutural

Adaptado de Soares, 1990.

Helal (2003) analisando DaMatta coloca o paradigma entre o futebol arte e o futebol força:

O futebol europeu, o "futebol-força", seria um instrumento de coletivização, em nível pessoal ou das massas. Baseado na eficácia empírica de seus treinamentos "científicos", o "futebol-força" pressupõe uma disciplina tática e atlética, pois velocidade, resistência, força e objetividade caminham juntas na sua concepção. Os europeus seriam, assim, "duros de cintura", tendo que privilegiar o jogo em conjunto. Isto seria o oposto do futebol brasileiro, ou "futebol-arte", espécie de futebol "do menor esforço", onde "quem corre é a bola". Esta comparação entre estilos de prática de futebol demonstram que o "estilo europeu", ou sua suposta essência, também são representados por DaMatta com base em características supostamente "naturais". Natural seria também a associação do europeu com o conhecimento científico, afastando os brasileiros desta esfera e atribuindo-lhes, conseqüentemente, características não sérias.

O futebol força é representado pelo binômio rendimento-eficiência, dentro de uma lógica tecnicista e capitalista. O resultado é o que interessa, pois pode significar retorno financeiro para o clube e para o jogador. A ciência, por sua vez, estaria profanando o futebol e acabando com sua estética e religiosidade, pois disciplina o malandro e racionaliza o "dom".

Soares (1990) entende que a mercantilização do futebol fortaleceu o profissionalismo, mas enfraqueceu a relação de amor ao clube e a estética do futebol arte, produzindo outra, a da vitória a qualquer preço. A relação do jogador com o clube passa de familiar a comercial.

A sociedade brasileira cultiva a tradição do pertencimento, criticando aquele jogador que troca de clube por vantagens econômicas, e condenando a acumulação de capital pela tradição religiosa. O amor ao clube e o desprendimento material configuram o sagrado, profanado pela relação

capitalista⁴⁸. As transferências internacionais ratificam esta tendência, pela qual os jogadores buscam, no exterior, sua independência financeira.

Damo (2005) segue a hipótese de Soares:

O que se diz, em geral, é que o aumento da competitividade gerou o aumento da violência – dentro e fora de campo – e isso tudo devido ao incremento do capital econômico no esporte, cujos resultados passaram a interessar aos investidores em marketing e publicidade, sendo, então, sinônimos de lucro ou prejuízo. Os esportes, especialmente o futebol, seriam na atualidade a negação dos seus próprios ideais, dos seus valores originais, tornando-se uma atividade permeada por interesses difusos, enquanto outrora se caracterizaram pelo amadorismo e, portanto, pela disputa em outros parâmetros, normalmente vistos como acima dos interesses econômicos: no caso, pelo amor à agremiação e coisas do gênero.

A tendência dos ufanistas é afirmar que o futebol brasileiro não é mais o mesmo. Não existiria mais o espetáculo: dribles, fintas, toques de efeito, malabarismos diversos e o gol como fim natural, nunca o objetivo principal. A visão romântica e saudosista recorre à edição de imagens pela mídia dos melhores momentos do passado futebolístico. Há o reforço dos gols de placa, das belas jogadas e dos dribles desconcertantes para as novas gerações, descartando tudo o que havia de errado naquele tempo. Porém, sempre que Kaká, Robinho, Ronaldinho Gaúcho e outros espetacularizam com dribles e jogadas sensacionais, a criatividade desmonta qualquer organização tática e fortalece a memória coletiva, a qual é singular: o estilo brasileiro e o futebol arte.

⁴⁸ Lembrar o exemplo do jogador Bebeto que começou sua carreira em 1983 no Vitória (BA) e de lá foi para o Flamengo (RJ), onde alcançou projeção nacional e internacional. Foi campeão brasileiro pelo Flamengo em 1987, onde marcou o gol decisivo na final contra o Internacional. Jogou ainda no Vasco, na maior transação interna do futebol brasileiro até então e gerando grande polêmica ao se transferir para o maior rival. (www.futeboltotal.com/ext_Entrevista.asp?id=6 – acesso em 09/07/2007)

Questionados sobre o futebol arte, dois professores associaram a parte técnica à condição física, isto é, um amálgama dos opostos, uma necessidade do futebol espetáculo.

Por outro lado, o Brasil é um país de dimensões continentais e que ao longo de sua história teve influência de diversas etnias e culturas que aqui se miscigenaram. Como essencializar o estilo sem considerar características regionais?

A forma representação mais genérica que nos diz respeito, o jogar à brasileira, que alude ao estilo que se supõe inato e inconfundível deste esporte nacional, deve ser compreendida não como uma configuração consensual, mas ao contrário, instável e que supõe mediações de toda a comunidade de interesse e injunções simbólicas presentes nas outras “formas” regionais, locais, até mesmo individuais... Jogar à brasileira circunstancialmente engloba todas as outras sem, entretanto, aboli-las. (TOLEDO, 2002: 154)

Giulianotti (2002: 181) considera que as diferenças econômicas, sociais e geoclimáticas do Brasil interferem nas tradições regionais. Os cariocas representam a estética sul-americana com um estilo exibicionista e rítmico; os paulistas, em função da imensidão da metrópole, são rotinizados e geometricamente fixados; os gaúchos assemelham-se aos uruguaios em determinação e violência.

A contradição não fica evidenciada apenas na forma de jogar da seleção brasileira em relação ao outro, o europeu, mas também nas diferenças regionais do próprio país. Damo (2005) sugere uma tensão não apenas na forma de jogar, mas também na construção social de uma “identidade nacional”, que por suas peculiaridades regionais o fez divergir em torno de “identidades brasileiras”.

O futebol arte, essência do estilo nacional, poderia ser representado apenas por uma região, a sudeste, onde sua estética foi valorizada⁴⁹, principalmente no Rio de Janeiro e em São Paulo.

Por outro lado, como desprezar a tradição do futebol gaúcho⁵⁰ sem relativizar o estilo brasileiro de jogar futebol? Afinal de contas, é um jogo coletivo e racionalizado de forte marcação e aplicação tática, característicos do futebol força.

Em relação especificamente à “cultura gaúcha”, há todo um contexto histórico e social relacionado com a política para ocupação de sua geografia e desenvolvimento de sua economia. Tropeiros e militares ocuparam terras doadas pela coroa portuguesa no século XVIII, criando estâncias para criação de gado xucro (ÉRICO VERÍSSIMO apud Gastaldo, 2003):

Pense nas duras atividades da vida campeira – laçar, domar e marcar potros, conduzir tropas, sair da faina diária quebrando a geada nas madrugadas de inverno - e você compreenderá por que a virilidade passou a ser a qualidade mais exigida e apreciada do gaúcho. Esse tipo de vida é responsável pelas tendências algo impetuosa que ficaram no inconsciente coletivo deste povo, e explica a nossa rudeza, a nossa às vezes desconcertante franqueza, o nosso hábito de falar alto, como quem grita ordens, dando não raro aos outros a impressão de que vivemos numa permanente carga de cavalaria.

Outras características, como a influência da colonização européia na região, a proximidade de Uruguai e Argentina e a política de enfrentamento com o governo central⁵¹ marcaram a “identidade gaúcha”. A fronteira e a colonização determinaram o estilo gaúcho de jogar futebol mais europeu e portenho do que brasileiro. O “futebol arte,” como elemento simbólico da

⁴⁹ Cf. Lovisolto; Soares (2003) e Pereira (2000)

⁵⁰ Cf. Damo, 2005.

⁵¹ Revolução Farroupilha (1835-45), Revolução Federalista (1893- 95), a Coluna Prestes e a Revolução de 30.

“identidade brasileira,” estava em lado oposto à “identidade gaúcha” e o seu “futebol força”.

Cuchê (2002, p. 189) coloca a tendência dos estados modernos a uma mono-identificação e uma ideologia de exclusão das diferenças culturais, a identidade coletiva.

Como explicar o sucesso de Luis Felipe Scolari, gaúcho, identificado pela imprensa como um técnico que estimulava seus jogadores a uma forte marcação, violenta às vezes, principalmente em seus títulos nas passagens por Grêmio e Palmeiras?⁵² Scolari é um técnico que se apropriou da concepção do futebol força, fez resultados em campo, o que o credenciou a ser técnico da seleção brasileira para disputar a copa de 2002. A conquista do pentacampeonato com uma equipe competitiva e talentosa resgataria o estilo, porém seria destacada apenas a arte dos “craques”, novamente esquecendo-se a dedicação e aplicação dos demais jogadores.

Por um lado temos o senso comum, a memória coletiva, em torno do futebol arte como essência do estilo brasileiro; por outro temos o futebol moderno, que demanda uma hibridização da arte e da força ao nível de clube e seleção. A globalização promove a homogeneização da forma de jogar, porém encontra resistência local, pois não dá conta das particularidades regionais especialmente do sagrado e da tradição (HALL, 2001).

1.3.2. “Dom”: Dádiva ou Talento

Toledo (2002) concebe o estilo como “jeito”, “dom” (dádiva ou benção divina), e ainda “qualidade inata”, ou seja, atributo individual de um conjunto de

⁵² Cf. Toledo, 2002 – p. 155, 156.

representações simbólicas coletivas associadas à malícia, à malandragem e ao improvisado.

[...] e nesse dia ele estava particularmente inspirado. Driblou o primeiro italiano. Este caiu espetacularmente sentado. Veio outro que, com igual facilidade, o nosso comeu. O público estava deslumbrado. E Garrincha continuou. Os outros italianos vinham e eram ceifados. A platéia imaginava que Mané queria entrar com bola e tudo. No fim, restou apenas o goleiro, que foi também driblado, sem maiores problemas. Era a hora de dar um toque para o fundo das redes. Garrincha achou, porém, que seria simples demais. Voltou, para driblar, novamente, o goleiro e a zaga. Só depois de tal devastação é que fez o gol. Eis o que eu queria dizer: - assim jogamos nós. Não dispensamos esta coisa supérflua, mas vital, que é a beleza. Ainda ontem, eu dizia ao notável romancista Perminio Asfora: - o essencial para os nossos craques é o supérfluo. (NELSON RODRIGUES, 1994 - p.182).

Nelson Rodrigues lembra a galhofa de Garrincha para explicar a estética do futebol arte. A beleza do jogo que por vezes se opõe à objetividade e o torna “supérfluo” para os adeptos do futebol moderno, mas diferenciado e “belo” para os saudosistas.

O craque lembrado acima surge no Botafogo em 1953, e em seu primeiro treino, sob o comando de Gentil Cardoso, deixa Nilton Santos sentado após ser driblado. Ficou conhecido na história como o gênio das pernas tortas, que tinha aprendido a jogar na liberdade das peladas. Seus dribles faziam a alegria do povo.

Na Suécia só jogou por interferência de Didi e Nilton Santos. O primeiro jogo contra a Rússia tinha dois homens para marcar o seu conhecido drible pela direita, mas o primeiro foi pela esquerda com invasão da área e chute na trave adversária.

Como decifrar a origem da genialidade de Garrincha? Seria a genética associada a uma motricidade desenvolvida nas peladas em Pau Grande?⁵³ Ou uma linguagem corporal dentro de um contexto sócio-histórico, onde o domínio do corpo e dos movimentos seria valorizado pelo público?

Muitos explicariam sua capacidade pelo “dom”, uma qualidade inata, natural, mágica, intangível à razão e dentro de uma interpretação nativa, confirmada na fala dos alunos entrevistados nas escolas pesquisadas. Uma dádiva que incorpora parcialmente as propriedades intrínsecas⁵⁴ necessárias ao futebol espetáculo.

Damo (2005: 110) transcreve o diálogo com Dadá, olheiro do Vitória da Bahia, que baseado em sua experiência prática, ao ser interpelado sobre como avalia os meninos, observa: “é preciso que eles tenham algo neles – o jeito de correr, de bater na bola”. Mas sem dar maiores pistas sobre seus critérios.

Damo trabalha com a disjunção do “dom”, enquanto “dádiva divina”, interpretação nativa, e como “talento”, operado pelos formadores⁵⁵. Por outro lado poderíamos argumentar entre a providência “pós-facto” e a “ideologia do potencial”.

O “dom” é contemplado como “providência pós-facto”, a partir do momento em que sua percepção não acontece de imediato e sim com o desenrolar da prática esportiva. Diferente das características genéticas e biológicas que afloram desde o nascimento e são observados durante o desenvolvimento do indivíduo, o “dom” só é reconhecido na interação com a

⁵³ Terra natal de Garrincha, distrito do município de Magé, estado do Rio de Janeiro.

⁵⁴ Segundo Damo (2005), seriam os elementos que fazem parte do jogo e objeto de interesse de apreciadores e críticos. São eles: as regras do jogo, os sistemas táticos (4x4x2, 3x5x2), a divisão do trabalho em equipe, as estratégias do jogo, a qualidade técnica e a disposição dos atletas, o entrosamento do conjunto, os lances, os gols, o resultado e suas implicações e o estilo.

⁵⁵ Professores das escolas do esporte ou profissionais que trabalham nas categorias de formação dos clubes.

prática do jogo. A influência cultural e identitária do futebol no Brasil facilitam este processo. A providência não é antecipada, e sim postergada mediante a visibilidade do fato. Segundo Damo (2005), o capital corporal não é mensurável, mas ajuizável, sujeito à valoração: “futebol é momento”.

Wacquant (2002) usa o conceito de *habitus* de Bourdieu para explicar a crença nativa do “dom”. Como os boxeadores pesquisados por ele, o sentido de talento natural não comporta, simultaneamente, a iniciativa das práticas e a interpretação mágica dos atores.

O “dom” como “algo que não se pode explicar”, “instinto”, “algo mais” necessita de um sentido complementar, um ‘significado flutuante’, como sugere Lévi-Strauss⁵⁶, que só fica claro observando-se o contexto da ação. O futebol espetáculo perde o interesse quando o pensamento mágico é totalmente interpretado.

A noção bourdiana de capital coloca a existência de vários atributos que fazem uma pessoa inserir-se num determinado campo social. A interpretação dos formadores afirma que muitos jovens são reconhecidos como possuidores do “dom” em suas comunidades, porém a conversão deste em profissão acontece pela apropriação no treinamento de atributos físicos, psíquicos e sociais que comportam os capitais futebolísticos⁵⁷ e permitem o acesso ao futebol profissional.

Os especialistas operam com outra possibilidade do talento: a “ideologia do potencial”. Em escolas do esporte e nos processos de seleção para as categorias de formação dos clubes há a avaliação e seleção daqueles que reúnem as condições técnicas iniciais, para com o treinamento adequado

⁵⁶ Cf. Damo, 2005.

⁵⁷ Cf. Damo, 2005. Conceito que tenta dar conta da manipulação entre oferta e demanda de talentos e sua qualidade técnica que nem sempre é determinante para seu aproveitamento.

adquirirem ou não capital futebolístico. O potencial ao qual o talento está implícito não garante solução de continuidade.

O talento para Caravetta⁵⁸ seria a potencialização de algumas variáveis exigidas no perfil do futebolista, a saber: motricidade geral (capacidade técnica), atributos psicológicos (estabilidade emocional e controle da ansiedade) e componentes cognitivos (interpretação rápida para tomar decisões).

Garganta (2004)⁵⁹ afirma sobre talento:

[...] para se ter um jogador de alto nível não basta nascer com talento; torna-se imprescindível treinar. A genética⁶⁰ predispõe para algo, mas só por meio da modificação das atitudes e comportamentos se consegue, efetivamente, sê-lo. Neste sentido, o talento possibilita e potencia a aprendizagem, mas não pode substituí-la, o que significa que o capital biológico do jogador necessita de validação posterior. Expressar o talento é algo que leva tempo e exige treino. A rotina tem que potencializar esse treino, em vez de suprimi-lo ou substituí-lo. Diríamos que antes de se entregar a um processo de treino, pode existir um talento, mas o jogador só existe depois disso.

Caravetta e Garganta racionalizam o “dom” e o transformam tecnicamente em talento. A interpretação de ambos sugere um determinismo genético e biológico que deve ser aperfeiçoado pelo treinamento⁶¹ para atender às necessidades do futebol moderno.

⁵⁸ Idem. Caravetta foi coordenador técnico das categorias de base do Internacional, onde operou como profissional formador.

⁵⁹ Cf. Garganta; Oliveira; Murad (org), 2004: 231.

⁶⁰ Idem, p: 153. Toledo citando a fala do preparador físico Júlio Mazei em relação a Pelé: “Ele tem de nascer uma musculatura excepcional. Seus músculos locomotores são extremamente desenvolvidos e possui poderosos glúteos, lombares e abdominais. Aliás, deve isso à raça negra; porém mesmo entre os negros, raros foram tão bem dotados fisicamente para a prática do futebol”.

⁶¹ Damo (2005) entende o treinamento como uma rotina de trabalho que compreende: um aprimoramento físico que facilite a ocupação mais rápida dos espaços do campo; um recrutamento dos atletas com maior capacidade técnica; o desenvolvimento tático enquanto esforço coletivo para atacar e defender com eficiência; resistência psíquica às cobranças por performances regulares e resultados; preferência por jogadores disciplinados e tolerantes ao convívio em grupo.

Lovisoló; Soares (2003b) colocam que a idéia do “dom” predomina sobre qualquer outra explicação por estar identificado à cultura. Ideais de disciplina, dedicação e treinamento preconizado em outros esportes ficam em segundo plano.

Helal (2003) usa Marcel Mauss para definir a prática do futebol como um conjunto de “técnicas corporais” transmitidas culturalmente aos seres humanos. Confere com o discurso nativo de que se pode aprender a jogar futebol nas ruas, sem instrutores, através da intuição, mesmo em condições adversas. Porém, o alto nível técnico só se consegue em condições ideais.

Segundo a teoria da reciprocidade de Mauss (apud DAMO, 2005), o “dom” /talento, se aperfeiçoado e reconhecido, pode gerar uma reconversão incessante: dinheiro e afeto, fidelidade ou traição, idolatria ou escárnio. O reconhecimento do público ao jogador acontece através das vaias ou aplausos, xingamentos ou cantorias. Espera-se dele, além de qualidade técnica, atitudes de bravura, coragem, sacrifício e doação, papel super dimensionado pela crítica esportiva que cria heróis ou vilões da noite para o dia, em apenas uma partida.

A dimensão do “dom”, enquanto providência pós-facto, agrega o mágico e o sagrado que não cabem em qualquer definição tecnicista. Por isto, os especialistas a traduzem enquanto talento, ideal de potencial, tentando dimensioná-lo a partir de um determinismo biológico, e passível de aperfeiçoamento pelo treinamento, fato ratificado nas entrevistas dos professores das escolas observadas.

1.3.3. Ginga: O estilo, quase uma dança

Ainda garoto eu tinha medo de jogar futebol, porque vi muitas vezes, jogador negro, lá em Bangu, apanhar em campo, só porque fazia uma falta, nem isso às vezes... meu irmão mais velho me dizia: malandro é o gato que sempre cai de pé... tu não é bom de baile? Eu era bom de baile mesmo e isso me ajudou em campo... gingava muito... sabe que eu me lembrava deles... o tal do drible curto, eu inventei imitando o miudinho, aquele tipo de samba... (DOMINGOS DA GUIA, apud Toledo 2002: 54)

Domingos da Guia sintetiza em sua narrativa mais uma das facetas do estilo brasileiro: a “ginga”. Toledo (2002) tenta interpretá-la como ‘esquiva’ ao uso do tranco, principalmente quando este era usado para intimidar jogadores de classes sociais menos favorecidas. Entretanto, ratifica o discurso hegemônico iniciado por Freyre, associando as técnicas corporais do futebol às danças populares do brasileiro. O molejo e o ritmo seriam articulações construídas no samba e na capoeira. O futebol tornou-se nacional com as técnicas corporais do negro.

O mulato brasileiro deseuropeizou o foot-ball dando-lhe curvas arredondadas e graças de dança. Foi precisamente o que sentiu o cronista europeu que chamou os jogadores brasileiros de “bailarinos da bola”. Nós dançamos com a bola. [...] O estilo mulato, afro-brasileiro de foot-ball é uma forma de dança dionisíaca. (FREYRE apud Abrahão e Soares, 2005)

A década de 30 representou a redenção do samba⁶² e da capoeira⁶³ como elementos da cultura brasileira. Quando relacionados à influência

⁶² O Samba provavelmente surgiu na Bahia, onde até hoje guarda ritmos próprios. A transferência de grande quantidade de escravos para as plantações de café no Estado do Rio fez com que ganhasse novos contornos, instrumentos e histórico próprio. O gênero musical desenvolveu-se no início do século 20 na cidade do Rio de Janeiro, capital federal da época. Nos anos trinta, o rádio difundiu e o popularizou por todo o país, e com o apoio do presidente Getúlio Vargas, ganhou status de “música oficial” do Brasil. O samba de ‘dança de preto’ passa a canção para exportação. (www.pt.wikipedia.org – acesso em 27/03/07)

⁶³ A Capoeira é expressão da cultura popular brasileira que mistura luta, dança e música. Desenvolvida por escravos africanos trazidos ao Brasil é caracterizada por movimentos ágeis, tendo por vezes um forte componente ginástico-acrobático. A palavra capoeira pode ter surgido das áreas de mata rasteira do

afrodescendente eram reprimidos, mas durante o primeiro governo de Getúlio Vargas foram simbolicamente clareados, como sugerem Abrahão e Soares (2005):

Foi nesse projeto de uma seleção de elementos que representavam uma nação vitoriosa que, nos anos 30, o mestiço transformou-se em símbolo da identidade nacional, a partir do sincretismo de elementos culturais (o samba, a capoeira, o candomblé e o futebol), que se transformaram em representantes de brasilidade.

Vargas descriminalizou e decretou a capoeira como "esporte autenticamente brasileiro", após ter visto uma exibição em 1937, no Rio de Janeiro. Até então os capoeiristas podiam pegar de dois meses a três anos de prisão, com pena de deportação no caso de estrangeiros.

Segundo Mauss (1974), o movimento é um produto social em acordo com os hábitos de cada sociedade, que varia pela educação, prestígios, conveniências e modas. A técnica, que advém do movimento, tem sua especificidade e forma definidas pela educação. Esta acontece principalmente pela imitação de atos bem sucedidos de pessoas em que reconhecemos confiança e autoridade. Porém, não há técnica nem transmissão sem “tradição” e “eficiência”.

Talvez Marcel Mauss nos dê as pistas necessárias para entender porque a “ginga”, associada ao samba e à capoeira, passou de dança e técnica de defesa para senso comum do futebol arte e do estilo. Em um primeiro momento, a tática de esquiva nos confrontos e a liberdade de expressão corporal tornaram-se ‘hábito’ a partir da valorização por parte da população, que a transmite por sua ‘estética’ e ‘eficiência’.

interior do Brasil ou dos locais que cercavam as grandes propriedades rurais de base escravocrata (www.pt.wikipedia.org – acesso em 27/03/07)

1.3.4. Malandragem: O drible na vida

Gastaldo (2003) diz que a malandragem, como característica da identidade brasileira, surgiu nas décadas de 30 e 40 durante o processo de industrialização. Serviu como estratégia de resistência à exploração do trabalho assalariado. A figura do malandro ficou no passado, mas o “ser malandro” continua vivo, principalmente nos campos de futebol.

Segundo Soares (1990), a malandragem no Brasil se caracterizou pelo ‘transitar nos limites’ da lei ou da transgressão, como ‘ação de sobrevivência’ dos excluídos à ordem vigente e também mediante ‘representação dissimulada’ para conseguir seus objetivos.

Giulianotti (2002) representa o malandro como uma figura mitológica e folclórica do futebol brasileiro. Ele seria o trapaceiro esperto que dribla as mazelas da vida.

Se você vai a uma favela... Você verá uma mulher – não há homem na casa – que cuida de seus cinco ou seis filhos. O mais esperto desses meninos, que sabe escapar da polícia se precisar, que sabe brigar, é um bom jogador de futebol. Ele sabe driblar as dificuldades da vida. Ela sabe trazer comida para sua mãe. Há uma profunda ligação entre enganar zagueiros no futebol e ser um menino esperto na vida real. Esse garoto é um malandro. (professor MUNIZ SODRÉ apud Giulianotti, 2002)

Para DaMatta (1982), o futebol é o espelho dos dramas sociais no Brasil. O malandro vê as regras pelo “outro lado” e atua nas “brechas”, isto é, manipula as leis do jogo a seu favor com elegância e dissimulação. DaMatta afirma ainda, em sua narrativa, a malandragem como identidade nacional:

É sabido no Brasil que o futebol nativo tem no jogo de cintura; ou seja, malícia e malandragem, elementos inexistentes no futebol estrangeiro, sobretudo europeu, um futebol fundado na força física, capacidade muscular, falta de improvisação e de controle individual de bola dos jogadores. Em contraste com o

futebol brasileiro, que existe essa improvisação e “jogo de cintura”, o futebol na Europa surge como uma variante “quadrada” e autoritária da prática do mesmo esporte. (...) Na malandragem, como no “jogo de cintura”, estamos nos referindo a um modo de defesa autenticamente brasileiro, que consiste em deixar a força adversa passar, (...) Em vez de enfrentar o adversário de frente, diretamente, é sempre preferível livrar-se dele com um bom movimento de corpo, enganando de modo inapelável. O bom jogador de futebol e o político sagaz sabem que a regra de ouro do universo social brasileiro consiste precisamente em saber sair-se bem. (DAMATTA, 1982: 28).

Segundo Soares (1990), o estilo de lidar com a vida, comparado ao esporte, seguiria a estética do “futebol arte”, pois nos dois casos o que prepondera é a capacidade de improvisação e a habilidade. O futebol malandro também é conhecido por manha, catimba, malícia e é associado à astúcia, à esperteza, à vivacidade, à sagacidade, à destreza e ao desembaraço.

Soares (1990) após entrevistas com futebolistas (em formação, na ativa e aposentados) chegou a três categorias para análise dos discursos: o equilíbrio emocional, a arte/ inteligência e a experiência.

O equilíbrio emocional estaria relacionado a uma “guerra de nervos”, na qual o jogador malandro vai atuar tentando desestabilizar o adversário ou ludibriar o árbitro. Provocações verbais, corporais, factuais, temporais e pela habilidade técnica⁶⁴ são utilizadas para tirar proveito da situação.

A arte e a inteligência da malandragem no futebol estariam ao nível de criatividade, obras de arte performática imprevisível e surpreendente, acionados por jogadores comparados a artistas e gênios. A estética valorizada absolve o jogador malandro do julgamento moral⁶⁵. A inteligência funciona

⁶⁴Dentre estas provocações poderíamos citar os xingamentos ou ameaças, as disputas corporais exageradas pela bola, ganhar tempo fingindo estar contundido (cera), simular um pênalti ou irritar o adversário com um drible desconcertante.

⁶⁵ O gol com a mão de Maradona na Copa do México em 1986.

através do raciocínio rápido e preciso como resposta às ações do jogo, proveniente de um “dom natural”.

Ainda segundo os atores, a malandragem está vinculada à ‘experiência’ adquirida com as situações práticas do jogo, o que proporciona o controle emocional. A transmissão acontece pela interação dos mais velhos com os mais novos.

Helal (2003) lembra que o estilo concentra-se na “genialidade”, “irreverência” ou “malandragem” como atributos “tipicamente brasileiros”. A mídia usou desta característica para identificar Romário em sua participação na conquista do tetra campeonato mundial em 1994 pela seleção brasileira. Antes de sua chegada às eliminatórias, a mídia não reconhecia o futebol arte característico da tradição. O retorno dele simbolicamente resgatava a alegria, a picardia, a malandragem, enfim o próprio futebol brasileiro.

Romário seria a imagem do anti-herói ou ícone da malandragem, marcando sua trajetória por momentos de indisciplina, irreverência, deboche ou relaxamento. A pouca motivação para o treinamento físico, o gosto de freqüentar a noite e as polêmicas com seus desafetos (Zico, Edmundo e Pelé) são atitudes inconcebíveis para o ascetismo do esporte.

Porém, suas atitudes indisciplinadas viriam a ser perdoadas pela sua capacidade de fazer gols e pelo reconhecimento de características da identidade brasileira. A vitória seria construída pelo talento e pela arte, caso de Romário, em contraponto ao treinamento, à disciplina e dedicação, caso de Zico.

A conduta malandra pode ser absolvida ou condenada de acordo com a avaliação moral de quem a julga. Se observar valores universais de ordem,

respeito e disciplina, a malandragem é negativa e pernóstica. Em contrapartida, se considerada prática nacional, ela é relativizada e valorizada.

As entrevistas com professores e a observação das aulas na pesquisa mostrou que a malandragem foi desestimulada pela disciplina, inclusive citando como exemplo negativo, certas atitudes de Romário.

CAPÍTULO II – A ORGANIZAÇÃO DAS ESCOLAS DE FUTEBOL NA

CIDADE DO RIO DE JANEIRO

2.1 – A Formação do jogador para o Futebol Espetáculo

A questão do ensino do futebol pelas escolas, pode ser pensada a partir das transformações da vida privada e da família ao longo do século XX (Prost, 1992). A socialização da educação dos filhos passou a ser interesse do estado e dos pais para melhorar a qualidade da mão de obra e as oportunidades de trabalho na indústria. A escola assume, também, o papel de ensinar as obrigações do tempo e as regras de convivência social.

As conquistas trabalhistas dos operários (carga horária semanal definida e férias remuneradas) e a melhoria dos transportes possibilitaram um melhor aproveitamento do tempo livre e dos espaços públicos. O lazer faz parte desta nova vida privada, e o ascetismo do esporte é valorizado. A atividade física se generaliza sobre o prisma da aparência, da saúde e da auto-estima.

Guedes (2006) lembra Elias para demonstrar que os esportes são práticas pedagógicas disciplinadoras desde o século XIX nas escolas inglesas, e Mauss (1974) para legitimar as práticas esportivas como importante veículo para a transmissão e reprodução de valores e significados.

Por outro lado, o fracasso da seleção brasileira na Copa da Inglaterra, em 1966, fomentou o debate no Brasil sobre a necessidade de um futebol mais competitivo. A competição foi marcada pelo incremento da preparação física, que influenciou no desempenho dos jogadores, baseada na forte marcação, que tirou Pelé da copa, e na aplicação tática. Este evento iniciaria uma nova dinâmica para o esporte: o “futebol força”.

Esta nova imposição privilegia a força física contra o talento: “é (...) na racionalização dos sistemas de jogo em decorrência da qual se submete a arte às exigências da objetividade, funcionalidade e busca da eficácia que regem as equipes organizadas como máquinas disciplinadoras de jogar futebol” (FLORENZANO, 1998).

Para este autor, nos anos 60 há um grande embate do futebol moderno: o pressuposto da equipe-máquina, que precisa da figura do jogador-peça⁶⁶. Ele entende que este pensamento ganha vulto pela necessidade de disciplinar o jogador de futebol, principalmente aqueles provenientes de classes mais populares.

Logo, as ditas categorias de base ou de formação⁶⁷ ganhariam o papel de preparar este jogador cada vez mais cedo, em nível físico, técnico e tático. A ciência do treinamento no futebol daria a condição física necessária para as novas demandas mundiais e também sanaria os vícios e defeitos durante as etapas que antecedem o futebol profissional. Sobre isto Zagallo, já na condição de treinador do Botafogo no período de 1966 a 1970, elogiava o trabalho do clube:

Todos sabem que desde os 12 anos, os futuros jogadores começam a treinar na escolinha pelas mãos do Neca. É um trabalho árduo e cansativo. O principal objetivo é treinar o garoto tirando-lhe os defeitos, dando-lhes educação e instruções técnicas. (apud FLORENZANO, 1998).

⁶⁶ A idéia de um time de futebol como uma máquina associando rendimento e eficiência, faz parte do processo de disciplinarização em curso na sociedade brasileira da época. O projeto do homem novo que se tentava impor no país durante o período da ditadura militar.

⁶⁷ Segundo Rezel (2003) seriam os espaços de formação presentes nos clubes com a preocupação de preparar atletas para ocupar a equipe profissional.

A Copa de 1966 iniciou o processo de produção do atleta profissional moderno, e por extensão as escolas de futebol⁶⁸ ocuparam os espaços deixados pela grande procura pelos clubes, e também para a formação desses jovens que sonham com o mundo do futebol⁶⁹.

O jogador brasileiro não nascia feito, mas precisava ser formado, e para isto havia a necessidade de profissionais especialistas (apud FLORENZANO, 1998): técnicos do comportamento, engenheiros da conduta ou ortopedistas da individualidade.

Valentim e Coelho (2005) acreditam que a ação do governo militar institucionalizou a ação pedagógica dos professores de educação física nas escolas, através do artigo 13 do Decreto nº 69.450/71, que dizia ser incumbência dos clubes esportivos, desenvolverem "... atividades físicas supervisionadas pelos professores de Educação Física...", aplicando a doutrina da segurança nacional ao formar cidadãos com idéias, valores, normas, regras e padrões de vida de comportamento exemplar, compatíveis com o projeto político da ditadura militar. Por outro lado, a presença de ex-jogadores que há tempos trabalham como instrutores, formados em cursos para treinadores da Escola de Educação Física do Exército. Atualmente, outros, são provisionados⁷⁰ pelos Conselhos Regionais de Educação Física e autorizados legalmente a atuar junto com os professores.

⁶⁸ Cf. Sousa (2001). As escolas de futebol se destinam ao ensino do jogo, mesmo que o aluno chegue ou não a ser atleta. Na verdade algumas escolas destinam-se a oferecer o ensino do desporto e ocupação de horas ociosas das crianças.

⁶⁹ O sonho de ascensão social pelo futebol que muitos jovens alimentam no país contrasta com as estatísticas de distribuição salarial. Em 2003, 82,41% receberam entre 1 e 2 salários mínimos, 2,05% entre 10 e 20 e apenas 3,57% acima de 20 (HELAL; SOARES; SALLES, 2005). Apesar disto todo jogador em formação, seja nas escolas de futebol ou nas categorias de base dos clubes, continuam vislumbrando o sucesso de craques brasileiros no exterior.

⁷⁰ Profissionais não graduados nos cursos de Educação Física, mas que já atuavam no mercado quando da promulgação da lei que regulamenta a profissão. Necessitando, porém, de um curso de capacitação para receberem seus registros nos Conselhos Regionais.

Os saudosistas afirmam que os jogadores provenientes dos campos de várzea perderam espaço, embora os velhos olheiros continuem em atividade pelos quatro cantos do país, procurando os craques que tanto podem ser resultado do “dom”, do talento inato, quanto da dedicação e da disciplina auto-imposta à bola.

A indústria do espetáculo esportivo e o público selecionam os eleitos dentro do universo limitado de jogadores nos clubes. Estes podem ser tutelados pelos agentes ou empresários manipuladores dos códigos⁷¹ que movimentam o mercado, onde os ‘boleiros’ são objeto de consumo de uma cultura que privilegia o espetáculo de massa.

Para se ter jogadores de excelência ou corpos esportivos sãos, é necessário fabricá-los e monitorá-los constantemente nas escolas e nos clubes. O futebol moderno impõe o adestramento físico, psicológico e moral do atleta, uma autoridade social que se universaliza no contexto científico, gerencial e administrativo, tanto a nível local quanto global (Toledo, 2002).

Cita o exemplo de Zico, craque de laboratório, jogador franzino que pela intervenção científica ganhou o corpo necessário para a prática do futebol competitivo. Outro destaque é o clube do São Paulo, que desde 1986 implantou um centro médico-fisioterápico que enfatiza a fisiologia do esforço, e produziu jogadores como Cafú, Miller, Juninho Paulista e mais recentemente Kaká.

Rodrigues (2004) cita Foucault para considerar o esporte moderno como uma instituição disciplinadora dos corpos através das relações de poder. O controle social passa pelo treinamento, que através de técnicas e dispositivos

⁷¹ Fazem o reconhecimento do jovem com dom/talento e conhecem os caminhos para levá-los aos clubes.

manipula o indivíduo para conseguir o padrão ideal de atleta, pronto para jogar. Logo, clubes e escolas de futebol vão atuar na produção do jogador apto a atender as necessidades do mercado profissional.

Rodrigues parece esquecer que grandes autores intelectuais, como Marx, ou o próprio Foucault, também são produtos da disciplina. Seja ela hetero ou auto-imposta, a valorização da disciplina, no caso do esporte, do treinamento, além de estar amplamente difundida em quase todo campo de atividade, contrapõe-se a uma visão que valoriza apenas o talento, o “dom”, a criatividade⁷². Domina a idéia de que a realização pessoal, seja qual for o campo, depende de dedicação e disciplina.

Embora a idéia de realização pessoal (que envolve ao autodesafio, a autodisciplina, a capacidade de realizar esforços e sacrifícios) possa ser vista como formando parte do controle social, esta crença não afeta a prática, ou seja, as pessoas podem criticar a crença e ao mesmo tempo realizar ações contínuas que a confirmam na prática. Há distancias significativas entre crenças e ações. Rodrigues também deve fazer sacrifícios e se disciplinar para escrever o que escreve, mesmo que seja crítico ou, talvez por isso, tenha que ter ainda maior disciplina para atingir o “rigor da crítica”.

No processo em foco, o futebol cresce como espetáculo e como negócio, ancorado no desenvolvimento dos transportes, das comunicações e do excedente de tempo e dinheiro que permite investir em lazer. O futebol também passa por processos de modernização, racionalização e crescente comercialização.

⁷² Cf. Lovisoló; Lucero, 2006.

Souza (2001) coloca a “renúncia do prazer em jogar futebol” pela necessidade do futebol espetáculo de vencer a qualquer custo. No início do século passado, vencer significava a possibilidade de gozar o adversário até o próximo encontro. Hoje a derrota pode significar um prejuízo comercial que vai da diminuição do público nos estádios e da venda de material esportivo até a queda das ações na bolsa de valores. Deixa-se de lado a alegria pela seriedade, o brinquedo pelo trabalho, fala-se em “vou treinar” ao invés de “vou jogar” e como consequência o “estilo” vai perdendo suas características próprias, sua essência.

Ele sugere, ainda, que o futebol espetáculo exige do jogador rendimento físico, eficácia e precisão. Logo, quem não está em forma fica fora dos planos. Esta é uma visão tecnicista, fragmentada, acrítica e descontextualizada do processo histórico e cultural do futebol brasileiro, proveniente do modelo científico que sustenta a especialização. A reprodução de manuais de treinamento desportivo é o modelo pedagógico adotado pelos profissionais que atuam nas categorias de base e até nas escolas do esporte, bem diferente da aprendizagem natural sugerida pelos adeptos do futebol arte. Em sua dissertação, Ribeiro Filho (2007) analisa os manuais técnicos e o estilo nacional:

Os manuais, [...], apresentam uma ampla gama de conhecimentos que vão desde a preparação física, as questões administrativas e financeiras do futebol ou a postura do técnico, até o papel da comissão técnica. Eles propõem planilhas de teste dos mais variados, enfim, cada manual é sui generis em sua formatação e maneira de abordar os temas do futebol. Mesmo com a questão do estilo estando presente em alguns deles, não há, nos mesmos, elementos capazes de sustentar teoricamente uma conduta prática que propicie por meio de sua aplicação, o desenvolvimento e, conseqüentemente, a manutenção de um estilo de futebol em especial, nem o brasileiro. Não são apontadas como formas

que, ao serem desenvolvidas, resultarão no estilo nacional de futebol. Estas formas são descritas pela imperiosa necessidade de se trabalhar e desenvolver as habilidades e qualidades necessárias ao jogador de futebol, em especial, aqueles que buscam o alto nível de competência.

Outrossim, produzir os especialistas do futebol aumenta como campo de atividade de capacitados para treinar física e tecnicamente os futuros jogadores. No futebol moderno tudo passa a ser ensinado, com exceção do “dom”, afirma a maioria, que é natural, mas que deve ser aperfeiçoado pelo treinamento. Neste contexto, as escolas ganham espaço, pois o jogador brasileiro passa a ser produzido principalmente em instituições especializadas, como qualquer profissional de outra área.

A necessidade de formar o jogador cada vez mais cedo para o mercado, conseqüência da profissionalização defendida nas Leis Zico (8672/93) e Pelé (9615/98), trouxeram conseqüências ao trabalho desenvolvido nas escolas de futebol e, principalmente, nas categorias de base dos clubes.

Segundo a lei Pelé, que descreve a lei do passe e a obrigatoriedade dos clubes se tornarem empresas, jovens de dezesseis anos podem jogar com os profissionais. Aos dezoito devem ser obrigatoriamente profissionalizados e só poderão estar vinculados ao ‘clube formador’ por cinco anos, quando receberão passe livre com no máximo vinte e três anos de idade. Diminuiu, com isto, o período que o clube tem de tutela sobre o jogador, e acelera o processo de formação para que o clube possa ter retorno financeiro com uma possível negociação.

O jogador “em formação” ou a “prata da casa” deve atingir precocemente um amadurecimento físico, técnico e tático que o qualifique para a prática do futebol moderno. Caso ele se destaque poderá contar com a ação de um

empresário ou agente FIFA⁷³, que antes só trabalhavam com jogadores profissionais, mas que hoje vislumbram o baixo investimento na base e a possibilidade de grandes lucros no futuro.

A reformulação da lei Pelé, em 2001, garantiu uma bonificação para os clubes pequenos, formadores de jogadores, que acabam atuando como ‘fornecedores’ para os grandes, pois não contam com investimentos de empresas para cobrir os custos do futebol profissional.

Segundo Scaglia (1999), outra possibilidade para a proliferação das escolas de futebol é a diminuição dos espaços livres (várzeas, campos do subúrbio e terrenos baldios) para a prática do esporte nos grandes centros urbanos, em função da especulação imobiliária. Porém, este tipo de afirmação não conta com respaldo empírico. De fato, os prédios passaram a contar com pequenas quadras ou espaços para jogar futebol, cresceu o número de quadras abertas ou cobertas de uso múltiplo nos bairros e se multiplicaram os campos de piso sintético. O poder público entrou construindo espaços para a prática esportiva, onde quase sempre o futebol ocupa lugar de destaque.

Assim, é muito difícil determinar se no passado existiam melhores condições que no presente. O que deve ser destacado é que os espaços se tornam formais, e para serem usados demanda algum tipo de requisito (associação, pagamento de aluguel, participação em escolas, entre outros) ou informais, na medida em que a prática livre do jogo pode acontecer nas áreas de lazer residenciais ou em espaços públicos.

Para Pimenta (2000), o processo de multiplicação das escolas de futebol foi intensificado pela privatização das políticas públicas de lazer, esvaziadas no

⁷³ A FIFA promove cursos para Agentes de Futebol por meio de suas afiliadas. No Brasil temos mais ou menos 120 agentes credenciados. Ver regulamento para tornar-se agente em www.fifa.com.

período da ditadura militar (1964 a 1985), apesar de se referir ao agenciamento oficial do governo em clubes e campeonatos, para construção de estádios e controle das federações. Acrescenta que transformações econômicas (crescimento dos centros urbanos e a industrialização), culturais (massificação do lazer e ocupação do tempo livre) e a possibilidade de formar jogadores para os clubes, fomentaram este crescimento.

Pimenta (idem) entende “escolas de futebol” como entidades particulares que ensinam o esporte a jovens mediante retorno financeiro, dentro de intenções mercadológicas para auferir lucro. Alerta para a ‘violência subjetiva’ que pode ocorrer deste processo pelos custos exigidos para a participação e a exclusão para aqueles que não possuem esta condição.

As observações de Pimenta parecem ser resultado de pressupostos fortes, que já possuem respostas prontas. A primeira, é que o Estado se ocupava do esporte e deixou de fazê-lo, decorrendo a privatização. Na verdade, parece que embora a participação do Estado tenha crescido, até como resultado da incorporação da prática do esporte entre os direitos dos cidadãos, a participação do setor privado também cresceu visando aos negócios e abrindo vagas para os profissionais formados no crescimento das faculdades de Educação Física. Paralelamente cresceu, com apoio público e privado, a participação no campo do esporte, e do futebol em particular, do denominado ‘terceiro setor’⁷⁴. O futebol direcionado à formação de jogadores cresceu juntamente com o outro orientado para a atividade formativa e recreativa. Projetos voltados para a seleção convivem com terceiros que não tem esse objetivo e que declaram a inclusão e a realização de direitos como

⁷⁴ O terceiro setor é constituído por organizações sem fins lucrativos e não governamentais, que tem como objetivo prestar serviços de caráter público.

principal objetivo. A realidade se diversificou para poder atender públicos com expectativas diferenciadas e, por vezes, opostas.

A década de 80 foi marcada pela multiplicação das escolas em espaços alternativos como quadras, campo de futebol society, mais recentemente de grama sintética e mesmo na areia da praia. Fensterseifer (apud REZER, 2003) sugere que neste período houve o aumento da violência e da criminalidade nas grandes cidades, tendo como consequência a troca da brincadeira de rua pela televisão, pelo vídeo game e atualmente pelos computadores.

As estatísticas do Instituto de Segurança Pública do Estado do Rio de Janeiro (ISP)⁷⁵ mostram variações nos percentuais sobre a criminalidade constatada, que representa uma avaliação geral das ocorrências registradas no Estado do Rio de Janeiro de 2005 a dezembro de 2006.

- Crimes contra a pessoa com morte - 6,7%;
- Crimes contra a pessoa sem morte - 6,4%;
- Roubos + 6,4%;
- Furtos + 8,8%;
- Crimes contra o patrimônio + 12,4%;
- Registro de ocorrência + 1,0%;
- Crime contra liberdade sexual - 10,9%;
- Atividade policial - 2,1%;
- Mortes a esclarecer - 11,3%.

⁷⁵ <http://www.isp.rj.gov.br/> - acesso em 31/03/2007

Apesar da diminuição de alguns itens, Sebastian Roché (apud Dirk, Pinto & Azevedo, 2004) diz que o sentimento de insegurança se constrói mais a partir da percepção subjetiva do que do fato em si. Advém desta afirmação a racionalização do medo de assaltos, de balas perdidas, de violência do tráfico e até mesmo de violência policial incrementados pela “publicidade”, assunto fartamente divulgado diariamente pelos jornais e na televisão. O fato é que as crianças não deixaram de brincar na rua, mas trocaram por áreas de lazer dentro da infra-estrutura residencial, equipamentos públicos ou espaços privados disponíveis pela cidade.

Segundo Toledo (2002), a partir da segunda metade dos anos 90, os clubes grandes franquearam suas escolas como produtos rentáveis do marketing esportivo, não só para atender a grande demanda de jovens que almejam praticar futebol ou tentar o acesso às categorias de base, mas também para ampliar e dar visibilidade às suas marcas.

Porém estas escolas, como um negócio, dificultaram o acesso das camadas populares, pois os custos para participação exigem um investimento que muitas famílias têm dificuldades para arcar. Gastos com mensalidades, transporte e material esportivo podem inviabilizar o acesso e direcioná-los para outras com custo menor ou zero.

As políticas neoliberais da década de 90, principalmente no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (1995 a 2002), promoveram o enxugamento do Estado e a desregulamentação da economia. Programas esportivos educacionais ganharam o país com um discurso de inclusão social de jovens das camadas mais pobres da população através do esporte, tirando-os das ruas e da criminalidade. Surgem os “projetos sociais” de origem

governamental ou da sociedade civil, normalmente intermediados por Organizações não Governamentais (ONGs)⁷⁶.

Esta análise histórica e sociológica teve o intuito de esclarecer os processos pelos quais as escolas do esporte se desenvolveram no contexto do futebol brasileiro.

Especificamente na cidade do Rio de Janeiro, as escolas de futebol se organizaram para atender a uma população que diverge pelas suas possibilidades sócio-econômicas e objetivo para a prática. São basicamente três os tipos de instituições para o aprendizado ou desenvolvimento do esporte: as escolas de clube com seus respectivos núcleos, as escolas de bairro e os projetos sociais.

A procura pelas escolas dos clubes grandes (Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco)⁷⁷ é muito representativa, pois além da identificação como torcedor, há o imaginário de ser o caminho mais próximo para o acesso as categorias de base, junto com as “peneiras”.

Atrás do capital simbólico dos clubes grandes, há o licenciamento da marca para escolas de terceiros, os chamados “núcleos”, que funcionam como extensões, formando o jogador e com a possibilidade de encaminhá-los para a instituição.

Dentro da faixa de população que tem condição econômica para ocupar o tempo livre de seus filhos com esporte e sem grandes deslocamentos, há as “escolas de bairro”. Estas têm iniciativa particular, despesas (mensalidade e

⁷⁶ As Organizações não governamentais atuam em ações sociais de cunho esportivo, educacional, ecológico e outros, em projetos de parceria público e/ou privada.

⁷⁷ São clubes que permaneceram na elite econômica e técnica, bem como concentram a preferência da torcida carioca.

material) e são geridas por professores de educação física ou ex-jogadores de futebol sem vinculação com clubes.

As camadas mais populares também têm acesso às escolas de futebol, principalmente aquelas sem custo, os “projetos sociais”, de iniciativas públicas, privadas, comunitárias ou individuais, todos com perspectivas de inclusão social através do esporte.

2.2 – As Escolas do Clube e os Núcleos de Futebol

Os clubes grandes da cidade do Rio de Janeiro têm duas formas de desenvolver suas escolas: as que funcionam dentro do seu ‘espaço físico’, e são diretamente administradas por eles, e os ‘núcleos’, que são escolas de terceiros licenciados pelo clube e com o direito de explorar a marca da instituição.

O advento da terceirização surge na década de 90, quando os clubes percebem a possibilidade de se levar para os lugares mais distantes a identidade clubística associada à prática desportiva.

Outrossim, algumas características são comuns as escolas deste segmento: o discurso do acesso as categorias de base do clube e práticas pedagógicas voltadas para o formato do futebol de competição. Vamos tentar entender este processo através dos grandes clubes cariocas.

2.2.1 - Fluminense Football Club

Clube mais antigo e tradicional da cidade, não tem escolas próprias de futebol de campo na sede localizada no bairro das Laranjeiras, zona sul do Rio

de Janeiro. O site oficial do clube⁷⁸ informa que no clube funciona apenas a escola de futsal (masculino e feminino) e que há testes para as categorias de base no Vale das Laranjeiras em Xerém⁷⁹, a partir dos 12 anos de idade.

Outrossim, apresenta o projeto Flu Educação Esportiva,⁸⁰ que gerencia o licenciamento para escolinhas de várias modalidades esportivas. Tem como objetivo levar a sua proposta de trabalho para todo o território nacional, legitimando o clube como um dos representantes da cultura do esporte brasileiro. Está dividido em dois projetos distintos, mas complementares: Escola de Esportes (esporte educacional) e o Flu Performance (alto rendimento).

O Projeto “Escola de Esportes” tem o objetivo de desenvolver uma rede de escolas esportivas para atendimento a diferentes comunidades e classes sociais com qualidade e promovendo a democratização da prática desportiva. Propõe a utilização de campos, quadras, praias e outros espaços para a prática de esportes oficiais. A proposta didática pedagógica é definida por manuais que buscam a cidadania e a qualidade de vida para crianças, jovens e adultos.

Alguns bairros da cidade do Rio de Janeiro já possuem escolas de futebol de campo com licenciamento: Grajaú, Del Castilho, Padre Miguel, Coelho da Rocha, Campinho, Ilha do Governador e Vista Alegre. Outras como Ipanema e Copacabana têm futebol de areia e Barra da Tijuca, futebol society, fora sete outros municípios⁸¹, sete estados⁸² e dois países⁸³.

⁷⁸ www.fluminense.com.br – acesso em 18/11/2006.

⁷⁹ Distrito do município de Duque de Caxias.

⁸⁰ www.flueducaoesportiva.com – acesso em 18/11/2006.

⁸¹ Macaé, Mesquita (2), Nilópolis, Niterói (2), São Gonçalo, Maricá e Petrópolis.

⁸² Distrito Federal, Minas Gerais (2), Tocantins, Espírito Santo (2), Roraima, São Paulo e Rio Grande do Sul.

⁸³ África do Sul e Porto Rico.

O Projeto “Flu Performance” são centros de treinamento que proporcionam continuidade para os talentos detectados nas escolas esportivas. As atividades são diferenciadas e há torneios preparatórios para um possível acesso às categorias de base do Fluminense.

Listam-se alguns centros de treinamento já licenciados: Barra, Del Castilho, Padre Miguel, Ilha do Governador e Vista Alegre. Fora outros sete municípios⁸⁴ e outro estado⁸⁵.

As formas de licenciamento são duas: master e o simples. A primeira se paga uma taxa única e um valor fixo de royalties mensais e escolhe-se uma região para administração própria do licenciado das escolas de esporte que conseguir estabelecer naquela área. A segunda paga taxa e royalties para implantação da marca em apenas uma escola de esporte.

2.2.2 – Botafogo de Futebol e Regatas

O clube oferece escolas de futsal e futebol na sua sede em General Severiano, zona sul da cidade. O futebol acontece no campo da Universidade Federal do Rio de Janeiro, que fica próximo ao clube. Atende crianças e adolescentes dos 6 aos 18 anos com turmas organizadas por faixa etária. Os horários são pela manhã e à tarde e o funcionamento as terças e quintas-feiras ou segundas, quartas e sextas-feiras. Há gastos com matrícula (R\$ 20,00), mensalidade (duas vezes por semana para não sócio - R\$ 77,00) e material (apenas a camisa – R\$ 18,00). Por outro lado, esta sendo preparado um projeto para franquiamiento da marca para escolas de terceiros. Os núcleos em

⁸⁴ Região dos Lagos, Guapimirim, Petrópolis, São Gonçalo, Caxias, Marica e Niterói.

⁸⁵ Distrito Federal.

funcionando o fazem através de uma autorização, porém serão convocados para enquadramento no projeto.

2.2.3 – Club de Regatas Vasco da Gama

O clube tem suas escolas próprias de futebol e futsal nas sedes de São Januário e no Vasco Barra, a chamada ‘Escolinha do Almirante’:

Sedes	Sexo	Idade	Campo	Turmas
São Januário	masculino	10 a 16 anos	Grama sintética	Manhã/tarde
Vasco Barra	ambos	10 a 18 anos	Grama natural	Manhã/tarde

O Vasco possui também núcleos oficiais espalhados pela cidade do Rio de Janeiro e outros estados, onde aqueles alunos que se destacam podem ser aproveitados nas equipes de formação do clube. Outra possibilidade de acesso são as peneiras que são divulgadas pelo site oficial ⁸⁶.

O licenciamento acontece apenas para a escola, mantendo o seu nome original. Há um contrato com o clube, o pagamento de seguro para os alunos e o uniforme é vendido na escola, mas adquirido junto ao Vasco.

Fábio Fernandes, coordenador técnico das categorias pré-mirim, mirim e infantil do futebol, destaca: “os núcleos oficiais são importantes como fornecedores de atletas e na divulgação da marca do Vasco. As escolas que fazem um bom trabalho geralmente conseguem trazer jogadores para o clube”.

⁸⁶ www.crvascodagama.com – acesso em 20/11/2006.



A foto acima é da equipe sub 10 da escola de futebol Brasil Bola⁸⁷, núcleo oficial, participante da 7ª Copa Vasco de futebol em 2006. Foram ao todo 63 equipes divididas entre pré-mirins, mirins e sub-10. A escola localizada no bairro da Taquara, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro, cobra R\$ 45,00 de matrícula, que inclui o uniforme (camisa, calção e meião), e R\$ 35,00 de mensalidade.

2.2.4 – Clube de Regatas Flamengo

Segundo o site oficial⁸⁸, o clube informa que possui escolas de diversas modalidades dentro da sede localizada no bairro da Gávea, zona sul do Rio de Janeiro. O futebol de campo atende crianças e adolescentes de 8 a 17 anos.

A “Escolinha Fla” atrai investidores de todo o Brasil. A parceria com as empresas Time Marketing Esportivo e Unitá Franchising teve início em 2000 e já é a terceira receita de licenciamento do clube.

⁸⁷ www.brasilbola.kit.net – acesso em 20/11/2006.

⁸⁸ www.flamengo.com.br – acesso em 22/12/2006.

O sucesso da marca está vinculado à paixão popular ratificadas em pesquisas⁸⁹ do Ibope (1998) e da revista Placar (2004) que perguntaram aos torcedores: “Para qual time você torce?” e obtiveram 15,5% e 19,1% respectivamente, primeiro lugar na preferência nacional em ambas.

Os núcleos atendem alunos de 4 a 16 anos em quatro modalidades: futsal, futebol de campo, society e areia. Todos têm uniformes e professores de Educação Física ou ex-jogadores na administração. São oferecidas atividades como a ‘Copa Fla’ entre escolinhas de todo o Brasil; as ‘peneiras’ que são campos de testes realizados pelo país; os ‘mascotes’, onde os alunos entram em campo com a equipe profissional; e ‘viagens’, que são excursões à cidade e ao clube.

As escolas licenciadas estão distribuídas pelos bairros da cidade: Barra, Vila Militar, Lagoa, Ipanema, Copacabana, Vila Isabel, Ilha do Governador, Recreio, Jacarepaguá, Campo Grande, Tijuca, Cachambi, Flamengo, Grajaú, Leme, Santa Cruz, Vila da Penha, Vila Valqueire, Sulacap e Mangueira⁹⁰.

O núcleo de Jacarepaguá tem três unidades (Anil, Taquara e Freguesia), sendo uma com campo de grama sintética e os outros de grama natural. Atende alunos de 5 a 15 anos. A matrícula custa R\$ 30,00, a mensalidade: R\$ 50,00 (correspondente a duas vezes por semana) e o uniforme (camisa, calção e meião), R\$ 120,00.

⁸⁹ Cf. Damo, 2005 – p.75

⁹⁰ Outros municípios do estado do Rio de Janeiro: Araruama, Campos, Itaboraí, Macaé, Nilópolis, Niterói, Nova Iguaçu, Petrópolis, Resende, Rio das Ostras, São Gonçalo e Cabo Frio. Outros estados: Amazonas, Amapá, Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais, Mato Grosso, Pará, Paraíba, Paraná, Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Tocantins e São Paulo. Outro país: Portugal.

2.3 – AS ESCOLAS DE BAIRRO

Podem ser divididas em dois tipos: as de iniciativa particular, principalmente associada aos horários ociosos dos campos de grama sintética; ou oferecidas como atividade extra curricular de escolas particulares do ensino regular.

Estas escolas atendem a uma demanda do mercado de jovens, cujos pais podem pagar os custos, evitar grandes deslocamentos e, principalmente, para ocupar o tempo disponível dos filhos com uma atividade física orientada e socializante.

A possibilidade de explorar o futebol como lazer contribui para existência deste nicho. Os campos de grama sintética proliferaram na oferta de espaços alternativos para a prática do futebol e na possibilidade de se escolher com quem, quando e onde jogar. Suas receitas vêm do aluguel de horários para grupos de praticantes e das turmas da escola do esporte. Esta pode ser terceirizada, pois os donos nem sempre trabalham com o futebol e eventualmente transformam-se em núcleos de clubes grandes. Os profissionais que conduzem as escolas são professores de Educação Física ou ex-jogadores de futebol.

Outra possibilidade são as escolinhas de futebol e futsal oferecidas como atividade extra curricular em escolas regulares. Os alunos aproveitam que já estão na escola e fazem o esporte, sem deslocamentos e facilitando a vida dos pais. Não estão vinculadas a clubes e os professores nem sempre são da própria instituição.

2.4 – OS PROJETOS SOCIAIS

2.4.1 – As Organizações Não Governamentais (ONGs), as Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIPs) e Fundações

As ONGs⁹¹, as OSCIPs⁹² e Fundações⁹³ fazem parte do “terceiro setor” e surgem para ocupar o espaço deixado pela ausência do poder público e para desenvolver projetos de parceria pública e/ou privada, principalmente em comunidades carentes.

As crises econômicas aliadas à globalização propiciaram um redesenho da luta pelos direitos humanos e sociais. Pessoas e grupos juntaram-se em busca de objetivos em comum. Surgiram as ONGs como canais não-oficiais dando apoio internacional a microprojetos sociais dirigidos para o nível local. Muitas vezes o trabalho de uma ONG não se limita a uma definição territorial e nem mesmo funcional. A orientação prioritária das ONGs tem sido a de mobilizar pessoas e ideais com interesses localizados, mas potencialmente universalizáveis, para executar ações sociais sem fins lucrativos de caráter voluntário. Da mesma forma, estão surgindo associações e fundações mobilizando cidadãos, empresas e governos para a captação de recursos visando a ações sociais. Essas novas organizações afirmam a capacidade de agir da sociedade civil, ocupando espaços nas políticas sociais antes reservados exclusivamente ao Estado (FERNANDES, apud Costa 2003).

Guedes (2006) afirma que a proliferação dos projetos sociais esportivos aconteceu a partir da valorização da educação, prejudicada por uma escola

⁹¹ As Organizações não governamentais (ONG) se declaram com finalidades públicas e sem fins lucrativos, que desenvolvem ações em diferentes áreas e que, geralmente, mobilizam a opinião pública e o apoio da população para melhorar determinados aspectos da sociedade. Estas organizações podem ainda complementar o trabalho do Estado, podendo receber financiamentos e doações do mesmo, e também de entidades privadas, para tal fim.

⁹² Cf. Ribeiro, 2004. O então Presidente da República Fernando Henrique Cardoso promulgou a Lei no 9.790, de 30 de março de 1999, que regulamenta o funcionamento das OSCIPs – Organizações da Sociedade Civil de Interesse Público. O trabalho voluntário, as isenções fiscais, as doações de empresas privadas e pessoas físicas são questões tratadas na lei. As doações são fiscalizadas pelo Ministério Público Estadual e podem ser deduzidas junto à Receita Federal.

⁹³ Segundo a revista Filantropia as associações (ONGS e OSCIPS) não prescindem de capital. Nascem da motivação de pessoas em prol de um determinado objetivo, seja ele social ou não. A fundação nasce com capital, por meio da dotação de seu(s) fundador (es) e sua vocação obrigatoriamente terá de ser moral, religiosa, assistencial ou cultural, segundo o novo Código Civil (Lei nº 10.460/02). www.revistafilantropia.com.br/revista/perguntas - acesso em 16/05/2007.

pública de pouca qualidade, e pela ausência de políticas públicas eficazes ligadas aos esportes.

As iniciativas esportivas tentam se legitimar sobre os mesmos discursos: cidadania e inclusão social. A proposta é tirar crianças da ociosidade das ruas e da marginalidade, dando-lhes dignidade, saúde e lazer, isto é, segundo Carrano (apud Guedes, 2006), o controle social do tempo livre, entendido este como o tempo fora da escola ou do trabalho e sem a disciplina do adulto.

O perigo das ruas está na possibilidade do contato com drogas, sexo, violência e das amizades desviantes. Muitos dizem: “melhor estar aqui jogando bola do que na rua, fazendo coisa ruim”. Portanto o tempo vivido nas escolas de esporte parece melhor que o tempo vivido na rua.

A falta de expectativa de ascensão social em comunidades carentes, somados à educação deficiente e à ociosidade, fazem com que crianças e adolescentes fiquem susceptíveis ao poder de persuasão do tráfico, que lhes oferece poder e dinheiro.

Estas atividades de caráter assistencialista ganharam dimensões valorativas, na medida em que aparecem como uma resposta da sociedade civil às desigualdades da maior parte da população brasileira excluída dos seus direitos básicos.

As grandes empresas, por sua vez, se tornam parceiros dos projetos e usam do marketing social para atrair clientes, demonstrando preocupação com questões sobre meio ambiente, desenvolvimento sustentável e responsabilidade social.

Segundo Guedes (2006), o futebol é uma das alternativas para interagir com crianças e jovens em situação de risco social, podendo ser exclusiva ou

em conjunto com atividades profissionalizantes ou associadas à escolarização formal.

O incentivo à escola formal vem de regras comuns à maioria dos projetos: a inscrição de crianças e jovens regularmente matriculados na escola e com bom desempenho verificado pelos boletins escolares. A exigência é informal e normalmente fica a critério do professor, pois, ao final, o que conta é a adesão às regras do projeto.

Dentro das características citadas nos projetos sociais e localizadas na cidade do Rio de Janeiro, descreveremos as escolas de futebol desenvolvidas pela ONG Roda Viva, na comunidade do morro do Borel e do Instituto Bola para Frente, em Guadalupe.

Maia (1999) acompanhou a escolinha de futebol do projeto “Criança Brinca, Comunidade Aprende” no espaço cedido pelo CIEP Magalino Torres no morro do Borel no município do Rio de Janeiro durante três meses no ano de 1996. O projeto era administrado pela organização não governamental “Roda Viva” que oferecia também escolas de futsal, vôlei, capoeira e recreação para menores das creches comunitárias. Na ocasião, o projeto atendia cerca de 400 crianças.

Maia destaca em seu artigo “Esporte e Juventude no Borel,” que em função da violência do tráfico de drogas a sociabilidade da comunidade fica prejudicada pela dificuldade de usar os espaços públicos do morro, evitados pelas freqüentes trocas de tiros entre policiais e bandidos. A rua fica perigosa para as brincadeiras e jogos; logo, a escola de futebol era uma opção, pois oportunizava o lúdico, sustentava o imaginário de uma iniciação a uma formação profissional e oferecia segurança e socialização entre vizinhos.

O coordenador do projeto ratifica a participação dos agentes comunitários (instrutores) como fundamental, pois eles eram legitimados pela comunidade e conheciam os códigos de convivência do morro⁹⁴.

O futebol funcionava para os jovens como facilitador da socialização. Eles tinham que incorporar tanto as regras do jogo quanto as de atitude em relação aos companheiros e à comunidade. A não observância das regras poderia causar uma repreensão ou suspensão das aulas: é o esporte como forjador de caráter (BOURDIEU, 1983).

Outra característica destas organizações é a presença de ex-jogadores⁹⁵ de futebol à frente do projeto ou emprestando seu nome para captação de recursos. A relação aposentadoria/trabalho social proporciona reconversão à sociedade de parte do que o ex-atleta conseguiu como profissional. A atuação no processo pedagógico junto a crianças e jovem pobres sugere o princípio da reciprocidade de Mauss (1974).

Ribeiro (2004) pesquisou o Instituto Bola Pra Frente, que funciona desde 2000 no bairro de Guadalupe, zona norte da cidade, e têm à frente os ex-jogadores de futebol Jorginho e Bebeto⁹⁶. Importante frisar que o espaço físico foi comprado com recursos do primeiro, dispondo de três campos de futebol society, uma quadra de futsal e vôlei, um salão de lutas, um centro de informática, uma sala de apoio pedagógico, uma biblioteca, um ambulatório, uma sala de atendimento psicológico e dois vestiários.

⁹⁴ Sabiam identificar se o morro estava “*mexido*”, isto é, como estava a ansiedade do chefe do tráfico, em função de uma possível incursão da polícia e o perigo que poderia oferecer para realização das aulas.

⁹⁵ Leonardo e Raí – Fundação Gol de Letra; Jorginho – Instituto Bola para Frente; Instituto Dunga de Desenvolvimento do Cidadão na cidade de Porto Alegre.

⁹⁶ Jorginho e Bebeto foram integrantes da seleção brasileira tetracampeã mundial de futebol em 1994 nos Estados Unidos. Atuaram também em equipes de renome nacional e internacional.

Jorginho morou e foi descoberto para o futebol naquele bairro, fato que ratifica sua escolha. O capital simbólico agregado pelo jogador, o vínculo com a comunidade e a força catalisadora do esporte legitimam o trabalho social.

A instituição oferece atividades esportivas, comunitárias e pedagógicas gratuitas às crianças e adolescentes moradores da região. Os alunos optam por uma modalidade esportiva e outra cultural. O imaginário social do futebol e a imagem de atletas consagrados fazem da escola de futebol a atividade esportiva mais procurada. Em relação à parte pedagógica há reforço escolar, utilização da biblioteca e capacitação profissional nas áreas de informática e telecomunicações.



Instituto bola pra frente

(www.bolaprafrente.org.br – aceso em 15/03/2007)

2.3.2 – Iniciativas Públicas

2.3.2.1 – Prefeitura Municipal da Cidade do Rio de Janeiro

A prefeitura oferece escolas de futebol e futsal através de quatro projetos: Show de bola, Programa Germinal Mel, Vilas Olímpicas (Secretaria Municipal de Esporte e Lazer) e Clubes Escolares (Secretaria Municipal de Educação).

Desde o final de 2006, o projeto “Show de bola”, implantado pela Secretaria Municipal de Esporte e Lazer, atende crianças e jovens de 7 a 17 anos em escolas de futebol e futsal. Segundo o site da prefeitura⁹⁷, ex-jogadores profissionais como Adílio, Andrade, e Julio Cesar capacitados pelo Conselho Regional de Educação Física, estão coordenando as atividades em 18 núcleos espalhados pela cidade. O projeto funciona em campos, quadras públicas e até na praia. O objetivo é “resgatar a memória do futebol carioca e promover a inclusão, afastando os jovens das drogas e da criminalidade”.

Além das justificativas habituais, verifica-se uma preocupação com o futebol de outrora e com a experiência de vida de ex-jogadores que foram reconhecidos pela qualidade técnica enquanto profissionais. Talvez em suas aulas se valorize o futebol arte ou a liberdade de criação, que pressupõe o estilo. Por outro lado, a formação desses ex-jogadores talvez só permita a reprodução de treinamentos experimentados durante a carreira profissional.

Os núcleos do projeto Show de Bola estão distribuídos pelos bairros da cidade: Anchieta, Grajaú, Engenho da Rainha, Ilha do Governador (x2), Leme (praia), Copacabana (praia), Méier, Pavuna, Padre Miguel, Bangu,

⁹⁷ www2.rio.rj.gov.br/smel - acesso em 07/12/2006

Jacarepaguá, Leblon, Campo Grande (x2), Realengo, Inhaúma e Jardim Sulacap.

O programa “Germinal Mel” atende crianças e jovens de 7 a 21 anos em 300 núcleos, e além de futebol e futsal oferece outras modalidades como vôlei, handebol, capoeira, basquete, atletismo, futvôlei, judô, artes marciais e atividades culturais como dança, violão, teatro, cestaria e artes plásticas. A maioria dos núcleos possui escolas de futebol, e principalmente futsal espalhadas pelas quadras públicas da cidade.

As “Vilas Olímpicas” são áreas para iniciação esportiva de diversas modalidades e lazer da comunidade. São oito em funcionamento: Carlos Castilho (Ramos), Clara Nunes (Fazenda Botafogo - Acari), Miécimo da Silva (Campo Grande), Gamboa, Maré, Mestre André (Padre Miguel), Santa Cruz e Vila Kennedy; e mais três em construção: Caju, Mato Alto e Vila Isabel. Todas têm escolas de futebol e futsal.

Os “Clubes Escolares” são unidades vinculadas à Secretaria Municipal de Educação e atendem aos alunos da rede oferecendo iniciação desportiva. As oficinas são conduzidas por professores e especialistas da secretaria, que participam semanalmente de centros de estudo, dando um enfoque pedagógico e complementar ao trabalho escolar.

Funcionam em escolas ou clubes que cedem suas instalações em parceria com a prefeitura. A oferta de futsal é maior do que a de o futebol de campo em função da disponibilidade de espaços.

São eles: Mangueira, Benfica, Engenho de Dentro, Fundão (Cidade Universitária - Ilha do Governador), Cascadura, Pavuna, Praça Seca, Rio das Pedras, Cidade de Deus, Bangu, Campo Grande e Santa Cruz.

2.3.2.1. Governo do Estado do Rio de Janeiro

A SUDERJ⁹⁸ (Superintendência de Desenvolvimento de Esportes do Estado do Rio de Janeiro) desenvolvia o “Projeto Zico” conveniado com o Centro de Futebol de mesmo nome até 2006. Foram implantadas escolas de futebol em 75 comunidades carentes do estado, atendendo crianças de 8 a 12 anos. Tinha objetivos de inclusão social e geração de empregos nas comunidades (instrutores e pessoal de apoio).

Em contrapartida, a Fundação de Apoio às Escolas Técnicas (FAETEC) vinculada a Secretária de Ciência e Tecnologia, oferece escolas de futebol e de outras modalidades esportivas nos Centros de Educação Física e Esportes (CEFE) de Marechal Hermes, Quintino e Santa Cruz.

2.3.2.3 – Governo Federal

O “Projeto Segundo Tempo” é um programa do Ministério do Esporte⁹⁹, em parceria com o Ministério da Educação e do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e promovido pela Secretaria de Esporte Educacional. Destina-se a possibilitar o acesso à prática esportiva aos alunos matriculados no ensino fundamental e médio dos estabelecimentos públicos de educação do Brasil, principalmente em áreas de vulnerabilidade social.

A versão carioca do projeto é o “Segundo Tempo Pan Social” em parceria com a ONG “Viva Rio”¹⁰⁰. Segundo o site, são 250 núcleos que atendem cerca de 50 mil crianças e adolescentes no futebol, futsal, basquete, vôlei, handebol, capoeira e canoagem em municípios com alto índice de violência urbana no Estado do Rio de Janeiro. Tem como objetivos: ampliação

⁹⁸ www.suderj.rj.gov.br – acesso em 09/12/2006.

⁹⁹ www.portal.esporte.gov.br – acesso em 11/12/2006.

¹⁰⁰ www.vivario.org.br/segundotempo - acesso em 11/12/2006.

da jornada educacional, qualificação profissional, inclusão social, cidadania, melhoria da auto-estima e da disciplina. Possui alguns núcleos da cidade do Rio de Janeiro: Turiaçu, Babilônia, Tavares Basto, Vidigal, Candelária, Chapéu Mangueira, Horto, Cantagalo, Vila Isabel, Estácio de Sá, Rocinha, Cidade de Deus, Bela Vista, Rio das Flores, Vila Turismo, Vila do Pinheiro, Parque União, Coelho Neto, Acari, Jacarezinho, Ilha do Governador, Méier, Baixa do Sapateiro, Vila Aliança e Santa Cruz.



2.4 – Iniciativas Privadas

A dificuldade do poder público em atender a população em ações sociais (saúde, educação e lazer) faz com que empresas privadas, aproveitando-se da valorização junto à sociedade de iniciativas que impliquem em ‘responsabilidade social’, invistam em projetos localizados que lhes garanta melhor visibilidade para suas marcas. Muitos destes projetos estão

direcionados para qualificação profissional, reforço escolar, atividades artísticas e esportivas.

Passador (2002) cita alguns motivos que fazem o empresariado desenvolver atividades voltadas para responsabilidade social: tamanho e recursos da empresa, atuação do Estado e necessidades da comunidade. Costa (2003) observa que a filantropia empresarial é assistencialista, limitada, aleatória e pulverizada.

Os projetos sociais esportivos da iniciativa privada caminham por duas vertentes: a sociabilidade e a profissionalização. Enquanto identidade brasileira, o futebol consegue carrear muitos jovens para as escolas do esporte patrocinadas por empresas, com a perspectiva do acesso ao clube e a conversão do seu “dom” /talento em ascensão social e financeira. Por outro lado, o período que o jovem permanece na aula ou no treinamento, ocupa seu tempo ocioso e pode evitar a ação desviante da marginalidade.

O Projeto Inter Campus (OLIVEIRA, 2006) funciona em comunidades carentes, como o Complexo da Maré, localizado na zona norte da cidade, área com muitas favelas e atormentada pela violência do tráfico. Utiliza os núcleos de futebol para seus objetivos, que coincidem com os de outros projetos: retirar jovens das ruas, do contato com a marginalidade e reintroduzi-los na sociedade. Atende crianças e adolescentes dos 7 aos 17 anos e as aulas acontecem na própria comunidade.

São dois os agentes financiadores do projeto: o clube Internazionale, de Milão, da Itália, e a Pirelli, multinacional com atuação no mercado brasileiro. O primeiro doa os uniformes e materiais para o treinamento e a segunda paga os professores. O relacionamento com um clube reconhecido mundialmente

poderia sugerir um processo de seleção e recrutamento ou exclusão, ainda mais pelo capital simbólico que o Brasil agrega como pentacampeão mundial. Porém, a perspectiva de inclusão pelo esporte e o resgate de valores são prioridades, independentemente do domínio ou não das técnicas corporais do esporte. Em contrapartida, as empresas multinacionais podem usar o discurso do “politicamente correto”, de contribuir para diminuir a miséria e a violência do Brasil, como estratégia de marketing.

Os alunos que se destacam no projeto são selecionados para participar de torneios internos e externos, como o “Campeonato de Favelas” organizado pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Esta competição é acompanhada por olheiros e empresários na busca de talentos. Apesar do contexto de inclusão social oposto à profissionalização, o Inter Campus revelou jogadores que estão em clubes¹⁰¹.

2.5 – Iniciativas Individuais

A escola de futebol Nova Geração (SOUZA; BARTHOLO; SOARES, 2007) funciona desde 1988, no parque do aterro do Flamengo, área de lazer situada no bairro do Flamengo, zona sul do município do Rio de Janeiro, sob a orientação de Carlos Fernando¹⁰², vulgo Cacá. A administração do parque autoriza a utilização de um dos campos de grama sintética aos sábados e domingos de nove horas da manhã até as três horas da tarde.

¹⁰¹ Lacerda foi para o Fluminense e jogou na seleção brasileira sub 20; Rafael tem 16 anos e atua na Portuguesa da Ilha do Governador.

¹⁰² Carlos Fernando, nome fictício, jogou na década de quarenta nas categorias de base do Madureira Esporte Clube, um clube do subúrbio do Rio de Janeiro, que pertence à primeira divisão do futebol carioca. Na década de oitenta foi “olheiro” do Fluminense Futebol Clube, realizando “peneiras” em um campo na Vila Militar, no bairro de Deodoro, subúrbio do Rio de Janeiro. Não tem formação acadêmica em Educação Física.

A escola é gratuita e conta com cerca de cem alunos distribuídos em quatro categorias: categoria mirim – meninos de 8, 9 e 10 anos; categoria infantil – meninos de 11, 12 e 13 anos; categoria juvenil – meninos de 14, 15 e 16 anos; categoria juniores – meninos de 17, 18 e 19 anos.

A Nova Geração teve apoio financeiro do clube holandês Feyenoord por oito anos, e durante este período revelou Anderson, que aos treze anos foi para a Holanda com a mãe, em 1995. O atleta atualmente joga no Ajax de Amsterdã – time da primeira divisão do campeonato holandês. Este fato fez com que a escola ganhasse espaço na mídia.

Cacá não tem mais a parceria e os custos da escola são financiados por ele, pelos filhos e por uma vereadora da região. Os “contatos” ou “conhecimentos” com empresários e advogados que participam do mercado do futebol de espetáculo, que Cacá afirma ter no exterior, são centrais para a manutenção da memória social da escola e para a adesão dos alunos.

Os jovens que freqüentam as aulas são oriundos de camadas populares e sonham com a possibilidade de ascensão pelo futebol, em razão do capital social acumulado durante os anos de funcionamento da escola¹⁰³. São cerca de cem alunos catalogados que conseguiram acesso a algum clube de futebol, mesmo que de menor expressão ou sem chegar à profissionalização.

Outro ponto importante é a afirmação de que Cacá desenvolve o verdadeiro “futebol arte” em suas aulas, o estilo como identidade e diferenciação. A estrutura da aula, uma prática dirigida com ênfase no passe e

¹⁰³ As oportunidades profissionais para jovens no Brasil são reduzidas, bem como o descrédito na escola formal. O IBGE pesquisou que a taxa de desemprego entre jovens de 16 a 24 anos está na faixa de 23%, enquanto o DIEESE mostra que a mesma faixa etária representa 45% dos desempregados no Brasil, algo em torno de 1,1 milhão de jovens fora do mercado. A taxa média de desemprego na população em geral é de 10%. Segundo Damo (2005), oitocentos “pés-de-obra” foram jogar futebol no exterior no ano de 2005, representando importante opção de trabalho.

no sentido coletivo, não permite espaço para aprendizagem do drible e da ação criativa. Talvez compartilhe das hipóteses nativas de que o domínio da técnica corporal é fruto do “dom” ou de que o bom jogador nasce pronto no Brasil¹⁰⁴.

Cacá usa como estratégia pedagógica o “jogo coletivo” e “coerções verbais, físicas ou excludentes¹⁰⁵” para ensinar o futebol. Ele interfere no treino para transmitir as técnicas corporais do jogo, “moldando” os alunos conforme sua concepção do futebol arte, apesar de censurar o drible. As punições ocorrem por desinteresse, faltas desleais, discussões e brigas entre os alunos.

A disciplina e a formação de caráter são muito fortes no trabalho de Cacá. Segundo ele, o sucesso da escola acontece independente do acesso à carreira profissional, bastando que aluno seja um cidadão correto.

¹⁰⁴ Cf. Bartholo, Abrahão, Soares (2005).

¹⁰⁵ Ele pode chamar a atenção verbalmente do menino ou ainda retirá-lo do jogo. A punição pode incluir ainda a realização de exercícios estafantes como flexão de braço ou corridas ao redor do campo.

CAPÍTULO III - A PERCEPÇÃO DO ESTILO NAS ESCOLAS DE FUTEBOL

3.1 – Descrição do campo de observação

Ressaltando o mercado de escolas do futebol (clubes/núcleos, escolas de bairro e projetos sociais) identificados na cidade do Rio de Janeiro, procuramos elencar um representante de cada grupo para conferir a construção, ou não, do estilo nacional.

As escolas dos projetos sociais têm, na maioria das vezes, a orientação de ex-jogadores ou não graduados em Educação Física¹⁰⁶. Eles viabilizam uma pedagogia de reprodução de treinamentos¹⁰⁷ ou uma metodologia global de ensino do futebol¹⁰⁸. A criatividade, preconizada no “futebol arte”, é dificultada pela ação disciplinadora e programada do jogo coletivo, formatada nas diretrizes do “futebol espetáculo”.

Em função destas limitações concentraremos o estudo nas outras duas opções: uma escola de bairro, a Educar Multi Sport, e um núcleo de clube, o Flu Grajaú. Em contrapartida, as duas escolas têm professores de Educação Física orientando as aulas e será adequado para verificar se estes profissionais desenvolvem uma prática pedagógica que corresponde aos preceitos do estilo nacional.

3.1.1 - A Educar Multi Sport (escola de bairro)

Inaugurada em 2000, está localizada à rua Marechal José Bevilacqua, 611, no bairro da Taquara, zona oeste da cidade do Rio de Janeiro. O entorno

¹⁰⁶ Cf. Maia (1999) e Souza; Bartholo; Soares (2007).

¹⁰⁷ Reprodução dos treinamentos que vivenciaram durante a vida de atleta.

¹⁰⁸ Tem como estratégia de ensino o “coletivo”, isto é a prática do jogo.

da escola é uma área residencial com muitas casas, poucos prédios e vias de intenso movimento de carros.

As opções de lazer se concentram no espaço físico dos prédios e condomínios ou em uma praça, localizada a aproximadamente 1 km de distância do campo, que possui duas quadras polivalentes descobertas, brinquedos infantis, quiosque de floricultura e uma 'lona cultural' que está sendo construída pela prefeitura. Na praça funciona o projeto Germinal Mel da Secretaria Municipal de Esportes e Lazer com escolas de futsal e vôlei gratuito.

A área da escola fica ao lado de uma fábrica de transformadores elétricos, cujo terreno é arrendado. O campo de grama sintética tem a dimensão de 47x27 metros, sendo 45x25 metros a área marcada para o jogo, que é totalmente cercada por uma rede de nylon e seda. São aproximadamente 2000 metros de área construída, que também oferece bar, churrasqueira, dois vestiários, dois banheiros, secretaria e um espaço coberto com jogos eletrônicos, mesa de totó e de sinuca, mesas, cadeiras e outro ambiente descoberto e livre. O espaço pode ser locado para festas de aniversário, confraternizações e churrascos.

O campo tem seus horários divididos entre as turmas da escola de futebol e a locação para grupos de praticantes do esporte (à noite, durante a semana e nos finais de semana, também durante o dia).

A escola de futebol atende crianças e adolescentes dos 5 aos 15 anos de idade, de segunda a sexta-feira, com turmas pela manhã, tarde e até parte da noite, quando a procura para locação é maior a partir das 19:00. O horário noturno foi aberto para atender crianças que estudam à tarde, cujos pais aproveitam o deslocamento para buscá-los na escola e emendam com a

atividade física de seus filhos. Muitos deles são provenientes de uma escola de ensino regular particular, onde Marcelo trabalhara com futebol, demonstrando uma relação de confiança e credibilidade.

Horário	Terça/ Quinta	Horário	Segunda/ Quarta
8 às 9:00	10/ 11 anos	14:30 às 15:30	14/ 15/ 16 anos
9 às 10:00	12/ 13 anos	15:30 às 16:30	13/ 14 anos
10 às 11:00	14/ 15/ 16 anos	16:30 às 17:30	9/ 10 anos
17 às 18:00	11/ 12 anos	17:30 às 18:30	7/ 8 anos
18 às 19:00	7/ 8 anos	18:30 às 19:30	5/ 6 anos *
19 às 20:00	9/ 10 anos		

* Esta turma funciona segunda e sexta-feira.

As aulas na Educar têm duração de uma hora e são divididas em três partes: aquecimento com alongamentos, exercícios localizados, corrida em volta do campo, estafetas ou pequenos jogos; exercícios técnicos, táticos ou jogos recreativos; e coletivo (prática do jogo).

Marcelo¹⁰⁹ e Renan¹¹⁰ têm o auxílio de dois estagiários de Educação Física, Marcos¹¹¹ e José¹¹², e possuem recursos materiais como: bolas oficiais (eventualmente de tênis ou de borracha com tamanhos variados), cones, cordas elásticas, arcos e coletes.

A maioria dos alunos é moradora do bairro e os pais têm condições de arcar com as despesas de uniforme (camisa, calção e meiões personalizados com o logotipo da escola e nas cores verde e azul) vendido no local e mais a

¹⁰⁹ Nome fictício.

¹¹⁰ Nome fictício.

¹¹¹ Nome fictício.

¹¹² Nome fictício.

mensalidade (R\$ 40,00). O aluno deve apresentar atestado médico para efetuar a matrícula.

Os donos do negócio, Marcelo¹¹³ e Renan¹¹⁴, são professores de Educação Física e estão à frente das turmas da escola. Conheceram-se durante a graduação na Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), estagiaram em escolas de futebol e futsal, e depois de um trabalho em grupo para a disciplina futebol de campo, do professor Jayme Valente, resolveram se dedicar ao ensino do esporte.

Marcelo começou a jogar muito cedo pelo incentivo do pai, que o levou com 5/6 anos para uma escola de futsal. Depois foi atleta do mesmo esporte jogando da categoria mirim até a adulta. Também jogou futebol pela Mangureira nas categorias de base. No primeiro período da faculdade, foi trabalhar no bombeiro de Copacabana onde, segundo ele, reproduzia aquilo que vivenciou como atleta: “Qualquer tipo de trabalho técnico que era feito, eu não projetava nada, eu achava aquilo importante e fazia. Com a faculdade, isto foi mudando muito meu jeito de trabalhar”.

Ainda na faculdade atuou na comissão técnica nas categorias de base do futsal do Flamengo, foi auxiliar de preparação física e treinador de goleiros nos juniores do Barra Futebol Clube, tendo continuado a trabalhar com escola de futsal e futebol society.

Renan, por outro lado, não jogou futebol em clube e como ele mesmo se definiu, era um “peladeiro”¹¹⁵. A partir de 1995 começou a trabalhar com futebol, estagiando no Flamengo, núcleos e escolinhas, bem como aprendeu bastante com seu colega de faculdade, amigo e sócio, o professor Marcelo.

¹¹³ Entrevista realizada dia 07/09/06.

¹¹⁴ Entrevista realizada dia 23/05/06.

¹¹⁵ Seria um praticante do Futebol bricolado (Damo, 2005).

3.1.2 – O Flu Grajaú (núcleo de clube)



Esta escola é um núcleo do Fluminense Football Club que funciona desde 2005 na Associação atlética Light, à rua Barão do Bom Retiro, 1954 – bairro do Grajaú, zona norte da cidade.

O núcleo encontra-se em uma área de grandes disparidades sociais. O Grajaú é um bairro residencial de classe média, porém ladeado por comunidades atormentadas pelo tráfico de drogas, como o Morro dos Macacos em Vila Isabel. Bem próximo dali está um jardim zoológico desativado, onde hoje funciona uma escola pública e um parque com quadras de esportes e campo de terra para o futebol, assistidas pelo projeto ‘Germinal Mel’ da prefeitura.

A associação, como um clube, possui um campo de grama natural, de medidas oficiais, com arquibancadas para o público, além de um campo de grama sintética, três vestiários e banheiros. Há também quadra de tênis, cancha de bocha, sala para ginástica, de musculação, de dança, de lutas, quadra coberta com escola de futsal e piscina com aulas de natação. A área social é bem desenvolvida com muitos eventos para associados, 2 churrasqueiras e salão de beleza.

O Flu Grajaú atende alunos dos 5 aos 17 anos em turmas organizadas por faixa etária. Há custos com matrícula (R\$ 10,00), mensalidade (R\$ 70,00) e material (camisa, calção e meião com logotipo do projeto e do clube - R\$

70,00). Os alunos devem apresentar atestado médico comprovando estarem aptos a praticar atividade física.

Jogadores de linha e goleiros		Específico para goleiros	
Horário	Terça/ Quinta	Horário	Quarta
14 às 15:30	14/15/16/17 anos	14:00 e 18:00	14/15/16/17 anos
16 às 17:20	10/11/12/13 anos	15:30 e 19:30	10/11/12/13 anos
17:30 às 19:00	05/06/07/08/09 anos		

Antonio¹¹⁶ conta com o auxílio da professora Carla¹¹⁷ e também de dois estagiários de Educação Física, Ricardo¹¹⁸ e Renato¹¹⁹ (preparador de goleiros). Possuem farto material para as aulas: bolas oficiais (eventualmente de tênis ou de borracha com tamanhos variados), cones de vários tamanhos, tartarugas (pratos de plástico), cordas elásticas, arcos e coletes.

A maioria dos alunos é proveniente dos bairros próximos à escola. Possui em seus quadros¹²⁰ 64 alunos, sendo 26 no juvenil /infantil, 32 no pré-mirim/ mirim e 6 no fraldinha. Do total, há 13 bolsistas, que são alunos dispensados de pagar a mensalidade e que acompanham a filosofia do projeto 'Flu Educação Esportiva' de democratização do esporte. A parceria com uma ONG, a fundação AMAR, que dá apoio a crianças carentes da região com aulas de reforço, é um incentivo para a melhoria do rendimento escolar, com a possibilidade de participar do núcleo do Fluminense.

A Flu Grajaú está licenciada para o professor Fernando, que já possuía no local outra escola com o mesmo nome da associação. Ele utiliza o campo

¹¹⁶ Nome fictício.

¹¹⁷ Nome fictício.

¹¹⁸ Nome fictício.

¹¹⁹ Nome fictício.

¹²⁰ Atualização de 31/05/2007.

dividindo o valor das mensalidades com a Light e administra as duas escolas que funcionam em dias diferentes.



O professor Fernando atuou diretamente com as turmas da escola por muitos anos, desde sua inauguração em julho de 1993. Sempre desenvolveu um trabalho paralelo de formação de equipes para competições entre escolas. Por iniciativa própria, organiza anualmente a Copa Light¹²¹ que no ano de 2006 teve a sua 13ª edição, reunindo quarenta equipes divididas pelas categorias: pré-mirim (10/11 anos), mirim (12/13 anos), infantil (14/15 anos) e juvenil (16/17 anos).

Sua participação em competições para escolas de futebol proporcionou vários títulos. O mais importante foi o bicampeonato da Copa Nike, organizada pela Confederação Brasileira de Futebol (CBF). Posteriormente trabalhou com a equipe juvenil do Mesquita Futebol Clube no campeonato carioca de 2004 e no ano seguinte foi para o Fluminense, onde permaneceu até 2007. Durante o período em que esteve em clubes, tornou-se apenas coordenador das escolas.

A transição de professor de escola de esporte a treinador de clube grande, abriu espaço para o professor Antonio ¹²² assumir toda a atividade das turmas do núcleo. Fernando o conhecia há 23 anos, quando descobriu que ele estava fazendo Educação Física na Universidade Federal Rural e o convidou para trabalhar na escola da Associação Atlética Light em 2002. A princípio recusou, pois não tinha nenhuma experiência com futebol. Após um período de

¹²¹ www.copalight.com

¹²² Entrevista realizada dia 08/08/06.

estágio, se identificou com o esporte, assumindo turmas em fevereiro de 2003. Depois surgiram outras oportunidades, como a do Vasco da Gama, onde ficou de agosto de 2004 a abril de 2005, fazendo a adaptação dos atletas de futsal que iriam fazer testes no campo. Depois se desligou para dar aula de Educação Física Escolar. Exerce, também, a função de preparador de goleiros e técnico em duas escolinhas de futsal, na própria Light e na MR Esporte, no bairro do Lins de Vasconcelos. Hoje trabalha seis dias da semana com futebol.

3.2 – Análise da observação direta das aulas e entrevistas com professores

As observações aconteceram de Julho de 2006 a maio de 2007, e tiveram por objetivos verificar os processos de transmissão das técnicas corporais do futebol e se estas estavam de acordo com os preceitos do “estilo brasileiro” de jogar.

Escolas	Professores	Aulas observadas	Horas
Educar Multi Sport	Marcelo	11	11
	Renan	13	13
Flu Grajaú	Antonio	13	19,5
Totais	03	37	43,5

Para facilitar a interpretação das entrevistas e comparações com as observações de campo, estabelecemos algumas categorias para análise.

3.2.1. Acesso dos alunos às escolas

Neste item a intenção foi perceber quais as motivações¹²³ que levam a criança ou o adolescente a procurar uma escola de futebol. Marcelo acredita que a maioria dos alunos é levada pelos pais para uma formação e pela possibilidade de profissionalização:

A primeira coisa, o pai pensa economicamente, vai colocar o filho em uma escolinha para ser jogador de futebol. Pode ter um ou outro que pensa na prática esportiva, mas 90% pensa em colocar uma criança que vai ser jogador de futebol. Eu procuro sempre, quando o pai vem aqui, tentar colocar na cabeça dele a importância da prática do esporte, não só do futebol, mas que a criança pratique um esporte como meio de saúde, socialização, disciplina e se o objetivo dele é ser jogador de futebol, ele tem que ter paciência. Eu acredito que isso é um “dom” que você lapida tecnicamente, isso é um “dom” que a criança tem. Tem algumas crianças que a coordenação motora é zero, não consegue nem andar direito, mas a primeira coisa que pergunta: “leva para o clube?”.

Por outro lado, Renan concorda com Marcelo, do aprender para poder ser jogador de futebol, mas admite também o viés da sociabilidade¹²⁴:

Tem dois lados. O aluno que já tem um histórico do futebol. Esse procura para desenvolver e tem sempre o sonho de ser jogador. O aluno que chega e já sabe dar um passe, os fundamentos básicos são mais fáceis de trabalhar. E o aluno que chega e não é dotado, não tem nenhuma experiência com futebol, ele usa como elemento socializador¹²⁵. No recreio do colégio, na roda de coleguinhas, ele fica a margem por não saber jogar, então eles vêm com interesse de fazer parte do grupo, pois sabendo jogar, eles têm uma chance um pouco maior do que aqueles que não sabem, fora à parte motora. Resumindo, tem o aluno que sabe e o que não sabe, cada um vêm com um objetivo diferente.

¹²³ Segundo Weber (2005) é a conexão de sentido que parece ser o fundamento da conduta do ator.

¹²⁴ Segundo Simmel (1971), a sociabilidade seria uma forma pura de interação, sem um fim nelas mesmas. A sociabilidade seria a interação da ordem do estar junto, da manutenção das relações sociais, sem interesses políticos, econômicos etc.

¹²⁵ É utilizado na linguagem dos professores com o sentido de sociabilidade.

Antonio, por sua vez, acompanha Marcelo e acrescenta a atração pela ludicidade da bola:

[...] Qualquer lugar que você vá ao final de semana, qualquer hora que você esteja se divertindo, tem uma bola, independente de sexo, idade, nível cultural, sócio-econômico, a raça, tem sempre, sempre bola, então a bola fascina muito. E como nós somos o país do futebol, o grande sonho é ser jogador de futebol, ter o status à fama, a possibilidade de ganhar muito dinheiro. Os ídolos do garoto são os jogadores de futebol.

Fica claro, nas três declarações, o forte apelo sócio-econômico que a mídia ratifica, omitindo que os jogadores que aparecem e se destacam fazem parte de uma elite minoritária no futebol profissional brasileiro, pois a grande maioria, aproximadamente 80%, ganha até dois salários mínimos (HELAL; SOARES; SALLES, 2005). O futebol pentacampeão do mundo agregou um capital simbólico, que associado a uma educação pública deficiente e à dificuldade de ascensão social das camadas mais populares, cria terreno fértil para o imaginário, no qual o estilo é um “dom” natural, exclusivo do brasileiro.

Outrossim, a sociabilidade, enquanto necessidade humana de interação com seus pares, e a ludicidade, meio facilitador do processo, estão diretamente relacionadas com a ocupação do tempo livre, de forma orientada pelos professores e controlada pelos pais. A escola de futebol, em ambos os casos do espaço privado, divide a tarefa de educar e disciplinar os corpos para a prática do jogo. É o esporte funcionando como agente civilizador (ELIAS, 1995) e também para a manutenção da identidade cultural.

O mais importante é disciplina e respeito. Até brincando com a resposta, pois pode até não aprender a dar um passe ou um chute, mas aprender a ter respeito com o próximo, disciplina, pontualidade. Saber o que é certo, o que é errado, acho que já aprendeu pra caramba (Marcelo).

Aqui na escolinha, ele aprende os fundamentos, a regra do jogo. Aprende que as regras valem também para vida. A gente não tem a regra só dentro do jogo, temos as regras sociais. Então ele vai aprender a trabalhar em equipe, a ter disciplina, porque precisa disciplina para treinar, para escutar quem manda, que tem hierarquia, porque está se falando aquilo (Antonio).

3.2.2 – Organização das aulas

As turmas são organizadas por critérios de idade ou estágio de desenvolvimento técnico ou motor.

Depende da faixa etária que entra. A primeira coisa que eu vejo, quando o aluno entra, é a parte motora dele. Não tem como ensinar a ele dar um passe, um chute, se ele não sabe andar, se ele não sabe correr. Primeiro ele tem que aprender a andar, a correr, depois aprender a ter gosto pelo esporte. Vai brincar, vai jogar livremente sem aquela de coisa de atacante, zagueiro, lateral. Primeiro ele tem que tomar gosto pelo esporte. Depois que eu conquisto a criança/aluno fica muito mais fácil para pegar e ensinar a maneira de trabalhar, de bater na bola e isso vai muito da faixa etária. Eu trabalho entre 4 e 6 anos de idade. Eu deixo a criança bem livre, solta, ela vai fazer o que quiser com a bola no jogo. O pé que quiser fazer, eu deixo bem livre. Depois com 7, 8 anos de idade, a gente começa a dar mais ênfase à parte técnica do esporte. (Marcelo)

A gente faz uma avaliação quando o aluno chega para o ver o nível que ele se enquadra, procuramos trabalhar dentro das faixas etárias, que é bastante importante, para trabalhar o desenvolvimento físico, motor e direcionando os exercícios e educativos para o que eles precisam e necessitam. Os horários são diretamente ligados à faixa etária e quando há algum mais desenvolvido, a gente coloca em uma turma acima (Renan).

A Educar, pela fala de seus professores, demonstra sua preocupação em usar o esporte como meio educativo. A competição não é o objetivo final, mas é reforçada pelos valores morais intrínsecos à prática do jogo (superação e determinação). Preocupam-se com as necessidades da criança ao respeitar

o desenvolvimento motor individual. O Professor Renan critica a ação reprodutora de treinamento dos ex-jogadores e a falta de ética profissional:

[...] Uma dificuldade é que há poucos profissionais qualificados trabalhando com escolinhas. Vejo ex-jogadores que deveriam ter uma formação acadêmica ou pelo menos tecnicista, um curso técnico, uma especialização. Por isso, ele quer pegar aquilo que ele já fez e aplicar. Já fomos chamados de covardes por não marcar jogos, porque muitos professores querem mostrar trabalho pelo resultado direto. Então colocam categorias com idade adulterada e na Copa Trivela que iremos participar no Recreio tem gente falsificando identidade em um torneio que não vale dinheiro, torneio para não federado, mais simples e burlam coisas pequenas. Deveria ter mais fiscalização, pois há muita gente sem qualificação trabalhando com crianças. Então só faço jogos com quem eu conheço ou tenho referências, no passado tive muitos aborrecimentos por conta disso.

A luta pelo mercado das escolas de futebol não fica restrita ao segmento que ela representa, mas do mesmo modo, ao profissional que as orienta, professor de educação Física ou ex-jogador. Há um antagonismo nas propostas e métodos de trabalho, o que faz com que os discursos emitidos por parte dos atores envolvidos nessa disputa, afirmem, por um lado, que só os graduados possuem qualificação para atuar com crianças em formação; por outro, os jogadores que se tornaram professores de futebol afirmam que só quem possui experiência com a prática do esporte pode ensinar alguma coisa.

Acho que influencia, tem aquela briga, nós que somos formados, ex-atleta e professor. Se puder conciliar o professor praticante, que pratique e saiba a dificuldade que a criança vai ter naquele movimento. É perfeito, é o melhor de tudo. Quando não der para conciliar, eu acho que a gente deve procurar, estar sempre se aperfeiçoando, estudando, para saber o que está acontecendo, isso muda muito de dia para dia, de mês para mês, de ano para ano. (Marcelo)

A Flu Grajaú utiliza o artifício da competição como elemento motivacional na escola:

[...] Então você pode não estar preocupado com o resultado, mas você tem que estar preocupado em não gerar uma frustração na criança. Porque se você vai, joga e não jogou bem, jogou direitinho, mas perdeu de dois, de três, de cinco, de oito, só perde. Você vai desestimular a criança que começa a colocar em questão: qual é o problema? São as crianças? É o treinamento? É o professor? São os adversários que são muito mais fortes? Você não ta conseguindo jogos com crianças do mesmo nível? Então você tem que estar preocupado o tempo todo com isso, não preocupado com o resultado, mas sim em não gerar uma frustração na criança de eu só perco. Também não adianta você botar seu time pra jogar sempre com uma equipe muito mais fraca. Você vai ganhar dele e não vai ter a verdade do seu trabalho. Não é formar a equipe, é formar uma equipe que saiba jogar futebol. (Antonio)

As respostas indicam propostas diferentes de ensino. Apesar das duas serem particulares, há uma diferenciação dentro do contexto pedagógico no mercado de escolas de futebol na cidade do Rio de Janeiro. Existe um trabalho visando a formação esportiva sem priorizar a competição, que é a escola de bairro, e outro voltado para o desenvolvimento dos elementos que fazem parte do futebol como possibilidade de profissionalização, que é o núcleo. O primeiro preocupa-se em formar o aluno para que ele aprenda a gostar do esporte, independente de continuidade, enquanto o segundo traz consigo a marca do clube grande, parecendo diminuir a distância entre a escola e as categorias de base. O núcleo deve preparar o candidato a jogador.

[...], Mas não iludir a criança que ela vai entrar no núcleo do Flamengo, do Vasco, etc, que ela vai jogar no clube. A criança bota a camisa do Vasco e fica com aquela ilusão de que vai jogar no Vasco, no Flamengo. E realmente é uma ilusão, você deixa de trabalhar o esporte como meio de inclusão, meio de desenvolvimento motor da criança, mas sim um esporte preparativo para atleta (Marcelo).

Em relação aos fundamentos, todos priorizam o ‘passe’ em detrimento do ‘drible’, característica máxima do “estilo”: “Sem dúvida o passe e depois o domínio, não há jogo sem eles” (Renan).

[...], o fundamento mais usado no esporte é o passe e o chute. Então se estatisticamente são os mais usados dentro do jogo, acho mais importante primeiro o passe, depois o chute. Trabalho muito o passe durante as aulas (Marcelo).

O passe, porque se você passa bem, você tem a posse de bola, se você tem a posse de bola, menor o tempo do adversário te atacar e maior o teu tempo de atacar. Se o objetivo é fazer o gol, quando mais tempo você tem a posse de bola, maiores são suas chances de fazer gol. Eu acho o passe o fundamento mais importante neste aspecto, se você tem a posse de bola e consegue passar bem, você vai ter dentro do contexto todos os fundamentos bem realizados. Você vai conseguir ficar mais tempo com a posse de bola, logo vai correr menos riscos e vai oferecer mais perigo ao adversário (Antonio).

Analisando as observações de campo e o número de aulas em que cada fundamento foi desenvolvido, obtivemos os seguintes dados:

Tabela 1 - Frequência dos fundamentos técnicos nas aulas da Educar

Aulas	Condução	Passe	Domínio	Drible	Chute	Cabeceio	Marcação
30/05/2006	X	X	X	x	x		x
04/07/2006		X			x		
11/07/2006	X	X	X				
13/07/2006					x		
01/08/2006	X	X	X		x		
01/08/2006	X	X	X		x		
10/08/2006					x		
10/08/2006					x		
17/08/2006					x		
17/08/2006					x		
24/08/2006	X				x		
14/09/2006	X				x		
21/09/2006	X				x		
26/09/2006	X	X	X	x	x		x
26/09/2006	X	X	X				x

07/03/2007	X	X	X		x		
07/03/2007	X	X	X		x		
07/03/2007	X	X			x		
13/03/2007	X				x		
21/03/2007							
22/03/2007		X	X			x	
22/03/2007							
28/03/2007		X	X	x	x		x
29/03/2007	X	X	X		x		
04/04/2007							
04/04/2007							
Totais (26 aulas)	14	13	11	3	19	1	4
percentual	53%	50%	42%	11%	73%	3%	15%

Pode-se observar que na escola de bairro o fundamento mais utilizado foi o ‘chute’¹²⁶. Depois, muito próximo, a condução e o passe confirmando o que Marcelo e Renan afirmaram em suas entrevistas. O drible, que poderia despertar as características do “estilo brasileiro” nos alunos, ficou em segundo plano. Na verdade foi pouco acionado (3 vezes em 26 aulas) e só apareceu quando associado à marcação em exercícios fragmentados do jogo, do tipo ataque contra defesa.

A criatividade e a individualidade aparecem no coletivo (jogo), porém sempre de forma controlada, pois a heterogeneidade da turma faz com que apenas os mais habilidosos fiquem de posse da bola. O jogo coletivo foi sempre incentivado, até com restrição ao número de toques na bola durante o jogo, e caso houvesse infração a equipe poderia ser punida com pênalti. Segundo Marcelo era a forma encontrada para que guardassem o posicionamento correto em campo ou compensassem a diferença de idade durante o jogo, pois os professores tradicionalmente separam as equipes de acordo com o ano de nascimento.

¹²⁶ Marcelo e Renan gostavam de encerrar a aula com cobrança de pênaltis.

Vale destacar a coerção verbal que alguns pais exercem sobre seus filhos e outros alunos. Várias vezes, durante as aulas, alguns deles protestavam do lado de fora do campo: “solta a bola, deixa de ser fominha”.¹²⁷ As crianças mais jovens inibiram-se, optaram por não ousar e evitar os erros. A identificação do brasileiro com o estilo nacional e o futebol arte parece não contagiar os pais, que estão mais susceptíveis a participação dos seus filhos ou atentos aos padrões profissionais de jogar futebol.

De repente você pega crianças de 5, 6 anos de idade que tem um “dom”, uma habilidade fora do comum e alguns pais que estão do lado de fora e outras pessoas começam: “toca a bola, toca a bola”, quase que robotiza a criança. Então fica sem iniciativa própria e acaba perdendo o treino por causa disso. Começa a achar que por ele ser um pouco mais habilidoso, que ele tem de ficar reprimido, que ele é obrigado a tocar a bola o tempo inteiro para os outros aproveitarem a aula. (Marcelo)

Ontem fui questionado por um pai sobre um aluno de oito anos muito individualista e que não toca a bola. Falei para ele o seguinte: Ronaldinho Gaúcho e Robinho provavelmente aos sete, oito anos era uma bola só para eles e não tocavam para ninguém. Se eles tivessem um professor nesta idade que obrigasse a tocar a bola, talvez hoje não fosse quem são. (Renan)

O drible é valorizado em dois momentos: quando não há a alternativa do passe ou do chute, ou quando, apesar de outras opções, a seqüência da jogada alcança sucesso. A atitude dos professores varia da orientação para passar a bola, quando se perde a posse, ao elogio, quando a seqüência surte efeito.

Neste contexto, a malandragem não foi valorizada. Ao contrário, foi desestimulada, coibida e suplantada pela disciplina imposta pelos professores.

¹²⁷ Vocabulário nativo associando o jogador que prefere conduzir ou driblar a passar a bola, como se esta fosse uma refeição para quem está com fome.

Esta situação era manifestada em séries de abdominais aplicadas para cobrar a falta de alguma peça do uniforme, ou a marcação de pênalti, utilizado durante o coletivo como punição para faltas mesmo fora da área¹²⁸.

Romário, como símbolo desta estética, é criticado por suas posturas indisciplinadas dentro de campo e como exemplo negativo:

Eu lembro que eu trabalhava com o fraldinha do Flamengo, 7 e 8 anos de idade, era Flamengo e Botafogo, o Romário tinha feito um gol no Botafogo e saiu mostrando o dedo para a torcida do Botafogo, que havia hostilizado ele no jogo. E aí nosso atleta, 8 anos, faz o gol e vai para a torcida do Botafogo e mostra o dedo. E fui obrigado, os pais falaram muito comigo, a tirar ele do jogo, que era o principal atleta, semifinal do campeonato, para ele entender que do outro lado da torcida estariam pais igual aos pais deles na torcida do Flamengo. Ele saber que nem tudo aquilo que vê tem que fazer, mas isso eles são influenciados diretamente. Corte de cabelo, hoje você vê todo mundo com aquele corte moicano, é cabelo raspado, aquele topete do Ronaldo, isso aí é 100% (Marcelo).

Analisaremos agora como foi distribuído o tempo de aula na educar. Verifica-se que aproximadamente 90% do tempo das aulas observadas na escola foram distribuídos em quatro categorias: Coletivo, exercícios técnicos, intervalo e aquecimento (nesta ordem).

Tabela 2 - Duração das partes das aulas na Educar

Aulas	AQC	INT	TEC	TÁT	COL	REC	FIS
30/5/2006	15	15		20	10		
4/7/2006	5	5	15		25		
11/7/2006	5	5	30		20		
13/7/2006	10		5		35	10	
1/8/2006	10	5	20		20		
1/8/2006	5	5	30		20		
10/8/2006	15	10	5		30		
10/8/2006	15	10	5		30		
17/8/2006	5	5	5	15	30		
17/8/2006	5	5	5	15	30		
24/8/2006	10	10	10		30		

¹²⁸ Artifício usado para reprimir a violência entre as crianças, principalmente os menores.

14/9/2006	10	10	5		35		
21/9/2006	5	12	12		36		
26/9/2006	5	5	20		15	20	
26/9/2006	10	20	10		20		
7/3/2007	10	5	15		30		
7/3/2007	5	10	10		35		
7/3/2007	5	10	20		25		
13/3/2007	10	10	10		30		
21/3/2007	15	10		20	15		
22/3/2007	10	15	15		20		
22/3/2007	10	10			40		
28/3/2007		5	25		25		10
29/3/2007	5	15		10	30		
4/4/2007					60		
4/4/2007	5	15			40		
Total (1560 min)	205	227	272	80	736	30	10
percentual	13,1%	14,5%	17,4%	5,1%	47,1%	1,9%	0,6%

Legenda: AQC – Aquecimento; INT – Intervalo; TEC – Técnico; TÁT – Tático; COL – Coletivo; REC – Recreação; FÍS – Físico.

O coletivo, como prática do jogo, é quase uma imposição dos alunos, e talvez por isso os professores dediquem a ele quase metade do tempo de cada aula. O jogo significa o lúdico, o brinquedo, o espaço de tempo em que se pode usar da criatividade, da individualidade e quiçá do “estilo brasileiro”, tentando fugir do posicionamento padronizado da tática, pelo menos enquanto o professor permitir e não insistir no jogo coletivo.

Marcelo e Renan organizam as equipes para o coletivo com seis ou sete jogadores: um goleiro, dois laterais (esquerdo e direito), um ou dois zagueiros, meias e atacantes, dependendo da turma e do número de alunos.

Os exercícios técnicos, fundamentos ou elementos da técnica individual (condução, passe, domínio, drible, chute, cabeceio e marcação) foram desenvolvidos basicamente pelo método parcial, fragmentando o esporte em compartimentos normalmente distantes da dinâmica do jogo. Os exercícios

técnicos sobressaíram sobre os exercícios táticos,¹²⁹ principalmente pela necessidade dos alunos em dominar as técnicas corporais do esporte e assim poder interagir com seus pares. Mal comparando, é como a criança, que antes de aprender a andar tem que engatinhar para não queimar etapas.

Nesta fase inicial, dificilmente eu trabalho a parte tática. O que eu faço com ele é onde faz o gol. Faz gol aqui, faz gol ali. Quando muito tem lateral no jogo a partir de 5 anos de idade. Quando eu começo a sentir que a turma tem maturidade para ter uma partida, para ter um jogo, eu começo o trabalho de defesa e ataque, sabe que tem defesa e ataque. Vai amadurecendo e vai dividindo mais, tem lateral, tem defesa, ataque. Isso depende muito da turma e da criança. Tem algumas turmas e alunos que já conseguem escolher a posição e outros que não conseguem. Então a gente procura sempre um ajudando o outro, dessa forma, auto-ajuda. (Marcelo)

O intervalo consumiu boa quantidade do tempo, porque considera a introdução à aula, as explicações sobre exercícios, a parada para reposição de água, a separação das equipes para o coletivo e a conversa final. Todas estas intervenções são necessárias para organizar as atividades ou recuperar fisiologicamente o aluno para a próxima parte da aula.

O aquecimento engloba alongamentos, exercícios localizados, corrida em volta do campo, estafetas ou pequenos e grandes jogos. A rigor esta é uma característica de uma sessão de treinamento, que a Educação Física escolar brasileira herdou da pedagogia tecnicista nas décadas de 60/70. Pensava-se a aula de Educação Física a partir da simplificação do modelo de treinamento e de performance. Esta tendência pode ter chegado às escolas do esporte influenciadas pela crescente entrada de profissionais de Educação Física no mercado do futebol. O início da aula concentra toda atividade de preparação

¹²⁹ Atividades que desenvolvam a organização e o posicionamento dos jogadores em campo, bem como as ações de ataque e defesa.

muscular, ativação metabólica e aumento da temperatura corporal com atividades formais ou informais. Os lúdicos (estafetas, pequenos e grandes jogos) desde que não se estendam por mais de ¼ da aula foram enquadrados nesta parte. Quando extrapolavam esta parcial classificou-se como recreação, pois se variava o objetivo da aula.

O treinamento físico seriam atividades com ou sem bola direcionada ao desenvolvimento das capacidades físicas do futebol (resistência, força, velocidade, etc.). Atividade pouco solicitada pelos professores aos alunos, até porque duas aulas semanais não são suficientes para se ter um ganho muscular ou orgânico. Por outro lado, os exercícios físicos normalmente não usam bola, causando desinteresse (exemplo: corrida em volta do campo). É como tirar o brinquedo do pé da criança!

Eu me preocupo com a parte física em relação à saúde do aluno. À parte de respiração, a maneira de pisar, de correr, se tem algum defeito postural. Para escola, acho que deve ser a última coisa a ser pensada, a não ser que você vá participar de alguma competição, a partir de 14 anos de idade. (Marcelo)

Em contrapartida, o Flu Grajaú, na perspectiva de preparar os alunos para a competição, intensificou as atividades táticas em comparação com a técnica.

Tabela 3 - Duração das partes da aula no Flu Grajaú

Aulas	AQC	INT	TEC	TÁT	COL	REC	FÍS
03/08/2006	20	10	60				
03/08/2006	10	5			75		
08/08/2006	5	10	25		50		
20/03/2007	10	10		70			
20/03/2007	15	15		35	25		
27/03/2007	5	10	5	70			
27/03/2007	15	10	15		50		
03/04/2007	10	10	25	30	15		
03/04/2007	15	10		45	20		
10/04/2007	10	10		70			

17/04/2007	10	20			90		
24/04/2007	10	25		60			25
31/05/2007	10	15	10		50		
TOTAIS (1170 min)	145	160	140	380	375	0	25
percentual	12,4%	13,7%	12,0%	32,5%	32,1%	0,0%	2,1%

Legenda: AQC – Aquecimento; INT – Intervalo; TEC – Técnico; Tát – Tático; COL – Coletivo; REC – Recreativo; FIS – Físico.

Antonio tem como estratégia aplicar o treinamento técnico e tático às terças-feiras, e o coletivo às quintas-feiras. A opção de concentrar as observações no núcleo do Fluminense às terças-feiras fez com que o percentual de tempo gasto com ‘coletivos’ nas aulas fosse menor. A intenção era averiguar se as características do “estilo” estavam sendo valorizadas, estimuladas e quais os procedimentos para tal nas aulas das terças-feiras.

Observa-se que o treinamento tático ocupou boa parte do tempo (lembrar ressalva do parágrafo anterior), o que demonstra a preocupação em organizar os alunos em funções pré-determinadas que limitem a possibilidade de ações individuais, criativas ou a suposta forma à brasileira de jogar. Ambas as atividades reuniram 64% do tempo observado.

[...] Eu posso na prática corrigir uma série deles. Quando eu falo na prática, a prática dirigida, o jogo em si, o famoso coleta, que a garotada tanto quer. Quando chega o momento, você pode durante o coletivo acertar a posição do jogador na hora de um passe, a posição dele dentro de campo em relação à bola, ao adversário, ao companheiro. Porque o garoto chega quer jogar futebol e se você dividir onze para cada lado, colocar a bola ali, começar a jogar, isso não é escola de futebol, sempre falo isso. Pra fazer isso eles mesmos organizam-se na rua e fazem na praça, fazem na quadra da escola no tempo vago, no campinho perto da casa deles. A aula tem um objetivo, começo, meio e fim (Antonio).

Antonio informa que no início do ano deu preferência à parte técnica. Durante o período observado, ele justificou o pouco tempo dedicado especificamente às técnicas corporais do futebol, por utilizá-los no decorrer da

parte tática. Porém, notou-se que muitas movimentações não acontecem, ou funcionam precariamente, pela deficiência técnica que alguns alunos apresentavam. Sem uma boa execução do fundamento não há ação defensiva e muito menos ofensiva.

O aquecimento, o treinamento técnico e o intervalo tiveram quase a mesma proporção de tempo. Além dos alongamentos, Antonio usa corridas com ou sem bola, exercícios localizados ou técnicos com ênfase no movimento para ativar o metabolismo. Os intervalos têm os mesmos propósitos da Educar, escola de bairro.

O treinamento físico não é desenvolvido com as categorias menores, isto é, fraldinha, pré-mirim e mirim. Segundo Antonio, a partir do infantil e do juvenil a idéia é sempre oferecer de 12 a 15 minutos de atividade aeróbia, simultânea ao aquecimento, e um terceiro dia não obrigatório, as segundas-feiras, só para a preparação física.

Levando-se em consideração o tempo total de jogo e a dificuldade para manter uma sistematização mínima de treinamento que determine um ganho real na condição física, esta atividade está mais para um bom 'aquecimento' do que a idéia original.

Tabela 4 - Frequência dos fundamentos técnicos nas aulas do Flu Grajaú

Aulas	Condução	Passe	Domínio	Drible	Chute	Cabeceio	Marcação
03/08/2006	X	X	X		X	X	
03/08/2006*							
08/08/2006	X	X	X			X	
20/03/2007	X	X	X		X	X	X
20/03/2007	X	X	X		X	X	X
27/03/2007	X	X	X		X	X	X
27/03/2007	X	X	X				
03/04/2007	X	X	X	X	X	X	X
03/04/2007	X	X	X	X	X	X	
10/04/2007	X	X	X	X	X	X	X
17/04/2007*							
24/04/2007	X	X	X	X	X	X	X
31/05/2007*							

Totais (13 aulas)	10	10	10	4	8	9	6
percentual	76%	76%	76%	30%	61%	69%	46%

* Estas aulas tiveram apenas aquecimento formal e coletivo, logo não foram considerados os fundamentos técnicos individualmente.

A regularidade na frequência com que aparecem os elementos da técnica individual nas aulas do Flu Grajaú é consequência direta dos treinamentos táticos realizados pelo professor. O foco é sobre o posicionamento do jogador e a função que ele tem de exercer individual e coletivamente, ficando os fundamentos em segundo plano, apesar de também terem sido executados.

A proporcionalidade só foi menor com a marcação, e principalmente com o “drible”. Isto se explica pelo fato da maioria dos exercícios táticos manterem **“uma dinâmica de movimentação com a posse de bola sem ação adversária”** (grifo nosso) e normalmente no sentido da defesa para o ataque. Logo, na maioria das vezes não havia marcação e o drible era preterido pelo passe para o companheiro que buscou o espaço previamente determinado.

Diante dessas evidências, onde esta a relação espaço temporal para apropriação ou expressão do “futebol arte?” Esta fica reduzida aos exercícios fragmentados do jogo, isto é, eventualmente os zagueiros são organizados para evitar a ação dos atacantes, meias ou laterais contra sua meta. Ou ainda, especificamente na prática do jogo, quando não houver a possibilidade da jogada ensaiada.

Antonio afirmou, em sua entrevista, que o passe e a posse de bola são fundamentais para um bom desempenho no jogo. A seguir, temos na tabela 4 a mesma carga de estímulos para passe, condução e domínio, porque estão interligados para manutenção da ‘posse de bola’. Justifica-se a relação com a

filosofia do professor. Em todas as aulas foram exercitados tais fundamentos, com exceção das aulas que foram apenas utilizados treinamentos coletivos.

O cabeceio aparece com importante frequência, pois ocorreram simulações de manobras ofensivas com bolas altas sobre a área e finalização de cabeça. O jogo aéreo é uma estratégia do futebol muito treinada nas escolas, onde as medidas do campo facilitam este recurso. Talvez por isso a diferença nos resultados entre Educar e Flu Grajaú.

3.2.3 – Estilo, Identidade e Pedagogia

Esta categoria tem o objetivo de analisar, através das informações prestadas nas entrevistas dos atores/professores, a compreensão ou desconhecimento das características do “estilo brasileiro de jogar futebol,” e mapear como eles constroem a relação de identidade do futebol no Brasil.

*[...] A grande característica do jogador brasileiro é o **improviso e a habilidade**. Eu me considero importante nisso, pois nesta faixa etária dos oito aos dez anos no máximo, isso não pode ser tolhido, apesar do treinamento de dois, três toques que evito fazer sempre. Eu quero que eles desenvolvam a parte individual para mais tarde aos 10 e 11 anos desenvolver o aspecto coletivo. Não tirar esta parte individual que é fundamental nesta fase de formação do aluno. (Renan, grifo nosso)*

*O que difere o Brasil é a **individualidade**. Eu acho que em relação à parte técnica e tática, fora do país estão um pouco mais evoluídos. Nós já fizemos muito, na preparação física, no estudo científico do esporte, mas o que diferencia o Brasil é a **individualidade**. (Marcelo, grifo nosso)*

*O futebol brasileiro é muito **técnico**, de muita **criatividade**. Agora, nos últimos tempos não é só isso que vence uma partida de futebol, isso ficou bem claro na copa do mundo passada. Porque nós tínhamos o melhor jogador do mundo na equipe que absolutamente não rendeu. (Antonio, grifo nosso)*

Estas foram respostas ao questionamento sobre as características do futebol brasileiro. Palavras chaves como improviso habilidade, individualidade, técnica e criatividade pontuam o discurso dos atores e coincidem com discurso hegemônico de jornalistas e acadêmicos.

Segundo Renan, deve-se incentivar a expressão livre da técnica até os dez anos de idade, sem criar restrições ou investir mais em um determinado fundamento que nos outros. Suas idéias para formação dos jovens alunos corroboram com as de Marcelo. Este acrescenta que, a despeito de nossa evolução técnica e tática, o que nos diferencia de outros países continua sendo a individualidade. Nas palavras de Archetti (2003), a identidade é ao mesmo tempo espelho e máscara, onde o primeiro serve para nos identificar para dentro e o segundo para fora.

Antonio retoma o debate histórico¹³⁰ de que a qualidade técnica e a criatividade do jogador brasileiro nem sempre foram suficientes para conquistar os títulos, principalmente a nível internacional. Cita o exemplo da Copa do Mundo de 2006 na Alemanha, quando Ronaldinho Gaúcho e a seleção brasileira, ele referenciado como melhor jogador do mundo pela FIFA e a seleção Brasileira como uma das equipes favoritas ao título pela mídia, não corresponderam as expectativas e ficaram “pelo caminho”.

[...] Como eu te falei no início, tecnicamente, o Brasil é muito bom, mas nos últimos tempos a preparação física mudou muito o futebol. Você tem aí jogadores que não são tão bons, mas você consegue um ganho muito grande dentro da partida pelo aspecto físico que faz a diferença. Se o jogador brasileiro fosse mais dedicado e tirasse essa coisa do “eu sou o bom”, “eu sou o cara” e “vou resolver a qualquer momento”, com certeza nós teríamos mais que cinco títulos mundiais. (Antonio)

¹³⁰ Cf. capítulo II.

Após a exposição das características, ficou a dúvida sobre como aconteceriam os processos para a constituição deste estilo nacional que o diferencia e ao mesmo tempo o identifica pelo mundo.

*[...] Aqui a criança quando nasce ganha uma bola e desde pequena começa a brincar. Ela faz dois anos de idade e o pai já está brincando com a criança de bola. Então, começa desde pequena a ser incentivada para o futebol. A mentalidade para formação do atleta é que a criança carente tem que ser jogador de futebol como meio de sobrevivência. Aliado ao **talento natural**, aquela coisa **genética** que tem o brasileiro para o futebol. [...] Eu acho que o Brasil é um **país miscigenado**, que tem português, alemão e africano. Nós temos vários tipos de “dom”. Da Alemanha, o “dom” do físico, alto, da África, a “**ginga**” do corpo e o Brasil tem tudo isso. (Marcelo, grifo nosso)*

[...] Você não consegue formar craque que tenha a perfeição de um drible, de um passe. Você até consegue a perfeição de um passe, de uma marcação no fundamento. Agora a habilidade, a motricidade, a parte motora, um drible, uma habilidade com a bola, é impossível, isto é coisa genética, é “dom”. (Marcelo)

*Pelo meu ponto de vista, muitos tem o que a gente chama de “dom”, tem a **habilidade nata**, cabe ao professor desenvolver. Agora, têm alguns que a gente vê que é pela vivência mesmo, por ter praticado, por ter alguém que estimulou desde pequeno e faz com que ele seja um bom jogador. E aquele que já tem uma habilidade nata, já nasceu com aquilo, é dotado para o futebol, esse sim pode chegar a ser um jogador de clube. (Renan, grifo nosso)*

*[...] O que ajuda também é a característica do povo e a dimensão do país quem tem duzentos milhões de pessoas. Fica mais fácil tirar um grande jogador de futebol aqui do que em Portugal, que é um país infinitamente menor e com outras características. Essa mistura do brasileiro com **branco, negro e índio**, tudo isso junto, você tem jogador de todo o tipo. Tem o **européu**, o **afrodescendente** e essas diferenças de **cultura** foram se juntando. [...] As equipes européias tem jogadores do mundo inteiro, mas que não são de lá. Ao passo que o Brasil tem aqui na população, gente do mundo todo. Essa mistura fez uma cultura mais global que facilita. [...], a China ou a Índia, se fosse por esse aspecto do tamanho da população, teria mais facilidade de formar jogadores, mas aí entra o fator cultural. O futebol nunca fez parte na **cultura** deles como faz no Brasil. Então o aspecto de ter muito, não significa ter mais. Como o Brasil é muito **mestiço** e tem na **cultura**, o futebol, facilita. (Antonio, grifo nosso)*

À exceção de Renan, os outros professores concordam que o povo brasileiro é formado pela miscigenação de etnias do índio nativo, do negro africano e do branco europeu. O amálgama genético e cultural teria contribuído para formar um estilo de jogo singular¹³¹, segundo as representações sobre o povo e o futebol desde Gilberto Freyre¹³². Marcelo combina tendências biologicistas, a “genética”, com apropriação do movimento corporal do brasileiro, a “ginga”, num primeiro momento, para tentar explicar a nossa forma de jogar. Disso se conclui que o mito é reiterado, apesar da pedagogia das escolas trabalharem em direção contrária à socialização desse suposto estilo de jogo. Talvez o drible seja o fundamento menos trabalhado, em função da crença que esse é um “dom” da pessoa e da cultura brasileira.

Aprofundando a discussão, temos na fala dos professores da Educar, que a origem da qualidade do futebol brasileiro está no ‘talento natural, ou “dom”, na mistura de Marcelo, ou ‘habilidade nata’, como prefere Renan. Na linguagem nativa teríamos o “dom”,¹³³ enquanto dádiva divina. Porém, os dois são especialistas e trabalham com o conceito de talento ou habilidade que caracterizam uma ideologia do potencial. Entretanto, afirmar que é natural ou nato mais reforça que explica o mito sobre o futebol brasileiro, e observe-se que a providência divina é sempre ‘pós-facto’. Corroborando com a construção do mito, Garganta (2004) sugere que para um jovem conferir capital futebolístico ele deve ter validação posterior ao reconhecimento de seu talento ou “dom”. Pode-se traduzir essa representação no “metiêr” do futebol da seguinte maneira: só existe talento e “dom” depois de todo um processo de

¹³¹ Cf. Lovisolo; Soares, 2005a.

¹³² Cf. capítulo II.

¹³³ Idem capítulo II

socialização com as técnicas corporais do esporte, na qual o indivíduo apresenta sucesso.

A singularidade do processo se daria pelo contato precoce das crianças com o mundo da bola, estimulado pelos pais e pela sociedade. E aí dois preceitos estão presentes nessas elaborações: o da identidade cultural e o do imaginário de ascensão social das camadas mais pobres da população pelo esporte.

Damo (2005) mostra, através de pesquisa feita com estudantes das redes de ensino público e particular de Porto Alegre, que um em cada três alunos da rede pública deseja tornar-se jogador de futebol, enquanto na rede particular esta relação cai à metade. Estes dados são coerentes se correlacionados às escassas oportunidades de ascensão social, à escola pública deficiente¹³⁴ e às dificuldades de acesso ao mercado de trabalho para jovens.

Por outro lado, o futebol agrega no seu discurso valores de saúde, ocupação orientada do tempo livre e inclusão social, na medida em que pode resgatar crianças e adolescentes do perigo das ruas, das drogas e da marginalidade¹³⁵. Daí a grande demanda por escolas de futebol, sejam elas particulares e pagas ou gratuitas nos projetos sociais.

Outro fato levantado por Antonio foi a questão populacional. Afinal, com um contingente de milhões de brasileiros jogando futebol, seria mais fácil produzir talentos em quantidade. Entretanto, Damo (2005), comparando o número de jogadores profissionais estrangeiros que atuavam no principal

¹³⁴ Dados da escola pública brasileira - repetência de alunos: 20,6%; professores de 1ª a 4ª série com diploma universitário: 47%; Percentual De cada 100 crianças matriculadas na primeira série do ensino fundamental que chegam ao 3º ano do ensino médio: 36,6%. Ver “Escola Brasil” (*O Globo*, Rio de Janeiro, 22 de julho de 2006).

¹³⁵ Cf. capítulo II.

mercado europeu (Inglaterra, Itália, Espanha, França e Alemanha) com as respectivas populações nacionais dos principais países exportadores, teríamos nesta ordem: Senegal (3,9 jogadores para cada um milhão de habitantes), Argentina (1,84), Camarões (1,75), França (1,13) e Brasil (0,60). Daí se conclui que o surgimento de talentos não está diretamente relacionado com a quantidade de praticantes. Outro obstáculo é a quantidade de postos de trabalho (idem) que está concentrada nos 500 clubes filiados a Confederação Brasileira de Futebol (CBF) e que propiciam algo em torno de 10 a 15 mil postos de trabalho, insuficientes para a oferta.

Voltando às características do estilo, chegamos a sua essência ao falarmos do “futebol arte” pelas falas de nossos entrevistados:

[...] mudou muito o futebol arte. Era colocar essas equipes maravilhosas para jogar e eles conseguiam, por não ter um avanço na parte técnica, tática e física, conseguiam fazer coisas mirabolantes. Hoje em dia o futebol arte é conciliar a parte física e tática com prazer de jogar futebol. Você tem equipes tecnicamente mais fracas, mas que fazem partidas e campeonatos maravilhosos, porque tem amor, aquela vontade de jogar futebol, a arte é essa. Vai ser difícil você conciliar arte com 11 jogadores habilidosos, só construindo, sem destruir a jogada, porque é a evolução. Quando a ciência e a preparação física evoluem, acaba perdendo um pouquinho da arte. Você não consegue ser 100% perfeito. (Marcelo)

É o improviso, são os dribles, as jogadas de efeito, é inerente do brasileiro. A importância das escolinhas, dos núcleos de não cortar essa possibilidade até os dez anos, porque que nessa fase do desenvolvimento motor, que a arte vai aparecer mais tarde, graças ao trabalho inicial da formação. (Renan)

[...], tecnicamente é muito bom, mas nos últimos tempos à preparação física mudou muito o futebol. Você tem aí jogadores que não são tão bons tecnicamente, mas você consegue um ganho muito grande dentro da partida pelo aspecto físico e faz a diferença. Se o jogador brasileiro fosse mais dedicado, tirasse essa coisa: eu sou o bom, eu sou o cara e vou resolver a qualquer momento, fosse mais

dedicado, com certeza nós teríamos mais que cinco títulos mundiais. (Antonio)

Renan somente ratificou o que já havia dito em relação ao “estilo brasileiro”. Em contrapartida, Marcelo e Antonio destacam a competitividade do futebol moderno, e que só a qualidade técnica não é suficiente para fazer os resultados. Volta à tona o embate entre o ‘futebol arte’ versus ‘futebol força’, descrito nos capítulos II e III.

O advento da ciência no esporte ocasiona o aprimoramento da condição física dos jogadores. Eles ocupam os espaços do campo com velocidade e resistência, bem como tem mais poder de marcação e ataque. A disciplina tática é outro fator determinante, uma vez que equipes inferiores tecnicamente se superam e invertem favoritismos. Então, como desconsiderar outras formas do “estilo brasileiro” sem nos atermos tão somente ao “futebol arte”?

Alguns jogadores, os “craques,” sintetizam no seu jeito de jogar o estilo brasileiro, (LOVISOLO; SOARES, 2003). São considerados possuidores de “dom” ou ‘talento’ por causa de sua habilidade, da sua astúcia, da sua sagacidade, da sua capacidade de simulação, improvisação e criatividade. O sucesso individual contrasta com o coletivo, colocando o craque em destaque e seus companheiros como coadjuvantes¹³⁶.

[...] Então ser craque é isso: é decidir na hora que tem que decidir, sobre pressão, quando tudo e todos estão contra ele, ele vai lá e resolve, aí é levantado e sai nos braços da galera. (Antonio)

[...] Então, ele resolve com simplicidade, aquilo que os outros jogadores comuns dariam uma volta enorme. É uma

¹³⁶ Romário, nos meses de março, abril e maio de 2007, estava para completar o milésimo gol da sua carreira de jogador. O clube e a equipe do Vasco da Gama trabalharam em função deste objetivo, independentemente dos resultados negativos que a equipe obteve no Campeonato Carioca e na Copa do Brasil.

mistura de excelente técnica, equilíbrio psicológico e simplicidade com solidariedade. (Antonio)

Então a primeira coisa, para um cara ser um craque, tirando a parte técnica do esporte, da individualidade dele, o craque seria aquele que consegue conciliar o seu “dom” com o aprendizado técnico e tático, com caráter e companheirismo ao grupo. Até porque a individualidade no Brasil acontece com todos os esportes coletivos, mas aí o gosto, a graça da brincadeira, é conseguir que esse cara entre no contexto da equipe dele. Acho que a dificuldade maior é essa, porque se não era só colocar os melhores para jogar e ganhar sempre. A graça do esporte é fazer isso funcionar. (Marcelo)

Antonio assume o discurso comum e ratifica a valorização do craque como aquele imprescindível para a equipe, principalmente nos momentos decisivos e sob pressão, para decidir o jogo. Segundo Lovisolo e Soares (2005a), o futebol brasileiro pode ser visto numa perspectiva darwiniana, cuja estética infantil e egoísta foi se adaptando às novas demandas do esporte: consciência coletiva, treinamento e bons técnicos. Entre idas e vindas do discurso identitário do futebol, o equilíbrio entre arte e competição talvez seja a melhor resposta.

Antonio, no prosseguir de sua fala, admite uma solidariedade que acrescentaria mais uma virtude a este jogador, o que, a princípio, pode ser um contra-senso à idéia do jogador diferenciado dividir as honras do espetáculo com outro. Difere, inclusive, das hipóteses individualista e egoísta que alicerçaram o “estilo”. Marcelo sugere que o ideal seria o craque ter o comportamento sugerido por Antonio.

Com certeza, a mídia toda hora destaca o craque, o cara que decide as partidas, assim como, também, muitas vezes destrói. O brasileiro, de uma forma geral no futebol, tem uma memória muito curta. [...] Crianças vão com os craques até o final, porque se espelham, eles vêem ali uma referência. Então eles querem fazer, eles vêem o craque fazendo uma

determinada coisa na televisão e eles querem repetir dentro do campo. (Antonio)

[...] hoje em dia, a palavra craque foi deturpada. O cara que entrou na partida e que faz uma jogada brilhante, faz um gol, já passa a ser craque. Eu vejo um craque, quando lembro de Zico e Maradona. O craque é aquela pessoa que consegue antever uma jogada, tem uma habilidade fora do comum e consegue aliar a parte técnica à parte tática da equipe. É a pessoa que desequilibra o jogo, não uma partida, mas uma série de partidas numa competição ou até em várias competições. (Marcelo)

A imprensa tem banalizado muito isto, pois aquele jogador que desponta um pouquinho faz um ou dois bons jogos, já é chamado de craque. Isto na cabeça de um garoto dos juniores, que vai subir para o profissional, é difícil de administrar. O craque é um jogador consagrado, extra e no futebol mundial conta-se cinco no máximo e o resto são bons jogadores. (Renan)

Os professores criticam a ação sensacionalista da mídia, que promove simples mortais à categoria de craques, da noite para o dia, após uma jogada, um gol, uma partida em que aquele jogador se destacou. Ressaltam que o craque tem uma regularidade de performance durante toda sua carreira e que estes são poucos espalhados pela história do futebol mundial. Marcelo lembra da necessidade que o Brasil tem de eleger o mito, aquele que como um soldado se apresenta para salvar a pátria e que servirá de exemplo para as novas gerações de adeptos do futebol.

No jogo também, às vezes, até turma de iniciação e aí tá aquele aluno parado, fica parado na frente e aí a gente brinca com ele: “vamos correr!”, e ele responde: “o Romário fica parado e faz o gol”, então ele fica parado na frente porque o Romário fica parado e faz gol. E para fazer entender o porque disto é difícil e a gente procura levar isto de uma forma bem descontraída. (Marcelo)

Eu me lembro quando era garoto, vou citar uma pessoa, que não foi craque porque não foi jogador de futebol, o Bertoca. Um cara que jogava bola, o maior peladeiro que eu conheci. Ele fazia de tudo com a bola no pé. Quando ele ia jogar, eu

parava no campo, ficava olhando, depois eu pegava uma bola e ia para casa tentar imitar o que ele fazia dentro do campo ou na rua. A gente jogava muita bola na rua. A criança tenta reproduzir o craque dentro de campo. (Antonio)

Marcelo e Antonio colocam a ação de espelho do craque em relação às crianças. Servem de referência positiva ou negativa, dependendo do ponto de vista moral: ascético do esporte ou relativizado pela sociedade brasileira. Marcelo cita o exemplo de Romário, que segundo a imprensa não gosta de treinar e participa do jogo só na situação de ataque. Ele economiza esforço nos treinamentos e na marcação durante os jogos, mas é perdoado e idolatrado por fazer gols. Fato que Antonio sintetiza:

[...] Um período desses, eu trabalhei em São Januário. Não foi uma, nem duas vezes, que eu vi o Romário dentro de campo, só ele como jogador de linha, um, dois ou três goleiros e várias pessoas ao redor trabalhando em função dele. Era uma bola cruzada, que ele dominava e chutava. Ele partia da entrada da área e chutava. Eu vi várias vezes, ele fazendo esse trabalho lá em São Januário, de 2004 a 2005, o período que trabalhei lá, e que ele estava também. Então o Romário não gosta de treinar? Isso eu ouvi dizer, mas eu o vi treinar finalização. Não dizem que ele é o rei da área, que é o ofício dele? Isso eu o vi treinar, e sério. Uma vez eu contei, se eu não me engano, eram dezesseis pessoas. Meu Deus! Isso eu fazia muito, eu saía do meu treinamento lá nos fundos, ia para a arquibancada e ficava vendo o treino do profissional, principalmente as quintas-feiras na parte da tarde. Muitas vezes, todo mundo já tinha ido embora e o Romário estava lá treinando. De repente ele não gostava de treinar algumas coisas, aquilo ele gostava de treinar. Não sei se têm aí o histórico dele, novecentos e tantos gols, gols decisivos. Gols inclusive que muitos perderiam e ele fez com muita frieza, talvez levado pelo treinamento, neste aspecto. (Antonio)

Marcelo e Antonio confirmam a hipótese de Soares (1990) e Damo (2005) que atribuem a comercialização do esporte, o aumento da competitividade e o afastamento natural de uma estética mais compassada que é chamada de “futebol arte” pela necessidade da vitória.

A gente começa a visualizar muito a parte de ser campeão, a parte de vitória, porque o futebol virou um grande comércio. Através da escolinha, de passe de jogadores, você não pode participar mais participar da competição com a intenção de fazer um futebol bonito, vistoso. Pode ser uma equipe de encher os olhos, mas se sua equipe não tiver uma boa colocação, você vai ser demitido, não vai ter sequência no trabalho. Então o objetivo financeiro, econômico, quebra um pouquinho do futebol arte, porque às vezes o treinador deixa de colocar aquele jogador mais habilidoso para não perder aquele jogo, fecha mais o time. Como é que esse cara joga, é titular de uma equipe e tem um jogador tal que fica de fora. Você não consegue entender isso, mas para defender o emprego, para a profissão, para a equipe dele, ele vai ser mais importante. Então a gente fica no contraponto do futebol arte, mais bonito, para futebol resultado, futebol comércio, é futebol competição. (Marcelo)

[...] O futebol arte é o futebol que vence. Não o que vence a qualquer preço, dando pontapé, usando de artifício extra campo, um futebol bem jogado, um futebol profissional. (Antonio)

Aproveitando o exemplo de Romário, cabe indagar: o talento é produzido pelo treinamento?

Eu acho que você não vai ter esse atleta de alto nível se ele não tiver o treinamento, ele pode ter a maior habilidade do mundo, mas se ele não tiver no contexto da equipe dele, se ele não tiver a parte técnica apurada, o passe, o chute, o domínio, não vai conseguir fazer o drible, essa coordenação bola- pé, bola-peito-coxa etc., se ele não tiver no contexto do momento, ele não vai. A gente vê grandes jogadores, que de repente atingem níveis altíssimos, depois a gente acompanha pela mídia, que ele deixa o treinamento de lado e cai. Continua aquele momento de craque, desequilíbrio, mas percebesse que se ele tivesse um treinamento, se ele tivesse participando coletivamente, ele seria o craque que a gente não encontra mais. (Marcelo)

O talento é desenvolvido, ele já é nato. Você pega alunos que sempre pode desenvolver. Discordo da frase que futebol não se ensina, habilidade você não tem como ensinar, você pode desenvolver. Alguns alunos daqui não têm noção nenhuma de futebol, esses eu posso desenvolver e fazer com que eles saibam jogar futebol. Eu nunca vou ensinar um aluno a ser craque, a ser talentoso. Eu posso desenvolver o talento, mas o aluno que não tem habilidade não tem como o fazer ser um jogador de ponta ou ao nível de clube. (Renan)

O talento nasce com a pessoa, mas não adianta nada, se não houver disciplina, preparo e orientação. Essas coisas vêm com o treinamento. Eu costumo dizer que quantos pianistas, bailarinos e nadadores perdemos todos os anos? Muitos tiveram talento, mas não tiveram oportunidade de treinar. A criança classe média faz balé, faz natação, faz judô, faz inglês, faz piano, uma série de coisas. Agora, o garoto da comunidade, da favela não tem acesso a estas coisas e se ele não é bom de bola, futebol, se joga em qualquer lugar, ele não vai ser um desportista. Também não vai ser um poliglota porque ele nunca vai estudar línguas, às vezes, tem facilidade, nunca vai ser pianista porque nunca aprendeu, nem viu um piano. O talento nasce, mas o treinamento desperta. [...] Não adianta o talento sem uma condução correta, é aí que entra o treinamento. (Antonio)

Renan e Antonio insistem na teoria do ‘talento nato’, mas ao mesmo tempo enfatizam que sem o treinamento o jogador não desperta, muito menos se desenvolve para o esporte. Marcelo vai mais longe ao afirmar que o craque só conseguirá manter-se no auge se treinar, isto é, o talento seria um “dom” que depende do esforço.

Outro tema abordado no capítulo II foi a questão da regionalização do “estilo brasileiro”, que de certa forma é interpretado pelo ‘futebol arte’ característico do Rio de Janeiro. Na entrevista tentou-se verificar se os professores reconhecem formas diferentes de se jogar dentro do território nacional.

Eu acho que tem até pelo tamanho do país, tem muita diferença em relação ao estilo. O do futebol carioca tem um pouquinho de romantismo, pois é um futebol preocupado com a parte individual, com a habilidade, com a parte técnica. E aí você tem o futebol de São Paulo, do sul, que é muita força física, objetividade e competição. Você pega de repente o futebol de Minas, que já está naquele meio termo, pois consegue equilibrar estes dois temas. Então eu acho que varia muito de estilo e de trabalho também. Quando acontece alguma coisa na equipe, o futebol carioca está mal, você ouve o comentário: “traz um técnico lá do sul para por disciplina neste time”. Aconteceu agora com o Abel, começaram a comentar que o futebol do Internacional conseguiu conciliar um pouquinho da parte técnica mais vistoso com o futebol

força do R. G. do Sul. Então eu acho que a gente consegue perceber bem esta diferença. (Marcelo)

Você tem no sul, um futebol força parecido com o europeu, ao da Argentina, associado à raça. Tem na região sudeste, semelhante ao que eles chamam de futebol arte, permite a utilização da habilidade, do improviso. No nordeste, eu vejo a parte do improviso e do drible sem compromisso mínimo com o jogo. (Renan)

Há diferença por causa do regionalismo. Exatamente porque ai não tem aquela mistura, não tem intercambio. Intercambio que é você jogar com jogadores de características diferentes, não há a mistura, a miscigenação, e ai ficam ligados ali, e você acaba tendo características diferentes em função da característica física, também da cultura do local, da vivência corporal que cada um teve, a diferença climática... Isso tudo influencia na prática do jogo e na forma de jogar. (Antonio)

Não, eu não tenho experiência, nem vivência. Eu gostaria de visitar, de percorrer o Brasil todo e detectar essa gente, até para comprovar para mim mesmo: “é realmente isso acontece”, ou “falei besteira”, nada disso, é completamente diferente do que eu pensava. (Antonio)

Marcelo e Renan ratificam o antagonismo dos estilos entre a região sudeste, especificamente o Rio de Janeiro, e o sul do país, principalmente o estado do Rio Grande do Sul. O primeiro é associado ao romantismo, à habilidade técnica individual, e o segundo às características do “futebol força”, parecido com o da Argentina, de colonização européia, um futebol mais identificado com a força física, com a disciplina, com a competitividade e a com a raça¹³⁷. Citam ainda Minas Gerais como meio termo entre os estilos e o nordeste com o recurso técnico, mas sem o comprometimento tático. Todavia, as distinções são de difícil descrição e as diferenças, mais uma vez, apelam para os modelos da arte e da força. Poder-se-ia perguntar: como observar o talento daqueles que adotam o modelo da força? Como se desenvolve o “dom” daqueles identificados com o futebol arte sem o treinamento? Aqui, mais uma

¹³⁷ No sentido de brigar pela bola.

vez, temos problemas para entender como a discursividade sobre o estilo de jogo se traduz em ações práticas dos atores sociais, nos processos de socialização das singularidades do futebol nacional.

Antonio admitiu existir diferenças regionais, mas prefere não identificá-las. Acredita na variedade das culturas corporais locais. Porém, percebe que as equipes do sul são mais aguerridas, como a da Argentina. Como podemos medir ou descrever esse espírito de corpo (sprit de corps)?

Ainda no discurso dos estilos, os atores foram argüídos se há diferenças entre o futebol brasileiro e o internacional. Aqui as oposições se mantêm.

A diferença de estar praticando desde cedo, da habilidade do jogador, a gente tem uma habilidade fora do comum. Muito mais habilidoso. De repente encontra em outro país com habilidade igual, mas a diferença é que temos vários jogadores habilidosos. O Brasil é uma produção de talentos. Quando se produz numa escala de dez, vinte, de repente algum país produz um, se produzir. A produção no Brasil, país do futebol, você consegue ter um quantitativo de atleta de alto nível muito grande. É que você não consegue aí fora. (Marcelo)

Ao brasileiro é permitido improvisar. Lá fora é como o treinador orienta. Trabalhos de desenvolvimento na Alemanha e em Portugal têm exercícios muito semelhantes aos nossos, mas sem a possibilidade da improvisação. O que difere o brasileiro dos outros é a capacidade de improvisação. (Renan)

É diferente por reunir tantas formas diferentes. A gente tem aqui influência européia, africana, a indígena, tem aí um histórico de quinhentos e poucos anos. Isso tudo foi juntando, juntando ao longo desses anos, desses quinhentos e poucos anos. As raças foram se misturando e criou um povo bem diferente porque misturou muito. Então vai aproveitando um pouquinho de cada cultura, um pouquinho de cada influência, um pouquinho da genética de cada um e acaba jogando diferente por ser tão diferente. (Antonio)

Os atores praticamente fizeram uma revisão e reforçaram o discurso cultural sobre o futebol brasileiro. Marcelo considera o Brasil uma fábrica de

talentos, pois a iniciação precoce desenvolve habilidade e produz craques em quantidade, diferente de outros países, que o fazem esporadicamente. Essa representação existe apesar da pedagogia empregada nas escolas de futebol, nas quais as crianças da mais tenra idade são iniciadas no esporte por processos sistemáticos de ensino.

Renan descreve uma das características do “estilo” e do “futebol arte”, a improvisação. Ao brasileiro é possível agir de surpresa, elemento de autenticidade e diferença em relação ao outro, o estrangeiro, especificamente o europeu, que faria o jogo do pré-determinado. O “outro” seria menos adaptado as situações não previstas. Aqui há o pressuposto cultural que diante da imprevisão, as respostas são mais rápidas e adequadas, seguindo a crença que da carência nasce a criatividade. Observe-se que no campo esportivo a criatividade também é valorizada depois da profecia realizada. Isto é, se um país em desenvolvimento ou subdesenvolvido obteve sucesso frente ao desenvolvido, a racionalização nos indica que apesar dos limites os com menos recursos venceram em função da criatividade e da determinação. No insucesso a racionalização se dá em função da carência de recursos. Se tomarmos o campo científico de ponta como exemplo, veremos que esse tipo de racionalização não funciona, pois diante da carência de instrumentos, não se produz dados e nem boa explicação dos fenômenos.

Antonio acredita que a diferença está na miscigenação cultural, étnica e genética. A mistura das raças que aqui se encontraram acabou por fornecer ingredientes importantes para a estética futebolística brasileira (ginga, malandragem). Elementos selecionados e valorizados pelo povo para a execução das técnicas corporais do esporte, que deram novos contornos ao

sisudo jogo bretão. Todavia, fica a questão: como tal estética foi socializada culturalmente e como o campo da aprendizagem motora, por exemplo, pode explicar tais diferenças no domínio de padrões de técnica corporal nas diferentes culturas?

3.3 – Análise das Entrevistas com Alunos

Para fins de verificação do conhecimento ou desconhecimento do “estilo brasileiro” e para confrontação com relatos dos docentes, foram desenvolvidas entrevistas semi estruturadas para serem utilizadas com alunos das duas escolas de futebol.

Algumas categorias foram previamente estipuladas nas entrevistas para facilitar a correlação com o objeto de pesquisa, a referência dos professores e a interpretação das respostas.

Doravante os alunos entrevistados serão conhecidos pela ordem cronológica das entrevistas começando pelos alunos da Educar, da escola de bairro, e depois do Flu Grajaú, núcleo.

ALUNOS	DATA	IDADE	ESCOLA	PROFESSOR
Entrevistado 1	03/08/06	12 anos	Educar	Renan
Entrevistado 2	12/12/06	12 anos	Educar	Marcelo
Entrevistado 3	12/12/06	12 anos	Educar	Marcelo
Entrevistado 4	22/03/07	12 anos	Educar	Renan
Entrevistado 5	28/03/07	13 anos	Educar	Marcelo
Entrevistado 6	27/03/07	15 anos	Flu Grajaú	Antonio
Entrevistado 7	17/04/07	16 anos	Flu Grajaú	Antonio

Entrevistado 8	10/04/06	17 anos	Flu Grajaú	Antonio
Entrevistado 9	24/05/06	15 anos	Flu Grajaú	Antonio

3.3.1 – A Prática do Futebol fora da Escola de Esporte

Este questionamento pretende mapear se há outros momentos de prática do futebol pelos jovens, fora do âmbito da escola de esporte, que possam acrescentar aprendizado às técnicas corporais do jogo.

Fora a escola de futebol, a prática do esporte está diretamente relacionada à ocupação do tempo livre dos discentes com “lazer” ou com o cumprimento da grade curricular da escola de ensino regular.

Elias e Dunning (1995) dizem que nas sociedades modernas as dificuldades do dia a dia são amenizadas por outras atividades, no caso os esportes, que despertam prazer e promovem a higiene mental:

De uma maneira simples ou complexa, a um nível baixo ou a nível elevado, as atividades de lazer proporcionam, por um breve tempo, a erupção de sentimentos agradáveis fortes que, com frequência, estão ausentes nas suas rotinas habituais da vida. A sua função não é simplesmente, como muitas vezes se pensa, uma libertação das tensões, mas a renovação dessa medida de tensão, que é um ingrediente essencial da saúde mental. O caráter essencial do seu efeito catártico é a restauração do tônus mental normal através de uma perturbação temporária e passageira de excitação agradável.

A escola de ensino regular oferece na aula de Educação Física um outro momento de prática do jogo. Não que o futebol seja o único conteúdo a ser desenvolvido, mas por uma série de motivos¹³⁸ acaba se tornando o principal.

¹³⁸ Acomodação do corpo docente; prática cultural facilitando o processo do desenvolvimento da atividade; Convivência com alunos que se auto excluem por desinteresse, inibição ou por desconhecer as técnicas corporais do esporte.

Dentro das alternativas de espaço físico na cidade do Rio de Janeiro, explicitadas nas entrevistas, temos as ‘quadras’ das escolas de ensino regular e das áreas de lazer dos prédios ou condomínios residenciais, a rua, a vila, a praça pública e o clube.

Atores	Colégio	Prédio	Rua	Vila	Praça	Clube
Entrevistado 1	X		X			
Entrevistado 2	X		X	X		
Entrevistado 3	X	X				
Entrevistado 4	X					
Entrevistado 5	X	X				
Entrevistado 6	X		X			
Entrevistado 7	X				X	
Entrevistado 8	X					X
Entrevistado 9	X	X				
TOTAIS	09	03	03	01	01	01

Todos declararam que jogam futsal nas aulas de Educação Física Escolar. O tempo de aula e a frequência semanal são ‘restritos’ a dois ou três tempos semanais com duração de cinquenta minutos cada tempo.

Outras opções apareceram divididas entre áreas públicas e particulares. A violência na cidade do Rio de Janeiro pode indicar uma radicalização da segurança com a população, evitando o uso do espaço público como áreas de lazer. Porém, as respostas indicam que as ruas e praças¹³⁹ continuam sendo usadas para estes fins, inclusive citadas por um dos atores que mora em área

¹³⁹ Convém ressaltar que o projeto ‘Germinal Mel’ da Prefeitura do Rio encampa várias praças da cidade com atividades gratuitas para todas as idades.

de risco social¹⁴⁰. Outrossim, espaços particulares como vilas, clubes e áreas de lazer de prédios e condomínios residenciais superam a anterior no sentido contrário, estabelecendo ‘possíveis zonas seguras’, longe do alcance da marginalidade.

A forma de jogo, quando há número suficiente de participantes, é a “pelada” (linguagem nativa), ou “futebol bricolado” (DAMO, 2005)¹⁴¹. Outros jogos, como rodinha de habilidade, linha de passe e gol a gol, no sentido de brincadeiras infantis de Freire (2003)¹⁴², só acontecem para anteceder o jogo ou por insuficiência de quorum.

3.3.2 – O acesso à Escola de Futebol

Esta categoria teve como objetivo levantar as motivações pelas quais os alunos das duas escolas procuraram as escolas de futebol.

Escolas	Profiss	Social	Pais	Ocup	Lazer	Proxim	Recom
Educar	XX	X	XX	X	X	X	X
Flu grajaú	XX				X	X	X

Legenda: Profiss – Profissionalização; Social – Sociabilidade; Pais – influência dos pais; Ocup – Ocupação do tempo livre; Lazer – Lazer; Proxim – Proximidade da residência; Recom – Recomendação do trabalho na escola.

O levantamento feito, tomando por base as respostas dos alunos, mostrou que há uma série de motivos pelos quais eles procuraram as escolas. São citados: a perspectiva de profissionalização, a sociabilidade, a influência dos pais, a ocupação do tempo livre, lazer, proximidade da residência e recomendação ao trabalho da escola.

¹⁴⁰ Fazenda Botafogo.

¹⁴¹ Idem Capítulo II

¹⁴² Idem Capítulo II

A influência dos pais e a profissionalização, em conformidade com o imaginário social do esporte no Brasil, associam o futebol à perspectiva de ascensão social. Este discurso coincide com a interpretação dos professores para o mesmo questionamento.

A sociabilidade e o lazer, sugeridas também pelo professor Renan, estão dentro da expectativa de 'ocupação do tempo livre' com uma atividade controlada e educativa.

Duas alternativas, a proximidade e a recomendação, não apareceram nas respostas dos docentes, porque são do arbítrio dos discentes. A facilidade de acesso proporciona menos desgaste físico e mental pela economia de tempo para o deslocamento, principalmente em uma grande cidade como o Rio de Janeiro. Por outro lado, significa custo menor ou zero com transportes.

A recomendação caminha pelo capital simbólico, no sentido de credibilidade, agregado pela escola ou pelo professor. Marcelo trabalhou em uma escola de ensino regular com futsal, e ao sair de lá muitas crianças o seguiram para a Educar. O Flu Grajaú carrega a identidade de um clube grande carioca e do trabalho de vários anos do professor Fernando com escola de futebol, inclusive formando jogadores para clubes.

Enquanto escola de bairro, A Educar recebeu todas as indicações sugeridas pelos alunos, mas estas opções podem convergir para apenas três: o viés da perspectiva da profissionalização, a questão da ocupação do tempo livre (incluindo sociabilidade e lazer) e a relação custo benefício (proximidade e recomendação). A influência dos pais ou de outros parentes flutua entre a formação do jogador (a maioria segundo o professor Marcelo), e outros que pensam na prática esportiva, como ratifica o professor Antonio:

A grande maioria, os que não vem com esse intuito, vem meio que impostos pelos pais para que façam uma atividade física. Alguns pais, eu percebo, que querem transferir pro filho um sonho que era seu. Quis ser jogador, não teve oportunidade, não teve condições, não estava no lugar certo na hora certa e gostaria de ver seu sonho realizado no filho.

Apesar do comentário acima, o Flu Grajaú não teve indicação dos pais. Os alunos entrevistados eram mais velhos, entre 15 e 17 anos, e têm autonomia para transitarem sem seus responsáveis. Durante as observações das aulas, poucas vezes havia presença de alguém os acompanhando.

Em relação à proximidade, segundo informações do próprio professor Antonio, a maioria dos alunos mora nas redondezas. Porém, a confiabilidade e a competência atribuídas à escola, fizeram com que um dos entrevistados, mesmo morando longe, procurasse a escola, donde se conclui que o contexto da profissionalização é recorrente nas duas escolas, independente da faixa etária. A sociabilidade ficou mais evidente para os alunos mais jovens. A localização e a orientação da escola correm paralelamente como critérios para escolha da instituição.

Outro dado importante foi a idade com que os alunos começaram a freqüentar escolas do esporte. Apesar de ambas as escolas atenderem dos 5 aos 17 anos, as crianças se iniciam no futebol entre 9 e 11 anos de idade, não necessariamente nas escolas do esporte pesquisadas.

3.3.3 – A organização da aula

Nesta categoria o intuito foi verificar como eles percebiam as aulas administradas nas escolas, e se esta percepção indica ou não pistas para o desenvolvimento do “estilo brasileiro”.

Os alunos foram questionados sobre os métodos de ensino, sobre as partes da aula e sobre o fundamento técnico mais exigido pelo professor. As respostas foram agrupadas nas tabelas abaixo segundo cada instituição.

EDUCAR	Professor	ENSINO	AULA	FUNDAMENTO
Entrevistado 1	Renan	Corrida, drible e passe.	Não especificou	Passe e chute.
Entrevistado 2	Marcelo	Brincadeiras e treinamento.	Fundamentos e depois coletivo.	Posicionamento e chute.
Entrevistado 3	Marcelo	Limitando o drible, valorizando o passe.	Alongamentos, fundamentos e jogo.	Passe e domínio.
Entrevistado 4	Renan	Treinamento e coletivo.	Treino técnico – 20 min Coletivo – 40min	Posicionamento, passe, e domínio.
Entrevistado 5	Marcelo	Tático nas jogadas.	Treino técnico, tático e posicionamento.	Chute e domínio.

As aulas na Educar revelaram que durante os sessenta minutos os professores Marcelo e Antonio usualmente dividiam o tempo entre aquecimento (13,1%), treinamento técnico (17,4%), coletivo (47,1%) e cobrança de pênaltis (ao final da aula, mas incluída no trabalho técnico). Eventualmente exercícios táticos (5,1%), atividades recreativas (1,9%) ou explorando alguma capacidade física (0,6%).

Foi possível observar que nestas situações está em jogo uma série de interesses e necessidades de pais e alunos que precisam ser intermediados pelo docente. O pai que acompanha o filho quer vê-lo em ação executando os fundamentos e participando ativamente dos coletivos. O aluno, por sua vez,

tem preferência pelo jogo, e os professores tentam trabalhar no que julgam ser as necessidades do aluno.

Os alunos da Educar misturaram os procedimentos dos professores com o conteúdo ou com as partes da aula. Acrescentaram o 'posicionamento' como fundamento técnico, apesar da descrição pelo entrevistador daqueles considerados para a pesquisa¹⁴³. Esta incapacidade do aluno para diferenciar parece estar correlacionada com o pouco tempo de aula, na qual se tenta seguir todo o roteiro anteriormente descrito. Após o aquecimento, pode acontecer o treinamento técnico (o mais freqüente), tático ou recreativo, gerando a confusão.

A maioria dos atores reconheceu, basicamente, duas partes na aula: o treinamento técnico e o coletivo, que são as partes mais interessantes para o aluno, pois envolve o contato direto com a bola. O aquecimento, especificamente o alongamento, é lembrado em segundo plano. O treinamento tático, como necessita do componente técnico para a sua execução, pode ser confundido.

O posicionamento, ao qual se referem três informantes, tanto ao nível de parte da aula como de fundamento, nada mais é do que a ocupação do espaço do campo determinado pelo professor de acordo com o sistema tático. A Educar possui um campo com dimensões reduzidas, as regras são as do futebol society e as funções dos jogadores dentro de campo são parecidas com as do futebol padrão FIFA, limitadas pelo tamanho do campo e pelo número de praticantes.

¹⁴³ Condução, drible, passe, domínio, chute, cabeceio e marcação.

Em relação ao “estilo brasileiro”, apenas um informante declarou que o professor Renan trabalhara o drible em suas aulas. Porém, ele pode ter confundido drible com condução sinuosa de bola. Por outro lado, o mesmo aluno afirmou que Renan cobra muito o passe e o chute.

Os fundamentos técnicos mais exigidos pelos docentes, são: passe, chute e domínio, com as mesmas proporções. Esta igualdade sugere a ênfase ao jogo coletivo, ratificada na limitação do número de toques na bola durante a prática do jogo, que foi observado em algumas aulas para evitar o excesso de dribles e de condução da bola.

Passe e domínio interligados diferem do discurso hegemônico do “estilo”, cuja expressão máxima, o drible, só aparece em três das vinte e seis aulas observadas na Educar. O “futebol arte” se perde pela falta de incentivo ao individualismo e à criatividade. Igualmente, o incentivo ao ‘posicionamento’ e ao ‘chute’ estão enquadrados na dinâmica do futebol espetáculo, no qual para se vencer, são necessários organização, eliminação dos riscos (inclusive dribles desnecessários), e sentido coletivo.

FLU GRAJAÚ (alunos do Antonio)	ENSINO	AULA	FUNDAMENTO
Entrevistado 6	Técnico e tático.	Terça – treinamento tático; Quinta – pouco de treino tático e coletivo; Físico – puxou mais no início do ano; Técnico – dentro do trabalho tático.	Passe e Posicionamento.
Entrevistado 7	Técnico nas jogadas e físico (alongamento e corrida).	Alongamento, parte técnica e coletivo.	Posicionamento; Passe curto e longo; domínio.

Entrevistado 8	Treinamento tático.	Alongamento; Treino tático: posicionamento e passes; Coletivo.	Disciplina; Controle de bola e visão de bola; Passe ou sair jogando em função da marcação adversária.
Entrevistado 9	Não especificou.	Físico, passe, cruzamento, cabeceio. Coletivo na outra aula.	Cobra tocar a bola e evitar de prender. Chegar no fundo para cruzar.

A interpretação dos alunos do Flu Grajaú pode ter sido facilitada pela organização que o professor Antonio desenvolve durante a semana: nas terças-feiras o treinamento tático e nas quintas-feiras o coletivo. Entretanto, os informantes continuam confundindo o treinamento técnico com o tático.

Outra referência dos alunos, o aquecimento, eventualmente é confundido com treinamento físico. Atividades como alongamento e corrida parecem integrar o rol de atividades que, sem o universo da bola, se tornam enfadonhas e desinteressantes.

O coletivo apareceu em apenas 32,1% do tempo de aula observado. Porém o percentual deve ser maior, pois as verificações ficaram agrupadas as terças-feiras para que se pudesse monitorar o processo pedagógico nos treinos técnicos e táticos e avaliar se as atividades tinham alguma relação com o “estilo brasileiro” e o “futebol arte”.

Os informantes confirmam uma tendência do núcleo de enfatizar o ‘posicionamento’, o passe e o domínio para organizar e dinamizar o “jogo coletivo”. A individualidade é ressaltada e ensaiada nos exercícios táticos, ou em situações de ataque contra defesa durante as aulas. Logo, o ‘drible’ não

aparece nas respostas do aluno, porque não há exercícios formais ou específicos para este fim, mas eles estão inseridos em um fragmento de jogo ou no coletivo.

3.3.4 – Autonomia de ações no jogo

EDUCAR	Professor	O que mais gosta de fazer no jogo?	O que o professor não deixa fazer no jogo?
Entrevistado 1	Renan	Tocar a bola. É por isso que sou meio campo	Fica muita pessoa fominha ¹⁴⁴ e ele não gosta, bota 3 toques, dois, aí começa a tocar.
Entrevistado 2	Marcelo	Diversão, chute, passe e, principalmente, armar as jogadas.	Reclamações, palavrões, violência, mau posicionamento e prender a bola.
Entrevistado 3	Marcelo	Não especificou.	Xingar o colega, evitar o chutão e o excesso de drible.
Entrevistado 4	Renan	Participar do jogo e driblar para tentar fazer o gol. Apesar do drible não ganhar jogo e precisar da equipe.	Evitar o excesso de drible. Cobra organização, passe e finalização para ganhar o jogo.
Entrevistado 5	Marcelo	Gosta de tocar, chutar e driblar. Sou jogador ofensivo que joga no meio.	Reclama quando prende muito a bola.

Nesta subcategoria os atores deveriam expor como poderiam agir durante o jogo. A expectativa era que nos relatos aparecessem traços de criatividade ou liberdade de improvisação, característicos do “futebol arte”.

Os informantes da Educar declararam preferir no jogo as ações que mantêm uma correspondência com as funções exercidas em seu posicionamento: “Tocar a bola. É por isso que sou meio campo” (entrevistado 1). A opção mais mencionada foi o passe, ou toque de bola, na linguagem nativa. A maioria dos alunos era constituída de meias ofensivos, que tem como funções básicas, na estrutura tática, armar as jogadas para os atacantes ou tentar a finalização com chutes a gol.

¹⁴⁴ Não toca a bola.

Outras opções, como o chute e o drible, foram imediatamente lembrados pelos alunos, que demonstram o desejo de jogar ofensivamente, sem muitas amarras, mais soltos, com inventividade, quem sabe mais próximo do “estilo”.

Por outro lado, quando indagados sobre o retorno (feed-back) do professor, as respostas relatam as restrições ao excesso de drible e a prender a bola¹⁴⁵, valorizando o passe e reforçando o jogo coletivo. O posicionamento, enquanto organização, e o chute, são ingredientes desta fórmula pré-concebida do como jogar para ganhar o jogo.

FLU GRAJAÚ (alunos do Antonio)	O que você mais gosta de fazer no jogo?	O que o professor não deixa você fazer no jogo?
Entrevistado 6	Driblar e chutar em gol ou tocar a bola para o companheiro. Gosta de driblar e chutar por ser atacante.	Prender demais a bola; Passar rápido; Movimentação e posicionamento.
Entrevistado 7	Chutar a bola para frente, pois é zagueiro. Tem que zerar, quando não tiver opção do passe.	Posicionamento – Antonio cobra movimentação e marcação.
Entrevistado 8	Driblar e passar (joga de meia). Prepara as jogadas.	Quando prendem a bola. Não passam a bola. Porque se perder a bola, vai dar contra ataque.
Entrevistado 9	Chutar ou cruzar na área ou passar para o outro atacante. Limpar (driblar) para chutar ou passar para companheiro melhor colocado. É atacante.	Arremesso para frente. Não prender a bola. Preferência de tocar a bola.

As respostas dos alunos do Flu Grajaú são semelhantes, para não dizer idênticas, as da Educar. A única diferença foi o entrevistado 7, que sendo zagueiro, opta por tirar a bola da sua zona de defesa com um chute ou com passe dependendo da marcação do adversário. Demarca também uma diferença dentro da organização da equipe, enquanto os jogadores mais técnicos se concentram na ação ofensiva, os mais voluntariosos ficam na

¹⁴⁵ “Prender a bola”, linguagem nativa, no sentido de conduzir a bola ou driblar em demasia.

retaguarda resguardando a defesa. A arte e a força atuando juntas na mesma equipe.

As demandas pelo gosto repetem a escola de bairro com passe à frente, depois chute e drible, nesta ordem de preferência. Mas como mostrado anteriormente, há uma grande diferença entre a vontade explicitada pelos alunos e a orientação do professor. Cobranças no sentido do posicionamento correto e do passe rápido, evitando prender a bola, unem as duas escolas à mesma filosofia de trabalho.

Na prática, as possibilidades de expressão livre ficam limitadas àqueles corajosos que ousam fugir dos padrões e correr o risco de contrariar o professor. O “estilo brasileiro” em sua essência, o “futebol arte,” fica restrito a jogadas isoladas que tenham sucesso, pois do contrário o aluno não escapará de comentários testemunhados nas aulas: “solta a bola”, “tá prendendo demais” ou ainda “leva a bola para casa”.

3.3.5 – A referência do craque

A referência do craque pode mostrar sinais de identificação do aluno com a forma de atuar do jogador. O primeiro reconhece no segundo técnicas corporais que tenta reproduzir no contexto da aula. Este processo é estimulado pela mídia, que resgata e fortalece a memória social ao recortar e editar belas jogadas, gols fantásticos, jogadores e equipes diferenciadas (Salvador, 2005).

Em função deste comportamento, qual seria a atitude do professor? Colaboraria com a situação através de metodologia própria ou já o faz no dia a dia das aulas.

Outro questionamento importante é verificar se os alunos entendem a construção de um craque pelo viés do treinamento ou do “dom”.

EDUCAR	Professor	Qual o jogador que você mais gosta? Porque? Você tenta imitá-lo?	O professor faz alguma atividade que o ajuda a jogar como seu jogador preferido?	Na sua opinião, como o craque aprende a jogar futebol?
Entrevistado 1	Renan	Ronaldinho Gaúcho e Kaká. Porque eles são humildes e jogam bem. Tocar, driblar e chutar.	O drible, o toque e o chute.	Treinando.
Entrevistado 2	Marcelo	Ronaldinho Gaúcho, mas Inspira-se no Cristiano Ronaldo. Tenta fazer dribles e passes.	Ele treina todos os fundamentos, mas enfatiza o passe e depois o chute.	O craque já nasce sabendo, nasce com o “dom”.
Entrevistado 3	Marcelo	Cristiano Ronaldo, porque ele dribla, passa e chuta (joga bonito). Não consegue imitá-lo.	O professor ensina como um todo.	Nasce com o “dom”*, mas se aperfeiçoa com treinamento. (*não sabe explicar)
Entrevistado 4	Renan	Cristiano Ronaldo. Tem muito talento, dribla, passa, chuta e tem criatividade. Drible é o melhor dele. Tenta imitá-lo, mas às vezes não consegue.	Trabalha drible entre cones ¹⁴⁶ , chute, passe, posicionamento, armação de jogadas e criatividade.	Entrou na escolinha, ganhou condição física e técnica, fez teste para clube e seguiu treinando.
Entrevistado 5	Marcelo	Ronaldinho Gaúcho sabe driblar, chutar e é um jogador clássico. Não tenta imitá-lo.	Os exercícios que ele faz, melhora.	Começou em escolinha, depois no clube.

Observe-se que Ronaldinho Gaúcho não é admirado por sua capacidade de marcação, por sua disciplina tática ou pela força corporal, mas pela capacidade de surpreender os adversários com seus dribles, gols e jogadas individuais. Se entrarmos no campo dos debates sobre as representações sociais do estilo de jogo, podemos observar que mesmo no Brasil não há

¹⁴⁶ Condução sinuosa e não drible.

homogeneidade na imagem que as narrativas dizem ser o estilo nacional de futebol. Os atores sociais, ao falarem de estilo quando o outro não é o estrangeiro, também diferenciam estilos, que definem moralidades nas diferentes regiões do país.

Na tensão entre o regional e o nacional, o sul, por sua história demográfica e cultural, se aproxima do europeu, da disciplina, da força etc. Ronaldinho Gaúcho, apesar do nome que o regionaliza, não é identificado como representante do estilo gaúcho de futebol, pois é negro, e é representado, “para dentro e para fora”, no momento, como imagem do futebol arte.

Outro citado foi Kaká, campeão italiano pelo Milan que se destacou na temporada européia 2006/2007 e é considerado um dos favoritos à eleição de melhor jogador deste ano pela FIFA. Diferentemente de Ronaldinho Gaúcho, Kaká não prima pelo drible, mas quando usa este recurso o faz com objetividade, principalmente próximo do gol, onde prepara a jogada para um companheiro ou finaliza.

Neste quesito o português Cristiano Ronaldo apareceu junto com Ronaldinho Gaúcho e à frente de Kaká. Segundo os informantes este jogador é possuidor de talento, criatividade e é admirado pela sua capacidade de driblar, passar e chutar, isto é, de jogar bonito¹⁴⁷. De acordo com o discurso hegemônico, é difícil admitir que um jogador estrangeiro tenha as características próprias do estilo nacional, que identificam e diferenciam o futebol brasileiro pelo mundo afora. Será esta identidade futebolística exclusiva do Brasil?

¹⁴⁷ O “futebol arte” na linguagem nativa.

Esta preferência, fora de contexto, é ocasionada pela globalização e pela imigração de craques brasileiros na busca de independência financeira (BACH; OLIVEIRA, 2007). Os canais de televisão aberta e os por assinatura transmitem campeonatos nacionais e continentais da Meca econômica do futebol mundial (Itália, Espanha, Inglaterra, Alemanha e França), cujos clubes reúnem os melhores jogadores do mundo. Este enredo do futebol espetáculo europeu atrai cada vez mais a atenção e o reconhecimento de jovens e aficionados pelo futebol no Brasil.

Quando questionados se tentam imitar seus ídolos, os alunos mostram-se vaidosos para não fazê-lo ou expõem sua dificuldade técnica para reproduzir as jogadas deles.

Os informantes da Educar dizem que os professores trabalham todos os fundamentos sem preocupar-se em treinar um ou outro movimento de determinado jogador. Porém, pela incidência de citações enfatizam mais o passe e o chute, na verdade o jogo coletivo e seu objetivo. São citados também o drible e a criatividade que foram parcamente acionados nas aulas práticas, quando em situações de ataque contra defesa. O posicionamento é lembrado como elemento facilitador da movimentação.

Os alunos relatam três hipóteses para o craque aprender a jogar futebol: o “dom”, o treinamento e a associação dos dois. O “dom” é mencionado pelos atores como sendo algo natural ou dádiva divina, pois acreditam, desta forma, poder sintetizar todas as explicações neste universo mágico. Ao sugerir que dessem maiores detalhes, faltaram argumentos para justificar tal afirmação.

O treinamento foi lembrado com maior frequência, sobretudo quando associado às escolas de futebol e aos clubes, espaços de formação para

jogadores. A relação do “dom”, aperfeiçoado pelo treinamento, é outra hipótese que vem de encontro à opinião dos especialistas, no caso os professores.

O saudosismo dos jogadores que surgiam dos campos de várzea parece estar bem distante da realidade destes jovens, que apesar jogarem em outros espaços¹⁴⁸ acreditam que na escola de futebol aprenderão ou aperfeiçoarão as técnicas corporais do esporte dentro dos parâmetros do futebol espetáculo.

FLU GRAJAÚ (alunos do Antonio)	Qual o jogador que você mais gosta? Porque? Você tenta imitá-lo?	O professor faz alguma atividade que o ajuda a jogar como seu jogador preferido?	Na sua opinião, como o craque aprende a jogar futebol?
Entrevistado 6	Cristiano Ronaldo e Ronaldinho Gaúcho. Tem haver com suas características: drible, velocidade. Cristiano é habilidoso é começa a aparecer na mídia. Dependendo da situação do jogo.	Treinamento de ataque contra defesa. Não faz treinamento específico, mas estimula quando não tem a opção do passe.	Usando a inteligência: observaram seus ídolos, escutaram seus professores e tem o “dom”*. Este é o principal, pois facilita muito. (*nasceu para jogar)
Entrevistado 7	Cafu é raçudo, apesar de não ter muita habilidade. Tenta chegar o mais próximo possível da área.	Faz a tática e o físico que exige muito.	Tem que ter o “dom”* e treinar muito os fundamentos técnicos. (*desde pequeno o pai ensina a jogar bola e tem isto como objetivo)
Entrevistado 8	Kaká, porque ele é meia. Ele é bom, tem bom controle, passe, é rápido e faz gol. Não tenta imitá-lo.	Ajuda quando a gente treina as outras posições. Ele mostra o certo quando a gente erra.	Alguns nascem com o “dom”*, mas todos têm que treinar p/ chegar a ser craque. (*não sabe explicar)
Entrevistado 9	Ronaldinho Gaúcho, ele é simples, mas prende muito a bola, passe bem e bater faltas. Não tenta imitá-lo.	Ele ensina a jogar em outras posições.	Nasce jogando bola (talento), aprende desde pequeno. Quem não tem talento tem as escolinhas. Quem tem talento tem mais chance de ser jogador de futebol.

Os alunos do Flu Grajaú confirmam muitas das informações prestadas pelos da Educar. Lembram Ronaldinho Gaúcho, Kaká e novamente Cristiano Ronaldo. A novidade foi a lembrança do lateral direito Cafu, consagrado na

¹⁴⁸ Áreas de lazer de prédios e condomínios, praças, vila, clubes ou nas aulas de Educação Física escolar.

seleção brasileira, que o entrevistado 7, um zagueiro, identifica pela qualidade de raçudo¹⁴⁹, e pela deficiência por sua habilidade limitada.

Em relação às estratégias do professor Antonio para aproximar tecnicamente seus alunos de seus ídolos, os atores ratificaram o enfoque dado ao treinamento tático, físico e principalmente ao posicionamento. Conhecer posições diferentes das eleitas pelos alunos faz parte do conteúdo de aula das terças-feiras no núcleo. Somado às atividades de condicionamento físico, permitem que os alunos tentem fazer algo parecido com os craques de suas referências.

O “dom” e o treinamento foram usados pelos informantes do Flu Grajaú, assim como pelos da Educator, para explicar como o craque aprende a jogar futebol. O “talento” foi usado com a mesma conotação de “dom”, enquanto condição inicial para a formação do jogador. Porém, a ‘disciplina’ foi sugerida indiretamente nas palavras dos atores: “Tem que ter o “dom” e *treinar muito*”; “*Desde pequeno o pai ensina a jogar bola e tem isto como objetivo*”. (grifo nosso)

3.3.6 – O futebol dentro e fora do Brasil

Nesta subcategoria a idéia foi investigar a percepção que os alunos têm sobre o futebol brasileiro, e especificamente do “futebol arte”, através da linguagem nativa do “jogar bonito”, e paralelamente buscar se os alunos identificam tipos diferentes entre o futebol jogado dentro e fora do país.

¹⁴⁹ Jogador voluntarioso, que joga com muito vigor físico.

EDUCAR	Professor	O que é jogar bonito?	Dentro do Brasil joga-se futebol de formas diferentes?	O futebol brasileiro é diferente dos outros países?
Entrevistado 1	Renan	É tocar e driblar, esses exercícios, tocar e o chute.	Não soube responder.	Porque tem muitas estrelas e é sempre campeão
Entrevistado 2	Marcelo	Passe e chutes bonitos para chegar ao gol. Não adianta só driblar.	Futebol no Brasil é o mesmo, todo mundo joga igual.	Ginga, facilita drible, toque, chute, lançamento. Amor e dedicação ao futebol.
Entrevistado 3	Marcelo	Driblar, passar para os companheiros e finalizar.	Joga-se o mesmo futebol no Brasil.	O brasileiro adora futebol. Dribla e passa melhor, bem como, às vezes, chuta mais forte.
Entrevistado 4	Renan	Jogar bem, trabalhando em equipe, não errando passe, domínio perfeito, com organização e criatividade.	O estilo é sempre o mesmo independente da região.	Futebol é futebol (igual); O Brasil é mais expressivo, nascem muitos craques, por essa inspiração; A diferença esta no treinamento, indiferente de onde esteja.
Entrevistado 5	Marcelo	Saber fazer gol, driblar na hora certa, defender.	É tudo a mesma coisa, não tem diferença.	A gente é mais clássico. Sabe tocar a bola, defender. Tem países que só defendem, não tem nossa habilidade.

Os alunos da Educar caracterizaram o “futebol arte” como sendo aquele que se utiliza do passe bem feito com o respectivo domínio, do chute bonito para o gol, do drible na hora certa, de uma ação defensiva eficaz, bem como do jogo organizado e criativo.

Passe, chute e drible foram os fundamentos técnicos mais citados neste quesito. Quando usam o termo “jogar bonito”, parece que os informantes qualificam os dribles e os chutes que resultam em gol como jogadas de excelência que diferenciam o jogador que os executou e sugerem criatividade e

habilidade do brasileiro. Em contrapartida, o passe foi o mais lembrado, refletindo da atuação disciplinadora dos professores, que estimulam a organização no jogo coletivo.

A exceção do entrevistado 1, todos os outros da escola de bairro afirmaram desconhecer formas diferentes de se jogar no Brasil. Nada foi aludido aos atores para não induzir as respostas. Fica, portanto, o formato valorizado na mídia (arte, criatividade e improvisação), regulado e controlado pela orientação tática dos professores.

Segundo os atores, um fato que demonstra a diferença do futebol brasileiro para o estrangeiro é o capital simbólico alcançado na conquista de títulos internacionais nos níveis de clube e seleção, bem como o sucesso de craques no exterior. Ao explicar esta situação, postulam o amor e a dedicação do brasileiro ao futebol, fruto da identidade cultural e da perspectiva de ascensão social pelo esporte.

Outro fator de diferenciação seria a “ginga”, pois a associação dos movimentos de danças populares brasileiras enriqueceria as técnicas corporais do futebol com molejo e ritmo, estética aqui valorizada e que nos distingue de outros países. Em contrapartida, um informante considerou a forma de se jogar futebol no Brasil igual à de outros países. A diferença estaria na qualidade do treinamento.

FLU GRAJAÚ (alunos do Antonio)	O que é jogar bonito?	Dentro do Brasil joga-se futebol de formas diferentes?	O futebol brasileiro é diferente dos outros países?
Entrevistado 6	Saber driblar e passar na hora certa. Fazendo com o grupo.	Tem diferença até para falar. Carioca é mais ligado no jogo, acesso. O paulista nem tanto, mas tem mais técnica.	O futebol brasileiro é mais solto, mais moleque, parte para dentro, gosta do drible. Lá fora é mais técnica, tática, mais armação de jogada.

Entrevistado 7	Habilidoso, raçudo que não tem medo de jogar. Auto confiança e pensamento positivo. Jogar o bê-á-bá.	Nordeste – são muito raçudos. O carioca por causa da pelada, não leva muito a sério.	É mais forçado, tático e habilidoso.
Entrevistado 8	Jogar em equipe.	Cada estado pode ter uma técnica, uma estratégia diferente, apesar de não observar.	Os europeus têm uma técnica mais vigorosa, mas o Brasil é o país do futebol. Nossos craques se destacam lá fora pela técnica e principalmente pelo esforço.
Entrevistado 9	Tocar bem a bola, fazer gol, cruzar, visão de jogo e até prender a bola quando necessário.	SP é corrido, de toques rápidos e corrida. RJ – mais tocado, prende mais a bola até chegar no gol.	Futebol brasileiro é de toque até chegar no gol. Inglaterra é um jogo de toque e corrida. O Brasil tem um estilo tanto que nossos craques fazem a diferença lá fora. O brasileiro toca mais a bola.

Os atores do Flu Grajaú fazem um verdadeiro roteiro de opções para explicar o que é “jogo bonito”. Ficam divididos entre o forte apelo tático e coletivo, desenvolvido nas aulas do pelo professor Antonio, e a estética do “futebol arte” impressa em seu intimo.

O jogo coletivo é lembrado tanto quanto o passe, pois há uma correlação entre os dois em termos de dinâmica do jogo. O professor Antonio valoriza muito o passe e a posse de bola para correr menos riscos durante o jogo, fato ratificado pelo entrevistado 9, que usa a linguagem nativa do ‘prender a bola’.

O entrevistado 7 tem uma visão específica de atuação em função da sua posição como zagueiro, adicionando raça, auto confiança e jogando o “bê-á-bá”, ou seja, jogar sem muitas firulas, de forma objetiva.

Outras informações do tipo drible, chute e visão de jogo reforçam a idéia do jogador habilidoso que domina e executa as técnicas corporais com

precisão que o destacam no jogo. Estas são imagens mais próximas do subconsciente do que da prática.

Diferente da Educar, os alunos do Flu Grajaú apontam diferenças na forma de jogar do brasileiro. Definem o carioca como se não levasse a sério, mas sendo ao mesmo tempo mais ligado, isto é, sugerem um antagonismo ou uma ‘dissimulação’ característica da “malandragem”. Ainda identificam que o carioca prende demais a bola, utiliza mais o drible e a condução do que o passe para chegar ao gol. Esta é uma reprodução dos conceitos do “futebol arte” intrínseco ao Rio de Janeiro.

Ainda na visão dos alunos do Flu Grajaú, os paulistas, por sua vez, têm um jogo mais veloz e técnico. Diferentemente do carioca, eles preferem os toques (passes) rápidos ao drible, praticando um jogo caracterizado pela objetividade e pela competitividade, talvez dentro do espírito do estado de maior capacidade financeira do país.

Os nordestinos participam do mesmo modo pela colocação de um filho da região e a sua persistente indicação da raça. Como o ator, seriam jogadores que acostumados a lutar contra a pobreza e as dificuldades, se agarram as oportunidades, no caso o futebol, com excessiva vitalidade, pois pode representar uma realidade diferente e melhor do que estão acostumados. O futebol como espelho dos dramas sociais no Brasil (DAMATTA, 1982).

Em relação ao futebol estrangeiro, o Brasil é destacado como ‘habilidoso’, ou seja, muito técnico, que usa o drible e o toque de bola (passe) para ostensivamente forçar o gol adversário. O drible comparado a uma ação solta, moleque, quase infantil, sem compromisso com qualquer organização tática.

Em contrapartida o “outro”, principalmente o europeu, pautaria seu jogo em uma ordenação tática, estruturada na armação de jogadas, toques rápidos, muita correria e esforço. Somando-se tudo, repetiram-se os padrões do “futebol força” que identifica e diferencia o outro para com o Brasil.

As respostas coletadas nas duas escolas parecem sugerir o processo de memória seletiva de jogadas e gols bonitos que a mídia oferece (SALVADOR, 2005) e que os alunos resgatam para elucidar o ‘futebol bonito’. Outrossim, a realidade esbarra na coordenação coletiva incentivada pelos professores.

As informações esclarecem que os alunos mais novos da Educar¹⁵⁰ têm dificuldades, ou não estão suficientemente maduros, para reconhecer ou identificar diferenças da forma de jogar dentro do Brasil. Por outro lado, os mais velhos do Flu Grajaú¹⁵¹, percebem atitudes peculiares no “futebol arte” do Rio de Janeiro, *mas não as contrapõem com o “futebol força” dos gaúchos*. O futebol de São Paulo e da região nordeste são confrontados a sua realidade econômica no contexto brasileiro, e classificados como competitivo e voluntarioso, respectivamente.

Ao final deste capítulo, as informações coletadas com os professores e alunos reproduziram o discurso hegemônico do “estilo nacional”, mas não condizem com a prática pedagógica exercida nas aulas. As demandas do futebol moderno exigem além da qualidade técnica, uma organização tática, boa condição física e uma boa dose de competitividade. Este contexto influencia a ação educativa dos docentes, que priorizam elementos do jogo coletivo, isto é, o passe, o domínio, o chute e uma categoria que surgiu das entrevistas: o posicionamento. O drible ficou em segundo plano como

¹⁵⁰ Média de idade: doze anos.

¹⁵¹ Média de idade: dezesseis anos.

aprendizado nas aulas, pois o imaginário do dom natural, potencial genético ou cultural descartaria um ensino sistematizado.

O talento seria um dom que depende do 'esforço individual' no treinamento para ser e manter-se reconhecido (providência pós-facto). **Talvez as escolas continuem a proliferar para ensinar aos jovens o que a cultura do cotidiano não ensina (grifo nosso).**

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O “estilo brasileiro de jogar futebol” foi construído nas desigualdades sociais e históricas do país, as quais se tornaram palco para o desenvolvimento de um esporte que promoveu, ao longo do tempo, oportunidades de inclusão e ascensão social inclusas no imaginário do brasileiro. Fato que destoa da quantidade limitada dos postos de trabalho nos clubes (DAMO, 2005) e que aproximadamente 80% dos jogadores profissionais ganhavam em torno de dois salários mínimos até 2003 (HELAL; SOARES; SALLES, 2005).

O “estilo” cresceu sob a estética do “futebol arte”, valorizado pela sua irreverência quase circense, que destacava os jogadores das camadas populares, os quais se esquivavam da ação autoritária no jogo dos “*sportmen*”¹⁵². Em contrapartida, era criticado pela infantilidade das firulas e pela ignorância aos padrões coletivos ingleses de jogar futebol.

Desde a década de 30, a percepção do “estilo” na diferença entre o jogo brasileiro e o europeu, e o sentimento de pertencimento a uma nação que, pelo menos no esporte, era igualmente capaz perante as potências mundiais, serviu como pano de fundo para escritores e jornalistas resgatarem a nação miscigenada brasileira do complexo de vira latas,¹⁵³ e criar uma identidade brasileira para dentro e para fora (Arquetti, 2003).

A participação da seleção brasileira em Copas do Mundo mediou os discursos identitários sobre o “estilo”. Vitórias e derrotas marcaram a afirmação, o afastamento ou o resgate do “futebol arte”. Os resultados negativos normalmente atiçavam os críticos que condenavam a forma brasileira

¹⁵² Termo utilizado para os jovens praticantes de esportes socialmente reconhecidos na época e que identificavam na cultura européia, civilidade e modernidade.

¹⁵³ Nos termos de Nélson Rodrigues (1994).

de jogar e geravam tensão, como a do “futebol força”. Mais tarde o esporte espetáculo e a globalização fizeram com que as equipes de todo o mundo jogasse de forma semelhante, inclusive o Brasil. O país perderia sua identidade, o que estimularia sentimentalismos relacionados ao “futebol arte” (LOVISOLO; SOARES, 2003).

A mídia cumpre o papel de resgatar a tradição e manter a identidade do futebol brasileiro. Imagens de craques, jogadas, dribles e gols são rememoradas para as novas gerações de aficionados. A mídia destaca o “futebol arte”, principalmente o drible, associado a elementos simbólicos de brasilidade, como a malandragem e a ginga (SALVADOR, 2005).

Para os nativos, o “dom”, enquanto “providência pós-facto”, justificaria e comportaria todas as explicações da qualidade técnica natural e mágica dos jogadores brasileiros, na qual a identidade cultural do futebol criaria a ambiência necessária para a sua prática. Para os especialistas, o “talento”, enquanto ‘ideologia do potencial’, não é suficiente para que o jovem adquira todo o capital futebolístico que lhe permitirá o acesso à carreira profissional (DAMO, 2005). Além disso, para os professores pesquisados o talento seria um dom que depende do esforço, da dedicação e da disciplina, que fariam o jovem despontar e depois manter-se.

O discurso romântico afirma que os talentos vinham das práticas livres e sem orientação dos campos de várzea, e hoje seriam formados nas categorias de base dos clubes, que não tendo condições para absorver toda a demanda, abrem espaço para atuação das “escolas de futebol”. Por outro lado, as mudanças na vida privada interferiram diretamente na vida social, principalmente na socialização da educação dos filhos com outras instituições

(PROST, 1992). Nessa direção, o futebol se expande e se moderniza como espetáculo e negócio no rastro do desenvolvimento dos transportes, das comunicações e do excedente de tempo e dinheiro que permite investir em lazer e esporte.

O futebol arte foi construído na cidade do Rio de Janeiro e reconhecido no país como essência do estilo nacional, nas palavras de jornalistas e acadêmicos¹⁵⁴, discurso atualmente mantido pela mídia. Logo, o estudo buscou identificar se haveria ou não ênfase ao desenvolvimento do estilo nas escolas cariocas do esporte. Estas se diversificaram para atender à formação de jogadores ou para oferecer atividade recreativa com sociabilidade. As escolas da cidade foram organizadas em três segmentos, após verificação dos critérios de classificação¹⁵⁵: clube/núcleo, de bairro e projetos sociais. Outrossim, estes espaços tornam-se mercado de trabalho para profissionais do futebol, que com diferentes formações - professores de Educação Física ou ex-jogadores - mantêm o embate pela preferência do aluno.

As escolas do clube funcionam dentro do espaço físico da instituição e os núcleos são licenciamentos da marca para escolas de terceiros. A segunda opção tem se espalhado pela cidade, buscando o aluno que procura o capital simbólico do clube grande,¹⁵⁶ que possui a identidade clubística ou que imagina ser possível o acesso às categorias de base. São escolas de iniciativa particular que demandam custos para o aluno (mensalidade, uniforme, eventualmente transporte e alimentação), que usam campos naturais ou artificiais com grama sintética, onde as aulas normalmente acontecem nos horários ociosos da locação.

¹⁵⁴ Cf. Pereira, 2000 e Lovisoló; Soares, 2003.

¹⁵⁵ Custos, iniciativa pública ou privada e referência da escola.

¹⁵⁶ Botafogo, Flamengo, Fluminense e Vasco.

As escolas de bairro têm como principal característica a facilidade de acesso. São escolas de iniciativa particular que demandam custos (mensalidade e uniforme). Possuem duas modalidades: atividade extra curricular de escolas do ensino regular ou campos particulares de grama natural ou sintética. Na primeira, o aluno já está no colégio e faz sua atividade sem maiores deslocamentos facilitando a vida dos responsáveis. A segunda coincide com as demais características dos núcleos em campos para locação.

Os projetos sociais destacam-se dos outros pela proposta de inclusão, pois sua clientela não tem condições de arcar com as despesas de uma escola particular. São de diferentes procedências: ONGs, OSCIPs, fundações, empresas, iniciativa governamental, comunitária ou individual. A maioria deles promove o incentivo à escola formal ao cobrar matrícula e desempenho escolar.

O estudo limitou-se aos segmentos escola de bairro (Educar Multi Sport) e núcleo de clube (Flu Grajaú), pois os “projetos sociais” possuem discursos legitimadores¹⁵⁷ e práticas pedagógicas comuns¹⁵⁸. Nestes últimos, a atitude individual e criativa do “futebol arte” é normatizada, regulada e disciplinada sob o enredo do futebol espetáculo (MAIA, 1999; OLIVEIRA, 2006; SOUZA; BARTHOLO; SOARES, 2007), inviabilizando uma ação educativa voltada para o estilo nacional. Por outro lado, os dois primeiros segmentos possuem professores de Educação Física e metodologia diferenciada, como foi constatado nas aulas.

¹⁵⁷ Cidadania e inclusão social, tirando jovens da ociosidade das ruas e da marginalidade, dando-lhes dignidade, saúde e lazer.

¹⁵⁸ Ex-jogadores ou não graduados em Educação Física reproduzem treinamentos de equipes profissionais ou a prática do jogo (coletivo).

As respostas dos atores nas entrevistas foram confrontadas com as observações de campo. Algumas categorias vieram do roteiro de perguntas, pois eram próprias do conteúdo da pesquisa, e outras surgiram com a narrativa de professores e alunos.

Em relação às motivações para o acesso dos alunos às escolas, as respostas dos professores coincidiram no viés da formação e perspectiva de profissionalização, tendência ratificada pelos alunos e coerente com o imaginário de ascensão social pelo esporte de alunos e pais. Outras possibilidades que ocorreram com menor frequência podem ser agrupadas no viés da ocupação do tempo livre (incluindo sociabilidade e lazer) e na relação custo benefício (proximidade e recomendação).

As propostas pedagógicas das escolas pesquisadas têm objetivos diferentes. A Educar, nas palavras de seus professores, enfatiza a questão educacional (formação esportiva independente de continuidade), a disciplina, o aspecto motor, a satisfação do aluno e não prioriza a competição¹⁵⁹. O coletivo e o treino técnico são os mais utilizados, conforme tabela abaixo. Dentro do tempo restrito de uma hora de aula, os professores atendem aos interesses do aluno (o coletivo) e à necessidade de aprendizagem da técnica corporal (treinamento técnico).

Frequência das partes das aulas

Aulas	AQC	INT	TEC	TÁT	COL	REC	FÍS
Educar	13,1%	14,5%	17,4%	5,1%	47,1%	1,9%	0,6%
Flu Grajaú	12,4%	13,7%	12,0%	32,5%	32,1%	0,0%	2,1%

Legenda: AQC – Aquecimento; INT – Intervalo; TEC – Técnico; TÁT – Tático; COL – Coletivo; REC – Recreação; FÍS – Físico.

¹⁵⁹ Os professores fazem poucos amistosos e torneios durante o ano.

O Flu Grajaú, por outro lado, tem mais tempo de aula, noventa minutos, e o aproveita com um treinamento de equipe para competição (vide tabela acima). Às terças-feiras o professor intensifica o trabalho tático, e às quintas o coletivo¹⁶⁰. O núcleo participa de muitos amistosos e campeonatos, o que justifica uma atitude competitiva, pois as vitórias podem dar visibilidade à escola. Há um esforço em fazer com que os alunos joguem o futebol conforme os padrões táticos, apesar de muitos alunos demonstrarem dificuldades para execução dos fundamentos técnicos, prejudicando as movimentações defensivas e ofensivas propostas pelo professor. As movimentações são situações pré-determinadas que inibem a ação criativa do drible em prol do passe, da posse de bola e do melhor posicionamento.

Frequência dos fundamentos técnicos nas aulas

Escolas	Condução	Passe	Domínio	Drible	Chute	Cabeceio	Marcação
Educar	53%	50%	42%	11%	73%	3%	15%
Flu Grajaú	76%	76%	76%	30%	61%	69%	46%

Em contra partida, quando questionados, todos os docentes concordaram que o passe é o fundamento mais importante, seguido do chute, do domínio e da condução. Este fato pode ser constatado pelos percentuais da tabela acima, apesar da Educar ter o passe em terceiro, mas compatível com o informado nas entrevistas.

Observa-se ainda, na tabela acima, uma concentração diferente entre as escolas, na utilização do treinamento técnico. A escola de base fragmenta sua metodologia, trabalhando os fundamentos parcialmente, enquanto que o

¹⁶⁰ O coletivo ocuparia mais tempo, mas as observações se concentraram na terça-feira. A intenção era averiguar se as características do “estilo” estavam sendo valorizadas, estimuladas e quais os procedimentos durante as aulas.

núcleo, em função do treinamento tático, precisa de vários elementos técnicos, simultaneamente, para sua execução.

O drible, principal característica do estilo, foi um dos fundamentos menos acionados nas aulas. Não foi verificado nenhum treinamento específico para o fundamento, como há para os outros. Sua utilização aconteceu nos exercícios simulados de ataque contra defesa. Durante os coletivos, o drible só era valorizado pelos professores na ausência de outro recurso ou quando a seqüência da jogada obtinha sucesso. Ainda na prática do jogo aconteceram restrições ao número de toques na bola, coerções verbais¹⁶¹ e punitivas, que limitavam a ação individual e reforçavam o jogo coletivo.

Os alunos ratificaram o que foi dito pelos professores e verificado nas aulas, acrescentando que, apesar de não ser um fundamento técnico, o ‘posicionamento’ que é uma rotina em ambas as escolas, principalmente nos coletivos. Talvez esteja na ênfase deste conteúdo a diferença do futebol bricolado (DAMO, 2005) para o espetáculo que buscam os professores.

Por outro lado, os docentes consideraram o “estilo brasileiro” individualista, criativo e habilidoso. Estas características foram escassamente trabalhadas e pouco incentivadas durante as aulas. Porém quando se falou do “futebol arte” os discursos transitaram entre o ideal romântico e a lógica do “futebol força”, isto é, dribles e jogadas de efeito associados à organização tática e à preparação física, sugerindo uma “hibridização” que não acontece na prática.

O destaque que os docentes dão ao jogo coletivo influencia diretamente na percepção dos discentes. Segundo o imaginário do “jogar bonito”¹⁶², a

¹⁶¹ Coerção verbal de pais e professores.

¹⁶² Futebol arte na linguagem nativa.

maioria dos alunos gostaria de executar o drible quando estão jogando, porém em suas falas consideram o passe e o chute como as técnicas mais importantes do estilo e colocam o drible em segundo plano: “Passes e chutes para chegar ao gol, não adianta só driblar” (entrevistado 2).

As referências de craque, para a maior parte dos alunos, são jogadores reconhecidos internacionalmente pelo domínio das técnicas corporais ofensivas do futebol. Exceção feita a Cafú pelo entrevistado 7, zagueiro, que se identifica com o vigor físico (raça) do jogador. Os demais citaram Ronaldinho Gaúcho, Kaká e Cristiano Ronaldo¹⁶³, dos quais destacam o drible, o chute e o passe usados como recursos que os diferenciam dos outros. Associam ao “jogo bonito”, mas normalmente não reproduzem as ações dos seus ídolos por não dominarem o movimento. Raríssimas vezes foram tentados dribles diferenciados, como a ‘pedalada’ ou o ‘elástico’ durante os coletivos, ficando a cargo dos mais habilidosos quando algo acontecia. Vale ressaltar que dentro de uma mesma equipe convivem os mais habilidosos, que normalmente priorizam as ações ofensivas, e os voluntariosos que devem proteger a retaguarda, isto é, arte e força na mesma equipe e em harmonia.

O craque é apreciado pelos docentes quando usa sua técnica a favor do coletivo. Além disso, deve ser equilibrado para suportar a pressão nos momentos difíceis e ter regularidade. Em contrapartida, foi recriminado quando transgrediu os valores ascéticos do esporte, e serviu como mau exemplo para os mais jovens. Romário, dito representante da identidade malandra, foi

¹⁶³ Cristiano Ronaldo aparece em três entrevistas e representa a ação avassaladora da globalização, pois apesar de todo o capital simbólico que o Brasil conquistou, os alunos elegeram um português. Os canais de televisão aberta do país transmitem jogos de campeonatos nacionais e continentais europeus, cujas equipes possuem os melhores jogadores do mercado mundial.

lembrado negativamente pelos professores, mas perdoado e valorizado pelo julgo nacional.

A interpretação dos atores para a apropriação do “estilo nacional” varia com a compreensão do “dom”, enquanto “providência pós-facto” para os alunos e “ideologia do potencial” para os professores. Para os discentes o brasileiro já nasce com o “dom”, mas que só será reconhecido na socialização das técnicas corporais e aperfeiçoado com o treinamento. Para os docentes, é uma pré-disposição genética, fruto da miscigenação de raças, que incentivada culturalmente pela sociedade e precocemente pelos pais, permite o surgimento de talentos em quantidade. Damo (2005) utiliza-se de dados para contestar esta afirmação, ao apontar que países como Senegal (3,9 jogadores por milhão de habitantes do país), Argentina (1,84), Camarões (1,75) e França (1,13) exportam, proporcionalmente, mais jogadores que o Brasil (0,8) para o principal mercado europeu.

Olhando para dentro e para fora, os relatos dos entrevistados sobre o futebol brasileiro foram muito próximos do discurso hegemônico. Os alunos da Educar não reconheceram diferenças na forma de jogar dentro do Brasil, talvez por serem mais novos (média de doze anos) e imaturos, mas distinguiram do estrangeiro pela competência agregada nos títulos conquistados. Os do Flu Grajaú, mais velhos (média de dezesseis anos), afirmaram o carioca como dissimulado (característica do malandro) e individualista; o paulista, veloz, técnico e objetivo; os nordestinos voluntariosos; e o europeu mais voltado para a tática e a correria. Observe-se que as representações sociais sobre nós e sobre os outros já estão sedimentadas nessa fase sociatória que vivem esses adolescentes.

Os professores colocaram os contrários: o “futebol arte” do sudeste (Rio de Janeiro) e o “futebol força” do sul (Rio Grande do Sul), bem como indicaram a qualidade técnica, a capacidade de improvisação e a miscigenação racial como fatores de distinção em relação ao futebol mundial.

Apesar de toda a argumentação teórica dos atores, as aulas demonstraram que não há nenhum treinamento específico para desenvolver o “estilo nacional” e sua estética, o “futebol arte”. O drible, característica principal, é colocado em segundo plano, priorizando-se o passe, fundamento próprio para o jogo coletivo. Desta forma, a ginga depende exclusivamente do acervo motor do aluno, sendo a malandragem desestimulada e coibida pela disciplina imposta pelos professores.

Após o estudo, podemos afirmar que o “estilo nacional” foi construído culturalmente por jornalistas e acadêmicos, ratificado pelo capital simbólico dos títulos conquistados e pelos jogadores de sucesso, bem como mantido pela mídia, permitindo a continuação da tradição na memória social do povo brasileiro.

Ao mesmo tempo, a apropriação do movimento corporal do brasileiro ao estilo não lhe garantiu excelência, visto que outros países da América Latina tiveram influência afrodescendente e a mesma precariedade de estímulos que não se transformou em um futebol de qualidade (LOVISOLO; SOARES, 2005a). A diferença do Brasil está na valorização de uma estética, que com o tempo foi controlada, adequada ao jogo coletivo e aperfeiçoada no treinamento sob a orientação de bons treinadores.

O drible talvez seja o fundamento mais desprezado pelas escolas por ser fruto da miscigenação e/ou da cultura, não precisando ser ensinado,

devendo apenas ser domesticado. Essa deve ser em tese, a percepção nativa dos profissionais sobre a pedagogia do futebol no Brasil.

BIBLIOGRAFIA

ABRAHÃO, B. O. de L.; SOARES, A. J. S. ***A Identidade Racial Brasileira Dramatizada pelo Futebol***. Boletim FIEP, Foz de Iguaçu, v. 75, n. 2, p. 128-131, 2005.

ARCHETTI, E. P. ***Masculinidades: fútbol, tango y polo en la Argentina***. Buenos Aires: Antropofagia, 2003.

BACH, P. C. T.; OLIVEIRA, A. S. de O. ***Identidade e fronteiras nacionais em atletas esportivos: dos Jogos Olímpicos à Copa do Mundo de Futebol – 2006***. Universidade e estudos olímpicos: Seminários Espanha-Brasil 2006 / Miquel de Moragas & Lamartine DaCosta (org.); Bellaterra: Universitat Autònoma de Barcelona. Centre d'Estudis Olímpics, Servei de Publicacions, 2007, p. 524 – 537.

BARTHOLO, T. L.; ABRAHÃO, B. O. L.; SOARES, A. J. G. ***A construção romântica da trajetória de Mane Garrincha nos gramados brasileiros***. In VI Reunión de Antropologia del Mercosur, 2005, Montevideu.

BOURDIEU, Pierre. ***Como é Possível ser Esportivo?*** In: Questões de Sociologia. Rio de Janeiro, Marco Zero, 1983.

CAMPENHOUDT, L. C.; QUIVY, R. ***Manual de Investigação em Ciências Sociais***. Lisboa: Gradiva, 1998.

COSTA, Maria A. ***Sinergia e capital social na construção de políticas sociais: a favela da Mangueira no Rio de Janeiro***. Revista de Sociologia e Política, n.21. Curitiba, 2003.

CUCHE, Denys. ***A Noção de Cultura nas Ciências Sociais***. Bauru: EDUSC, 2002.

DAMATTA, R. ***Esportes na sociedade: futebol como drama nacional***. Sociologia da religião – CONSILIUM/225 – 1989/5. Petrópolis: Vozes, 1989.

_____. ***Universo do Futebol – Esporte e sociedade Brasileira***. Rio de Janeiro, Pinakothèque, 1982.

DAMO, A. S. ***Ah! Eu sou gaúcho! O nacional e o regional no futebol brasileiro***. Revista Estudos Históricos. Rio de Janeiro, FGV, v.13, n.23, 1999, p.87-117

_____. ***Do “dom” a Profissão – Uma Etnografia do futebol Espetáculo a partir da Formação de Jogadores no Brasil e na França***. Tese de doutorado a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2005.

DECACHE-MAIA, Eline. ***Esporte e Juventude no Borel***. Revista Estudos Históricos, número 23. FGV, 1999.

DI BLASI, Felipe. **Futebol, memória e identidade nas Copas do Mundo de 1958, 1962, 1966 e 2002**. Dissertação de mestrado a Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2005.

ELIAS, Norbert & DUNNING, Eric. **A busca da Excitação**. Lisboa, Difel, 1995.

FLORENZANO, J. P. **Afonso e Edmundo: A Rebeldia no Futebol Brasileiro**. São Paulo: Musa, 1998.

FREIRE, João Batista. **Pedagogia do futebol**. Campinas, SP: Autores Associados, 2003.

GARGANTA, J.; OLIVEIRA, J. E MURAD, M. (Orgs.) **Futebol: de muitas cores e sabores**. Porto: Campo das Letras (Saberes do Desporto), 2004.

GASTALDO, E. **A família Scolari somos todos nós, questões de identidade brasileira na Copa de 2002**. Anais do 26º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003. [cd-rom]

GIULIANOTTI, Richard. **Sociologia do futebol - Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões**. São Paulo: Nova Alexandria, 2002.

GUEDES, S. L. **O Brasil no campo de futebol: estudos antropológicos sobre os significados do futebol brasileiro**. Rio de Janeiro: Editora da Universidade Federal Fluminense, 1998.

_____; DAVIES, J. D. D.; RODRIGUES, M. A.; SANTOS, R. M. **Projetos Sociais Esportivos: notas de pesquisa**. 'Usos do Passado' — XII Encontro Regional de História ANPUH-RJ 2006:

GUTTMANN, A. **Games and Empires: modern sports and cultural imperialism**. N. York: Columbia University Press, 1994.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

HELAL, R. **Mídia e Esporte, a construção de narrativas de idolatria no futebol brasileiro**. Anais do 26º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Belo Horizonte-MG, setembro de 2003. São Paulo: Intercom, 2003.

HELAL, Ronaldo & GORDON JUNIOR, César. **Sociologia, história e romance na construção da identidade nacional através do futebol**, in R. HELAL et alii, *A invenção do país do futebol: mídia, raça e idolatria*. Rio de Janeiro: Mauad, 2001

HELAL, R., SOARES, A. J. & SANTORO, M. A. **Futebol, imprensa e memória**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos, VI(1):61-78, janeiro/junho 2004

JESÚS, G. M. de. ***Fútbol y modernidad en Brasil: la geografía histórica de una novedad***. Lecturas: Educación Física y Deportes, Buenos Aires, ano 3, n. 10, maio 1998. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 5 set. 2006.

LOVISOLO, H. R. & LUCERO, F. ***Educação Física Escolar: Esporte, Competição e Talento***. www.efdeportes.com/ Revista Digital - Buenos Aires - Ano 10 - Nº 92 - Janeiro de 2006. Acesso em 18/03/2007.

LOVISOLO, H. R. & SOARES, A. J. ***Darwin e o futebol***. Revista Eletrônica Polêmica, <http://geocities.yahoo.com.br/>, v. 14, n. Jul-Dez, p. 1-4, 2005a.

_____. ***De dentro e de fora: Futebol e imagens do Brasil***. Revista Eletrônica Polêmicas, UERJ, v. 13, n. Jan-jul, p. 1-4, 2005b.

_____. ***Futebol: A construção Histórica do Estilo Nacional***. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, v. 25, nº 1, set. 2003.

_____. ***O futebol é fogo de palha: a “profecia” de Graciliano Ramos***. Lecturas: Educación Física y Deportes, Buenos Aires, ano 3, n. 10, maio 1998. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com>>. Acesso em: 25 set. 2006.

_____. ***Rápida difusão do futebol: variabilidade de estilo e padronização***. Polêmica, Rio de Janeiro, v. 9, 2003.

MACARENHAS DE JESUS, Gilberto. ***Construindo a Cidade Moderna: A introdução dos Esportes na Vida Urbana do Rio de Janeiro***. Revista Estudos Históricos, nº 23. FGV, 1999.

MANDELL, R. ***Sport: a cultural history***. N. York: Columbia University Press, 1984.

MANGAN, J. A. ***The early evolution of modern sport in Latin America: a mainly english middle-class inspiration?*** In: MANGAN, J. A.; DA COSTA, L. P. (Eds.). Sport in Latin American society: past and present. London: Frank Class, 2002.

MAUSS, Marcel. ***As técnicas corporais***. Sociologia e Antropologia. São Paulo: Epu/Edusp, 1974

OLIVEIRA, A. L. B. de. ***Em busca de um sonho: o processo de seleção de talentos em escolinhas de futebol no Rio de Janeiro***. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Departamento de Educação Física - Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2006.

PASSADOR, Cláudia S. ***A responsabilidade social no Brasil: uma questão em andamento***. VII Congreso Internacional del CLAD sobre la Reforma del Estado y de la Administración Pública, Lisboa, Portugal, 8-11 Oct. 2002.

PEREIRA, Leonardo A. M. ***Footballmania: Uma História Social do Futebol no Rio de Janeiro***. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PIMENTA, C. A. M. ***Novos Processos de Formação de Jogadores de Futebol e fenômeno das "escolinhas": uma análise crítica do possível***. In: ***Peligro de Gol: estudos sobre deporte y sociedad en América Latina***. ALABARCES, Pablo (compilador). Colección Grupos de Trabajo de CLACSO, Grupo de Trabajo: Deporte y Sociedad, Buenos Aires: CLACSO, abril del 2000.

PROST, Antoine; VINCENT, Gerard (organizadores). ***História da Vida Privada, 5: da Primeira Guerra a nossos dias***. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

RIBEIRO, Carlos Henrique de V. ***Mais do que Pendurar as Chuteiras: Projetos Sociais de Ex-jogadores de Futebol Famosos***. Tese de doutorado a Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2004.

RIBEIRO FILHO, C. C. ***A Construção do Estilo Nacional na Formação do Atleta de Futebol Brasileiro***. Dissertação de mestrado a Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2007.

RODRIGUES, F.X.F. ***Modernidade, Disciplina e Futebol: Uma Análise Sociológica da Produção Social do Jogador de Futebol no Brasil***. Sociologias, Porto alegre, ano VI, nº 11, jan/jun de 2004, pg. 260-299

RODRIGUES, Nelson. ***"Complexo de Vira-latas"***. Castro, R. (org.) À Sombra das Chuteiras Imortais: Crônicas de futebol. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

RODRIGUES FILHO, Mário. ***O Negro no Futebol Brasileiro***. São Paulo: Civilização Brasileira, 1964.

REZER, Ricardo. ***A Prática Pedagógica em Escolinhas de Futebol/ Futsal – Possíveis Perspectivas de Superação***. Dissertação de mestrado UFSC. Florianópolis, 2003.

SALVADOR, M. A. S. ***A Memória da Copa de 1970: esquecimentos e lembranças do futebol na construção da identidade nacional***. Tese de doutorado a Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 2005.

SIMMEL, Georg. ***On individuality and social forms***. Chicago, University of Chicago Press, 1971.

SCAGLIA, Alcides José. ***O Futebol que se Aprende e o Futebol que se Ensina***. Dissertação de Mestrado UNICAMP. Campinas, 1999.

SEVCENKO, N. **Orfeu extático na metrópole**. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

SOARES, Antonio J.G. **Malandragem no Gramado: O Declínio de uma Identidade**. Dissertação de mestrado a Universidade Gama Filho. Rio de Janeiro, 1990.

SOUTO, S. M. **O nascimento da paixão e a gênese da derrota Um estudo de caso sobre o drama de Barbosa, o goleiro da Copa de 50**. Anais do 25º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Salvador- BA, setembro de 2002. São Paulo: Intercom, 2002.

SOUZA, C. A. M. de ; BARTHOLO, Tiago Lisboa ; SOARES, Antonio Jorge Gonçalves . **"Nova Geração" Football School: physical skills and morality**. The FIEP Bulletin, v. 77, p. 726-729, 2007.

SOUZA, Júlio César Couto de. **A transformação do futebol brasileiro: avanços e recuos na sua modernização e repercussões nas Categorias de Base**. Dissertação de mestrado a Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

VALENTIN, R. B. & Coelho, M. **Sobre as Escolinhas de Futebol: Processo Civilizador e Práticas Pedagógicas**. Revista Motriz, Rio Claro, v. 11, nº 13, p. 185-197, set/dez 2005.

DIRK, R.; Pinto, A. S.; de Azevedo, A. **Avaliando o sentimento de insegurança nos bairros da cidade do Rio de Janeiro**. XXVIII Encontro Anual da Anpocs, 2004.

TOLEDO, Luiz Henrique. **Lógicas no Futebol**. São Paulo: Hucitec, Fapesp, 2002.

WACQUANT, Loïc. **Corpo e Alma: notas etnográficas de um aprendiz de boxe**. Rio de Janeiro: Relume-Damará, 2002.

WEBER, Max. **Conceitos Básicos de Sociologia**. São Paulo: Centauro Editora, 2005.

Jornais

O Globo, Rio de Janeiro, 22 de julho de 2006.

Sites

www.7society.com.br

www.cbfs.com.br
www.revistafilantropia.com.br
www.pt.wikipedia.org
www.cbfnews.uol.com.br
www.google.com.br
www.isp.rj.gov.br
www.flamengo.com.br
www.brasilbola.kit.net
www.crvascodagama.com
www.futeboltotal.com
www.fluminense.com.br
www.flueducacaoessportiva.com
www.bolaprafrente.org.br
www2.rio.rj.gov.br/smel
www.suderj.rj.gov.br
www.portal.esporte.gov.br
www.vivario.org.br/segundotempo